

WLADIMIR OLIVIER

SEQUESTRO
SEGUIDO DE MORTE

GRUPO DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

ÍNDICE

Sem surpresa	
1. Prelúdio	
2. Sequestro	
3. O cativo	
4. As primeiras horas	
5. Primeira desesperança	
6. Decepção	
7. A primeira refeição	
8. Cantiga ao longe	
9. A grande fome	
10. Banho refrescante	
11. Ideias de fuga	
12. Conversa reveladora	
13. Quase sem forças	
14. Sem capuz	
15. Despertar revigorado	
16. Um dedo de prosa	
17. Confiança	
18. Um capricho do guarda	
19. Mordomias afetivas	
20. Pequenas tormentas	
21. A gravação	
22. Valiosa notícia	
23. Tentativas frustradas	
24. Leonel	
25. Suspeitas	
26. Liberdade	
27. Raciocínios lógicos	
28. O trabalhador rural	
29. Um dia penoso	
30. Primeiros momentos no hospital	
31. Teotônio medita	
32. Conversa elucidativa	
33. A cartilha	
34. Elucidações oportunas	
35. Imagens, finalmente	
36. Novos anseios	
37. Primeiro passeio	
38. Melhoria acentuada	
39. Recuperando a identidade	
40. Despertar	

SEM SURPRESA

Não queremos, de imediato, resumir os pensamentos e sentimentos que nos impeliram a vir ditar o texto aos encarnados. Sabemos, com certo temor, que não iremos lograr transmissão totalmente adequada aos padrões dos humanos, embora tenhamos como filtro o médium que nos assiste com desvelo e propriedade.

Não podemos adiantar o teor das comunicações, impedidos que estamos pela natureza mesma de nossos atributos espirituais, muitos deles imersos na penumbra do Umbral, porque não condizentes com as virtudes evangélicas que vimos aprendendo devagar, na qualidade de meros alunos da *Escolinha de Evangelização*.

Não se cansa de repetir nosso mestre Maciel que devemos conjugar esforços, no sentido de tornar mais práticas as mensagens, de sorte que um número cada vez maior de encarnados alcance entender os tópicos da doutrina que lhes faltem, para poderem frequentar o círculo seguinte de seu contínuo avançar evolutivo.

Assim sendo, o *Grupo dos Objetivos Específicos*, por mais estranho possa parecer tal denominação, não irá, prematuramente, senão que pausada e naturalmente, deixar fluir os pontos básicos dos intentos mediúnicos.

Que Deus nos abençoe e proteja durante o trabalho, fazendo-nos compreender a responsabilidade que nos pesa sobre os ombros! Que Deus abra o entendimento do médium, para absorver totalmente as vibrações de nós emanadas, traduzindo-as com eficácia para o linguajar humano, sem interferências que desvirtuariam os sentimentos dos emissores! Que Deus ajude os editores que se abalarem a divulgar o trabalho, infundindo-lhes n'alma a coragem de inovar, quanto às perspectivas de servirem aos semelhantes em campo eivado de inspirações melhores que as nossas. Que Deus nos perdoe a ousadia de sugerir aos leitores que, antes de nos condenarem os atrevimentos, estejam atentos para os procedimentos que lhes sejam habituais em desconexão com os ensinamentos de Jesus! Que Deus abra os portais de seu reino de amor, para quantos realizarem os desígnios imanentes nos espíritos desde a criação!

1

PRELÚDIO

Caprichoso, Teotônio punha muita vaidade no vestuário que o levaria à ópera. Também, pudera, era dono de vitrina de *prêt-à-porter*, com direito a desfiles exclusivos, pelas passarelas mais charmosas e badaladas!

Naquela tarde, dedicara-se a desenhar os modelitos do próximo verão, buscando esquecer os figurinos do último ano e as informações que lhe chegavam do outro lado do mundo. Queria, o mais possível, navegar escoteiro pelas águas túrbidas desse arraial de amores-próprios, conquanto a memória lhe prescrevesse certas tonalidades, certas texturas, certos cortes, para não se espraiair demasiado pelos desvarios da obra que nem as manequins teriam prazer em vestir.

Vira várias apresentações de vanguardistas e pioneiros, a experimentarem novidades absolutas, como papel, metal, vidro, plástico e até o elétrico e o eletrônico. Queriam, evidentemente, fixar o nome na mentalidade da mídia e nas gordas contas bancárias dos patrocinadores. Ele, ao contrário, não poderia ofender o princípio de que a moda a serviço do vestir deveria, sempre, ser cordata com a mediania do bolso e do gosto de freguesia cativa.

As reflexões bailaram-lhe no cérebro, enquanto as mãos ágeis fizeram os traços criarem figuração no painel iluminado do computador. As cores se mesclavam ao comando dos botões e do nada brotavam as flores que iriam matizar as alcatifas dos corredores e dos salões. Os termos não se ajustavam com perfeição à nostalgia romântica inconsciente.

Retocou a maquilagem suavíssima, porque não abria mão de sombrear discretamente as pálpebras, afagou o *ego* que se punha diante de si ao espelho de cristal da câmara em que se preparava para as ocasiões de gala, deu dois ligeiros toques nos brincos de esmeralda e brilhantes que ponteavam o lóbulo da orelha esquerda e cantarolou, embevecido, trecho da ária da *Tosca*, cuja degustação harmônica prelibava em soberbo vibrato de tenorino.

Dava ênfase, sem alcançar os tons mais agudos, aos temas da soprano, e se punha de guarda quanto às sugestões maldosas de que se envolvera com famoso tenor, que desfilara modelos seus roubados às inspirações femininas. Foram bons amigos, nada mais, mas a evidência de seu nome iluminara as crônicas dos periodistas sociais por mais de quinze meses. Enquanto isso, dava tempo ao tempo, porque novas ilusões preencheriam a

imaginação do público, sempre ávido pelas novidades dramáticas dos romances fora de hora.

Lembrou-se de que deveria chegar a tempo de ser admirado, incensado e, principalmente, endeusado pela imprensa atenta aos que se projetam pelo espaço sideral, arrastando a cauda iluminada, na qual brilham de empréstimo os...

— Sete horas! Não vou preocupar-me com quem não tem categoria para abrir caminho, seja para onde aponte a proa do seu barco. Alô! Leonel, esteja junto à porta da frente em três minutos. Estou saindo.

SEQUESTRO

— Vamos pelas ruas principais, que eu tenho medo de escuro e de isolamento.

Leonel buscava fintar o trânsito engarrafado, mas se via obrigado a longas paradas, atrás de filas intermináveis.

— Ainda bem que saímos cedo. Com este movimento, meu caro, iríamos desembocar no teatro depois do primeiro ato.

— Se quiser arriscar, eu sei um caminho que poderá nos levar mais depressa.

— Não me arrisco, mesmo. Siga devagar, mas não saia das ruas principais.

Leandro não se importava com o horário. Queria deixar o patrão instalado, para seguir de volta. Por tradição, alguém o levaria até o apartamento, que de táxi jamais se atreveu, dado o temor do contato com o vulgo. Era como sentia o pobre motorista, pelas vezes que fora chamado à atenção pelo costureiro. Mas o ordenado era razoável e o trabalho muito leve.

Tendo adentrado o túnel, o trânsito se complicou ainda mais. No entanto, dava para perceber que estava livre a abertura do outro lado. Algum maldito desastre retardava a marcha dos veículos.

De repente, batem forte no vidro ao lado do motorista. Mal deu tempo para voltar-se e já uma rajada de metralhadora estilhaçava a janela lateral. Sem pressa, uma mão certa se enfiou até a lapela do coitado e uma voz ameaçadora se fez ouvir:

— Abra a porta!

Leonel não pensou duas vezes e já se encontrava estirado no asfalto. Pela sua porta entraram dois indivíduos encapuzados, enquanto o forte barulho de duas motos se distanciava. Não dera tempo para nada e o carro desaparecia sob a luz dos faróis dos que se viam obstados de prosseguir, pelo abandono de dois veículos no meio da via.

— Fica quieto que você não morre!

Teotônio, encolhido sobre o banco, em posição fetal, sentiu as calças molharem-se tépidas. E desmaiou.

O CATIVEIRO

Até o final da viagem, aos solavancos, perturbou-se Teotônio, imaginando como é que poderia ter sido apanhado pelos malfeitores na via pública, em meio ao volumoso trânsito. De imediato, lhe veio ao pensamento que a confusão do tráfego fora causado para seu sequestro, o que o levaria a ter de desfazer-se de seus bens. Aí, vinham-lhe de atropelo à mente as lembranças mais disparatadas, imagens de personagens do vídeo agradecendo ao povo e a Deus o terem sido libertados saudáveis, os cadáveres de reféns assassinados, as hediondas figuras de bandidos aprisionados, os primórdios da luta profissional, as horas de angústia na expectativa dos primeiros sucessos, a família, mamãe à frente, afligindo-se pelo desaparecimento do filho, papai, angustiado pelas exigências e ameaças, a maninha, reunida na congregação espírita, orando pelos protetores, o cunhado, afoito, buscando organizar a vida na fábrica, dando ordens para que os eventos não se atrasassem, o dinheiro no banco, escasso, pelas altas aplicações...

— Põe isto aí na cabeça! Já!

Era um gorro com abertura para a boca, fechado nos olhos, que espremia o nariz e apertava nas orelhas, justo, de couro preto. Sentiu que lhe fechavam o nó na garganta. De relance, pôde perceber que a mão era clara, apesar da luva, porque o relógio dourado a enrugara naquele ponto. Foi o único contato visual que teve com os sequestradores.

Pensou que iriam agredi-lo, que iriam dopá-lo, que iriam carregá-lo e jogá-lo em algum canto sórdido e fétido de imunda casa ou ao fundo de caverna, no meio do matagal de algum morro, ou que iria ser armazenado em caixa de papelão ou madeira, exígua, na qual iria ter de fazer as necessidades e comer... E os remédios para a pressão e para o coração? Tinha de informar...

— Sai daí sem gracinhas!

Foi empurrado e forçado a se esticar fora do automóvel.

Seguro pelo braço, foi conduzido por exatos dez passos.

— Degrau!

Tropeçou e foi amparado. Sentiu que entrava em alguma casa, pelo cheiro penetrante de carne frita e tempero. Isso lhe deu certo alívio. Ao menos, haveria alguma mulher a cuidar do cativo. Quanto tempo ficaria?

Depois de alguns safanões, achou-se junto a uma parede.

— Sente-se! Levante a mão! Esse arame é que vai dar as direções em que você poderá andar.

Sentiu que lhe estavam passando uma corrente pela canela.

— Fique sempre no colchão! Para ir ao banheiro, bata palmas, fique de pé, e siga o arame até o chão frio. Faça as necessidades e volte. Tudo vai dar certo, se fizer como estamos mandando.

As ordens eram dadas como se a pessoa estivesse com um lenço na boca. Disfarçava. Será que era alguém conhecido?

Levantou a mão, para pedir permissão para falar.

— Que é que você quer?

— Quanto dinheiro vão pedir?

— Quanto você tem?

— No banco, duzentos mil. Em casa, mais dez.

— Vamos pedir três milhões.

— Santo Deus! Onde é que eu vou arrumar tudo isso?

— Você não vai arrumar nada.

— Eu preciso...

Ouviu uma porta bater e correr um fecho. Estava sozinho. No escuro. Perdido.

— Tem mais alguém junto comigo?

Nenhuma resposta.

AS PRIMEIRAS HORAS

Imerso na escuridão, Teotônio extasiava-se com a possibilidade de vencer as horas de angústia. Queria tornar o cativeiro proveitoso, porque seria como vencer a si mesmo. Jamais pensara em nada parecido, avesso que era aos dramas e tragédias. No entanto, afigurava-se-lhe que era mais fácil de ultrapassar os limites da dor, quando se é forçado pelas circunstâncias.

— Se me pedissem sacrifícios voluntários, eu não daria nada de mim, porque não vejo utilidade alguma em torturar-se a criatura.

Admirava-se com a desenvoltura da linguagem, ao contrário do cruzar dos pensamentos de há bem pouco tempo atrás. A solidão parecia tornar-lhe a mente bem clara, como nos momentos mais lúcidos das composições das bem sucedidas confecções.

— Se tiver de ficar preso por mais de vinte dias, terei ensejo de imaginar um livro em que contarei todas as nuances emocionais por que deverei passar. Se me mantiverem alimentado e se me trouxerem os remédios, ainda espantarei todo o mundo com minha capacidade de reflexão e de superação das dificuldades.

Mas as sombras da situação perpassaram pelo horizonte dos pensamentos, quando se lembrou de que poderiam arrancar-lhe uma orelha, para enviar aos pais.

— Não vão encontrar problema nenhum na identificação, se deixarem os brincos.

Certo arrepio perpassou-lhe pela medula da espinha e ele se encolheu de encontro à parede, que pareceu fria e úmida. As calças estavam encharcadas.

— Que grande coragem vou demonstrar, se, no primeiro embate, mije-me todo?!... Sentiu nitidamente que a palavra *embate* lhe surgira do nada no intelecto.

— Devo prestar atenção a esses lances inusitados. Parece que as ideias explodem em minha cabeça, independentes da vontade e da escolha da terminologia... Terminologia?!... Estarei sendo conduzido pela vontade imperiosa dos sentimentos sobre os quais não tenho domínio? Estarei tão apavorado que se despertaram em mim as reações de todas as defesas embutidas no inconsciente?

Nesse ponto, embaralharam-se as imagens. Via-se em meio a revolução, cantando hino de fundo nacionalista. A fuzilaria estrondava. Gritos de dor e de angústia feriam o espaço. Por todo lado, clarões seguidos do ribombar dos trovões, espargiam o cheiro da pólvora. O céu, enegrecido pela fumaça dos canhões e dos incêndios, rajava-se dos coriscos

da metralha. Sentiu-se ferido no peito. A quentura do sangue se esparramava e escorria pelo ventre. Parecia estrebuchar. Fez um esforço para acordar e sair da aflitiva posição.

Despertou inundado de suor, que escorria por sob a máscara e se acumulava no pescoço. Passou a mão por sobre os olhos tapados e a aspereza do couro magoou-lhe as pálpebras, deixando forte ardência dentro dos olhos. Pela primeira vez, chorou, vendo-se joguete nas mãos de feroz destino.

PRIMEIRA DESESPERANÇA

Parecia que o tempo estava transcorrendo de forma rápida. Acordado, julgava que a madrugada ia alta. Sentia fome mas não ousava dizer nada, para não acordar e não provocar os bandidos. Tentou desatar o nó que lhe prendia fortemente a máscara ao pescoço, mas não conseguiu. Verificou que havia um cadeado atrás da nuca. Certamente, os sequestradores não eram novatos.

— Esses miseráveis vão acabar conseguindo o que querem, à custa de me deixarem na miséria. Tenho o nome bem conceituado e, mesmo que perca tudo, em pouco tempo me reerguerei, com certeza. Basta não tomar a iniciativa de chuchar os leões com vara curta.

Quis saber se era fácil acompanhar o arame até a privada. Ergueu-se, dolorido, friccionou as pernas, mas sentou-se de novo. Teria de bater palmas, conforme a recomendação. Aí, iria fazer o barulho que julgava inconveniente.

De qualquer maneira, pôs-se a alongar os músculos, conforme hábito antigo, que se mantinha graças ao fato de frequentar as aulas de musculação e de aeróbica na academia. Verificou que o colchão não era grosso mas, silencioso, não iria indicar as flexões.

— Ainda bem que estou em ambiente arejado, apesar de a respiração não ser a melhor, com o nariz pressionado. De qualquer modo, pela boca, o ar entra livremente.

Aspirou algumas vezes com força e sentiu-se meio tonto. Percebeu que a fome se unia ao estresse para o efeito da fragilidade muscular.

Criou coragem, levantou-se e bateu palmas. Imediatamente, ouviu o trinco correr.

— Preciso ir ao banheiro.

— Vai!

Esperou que a porta se fechasse, mas nenhum ruído indicou que sua expectativa se consumasse. Lentamente, foi seguindo a trilha aberta pelo corrimão, até que sentiu, descalço, o solo frio da laje desnuda. O arame descia, obrigando-o a abaixar-se, o que provocou o encontro da bacia malcheirosa. Tateou o contorno e sentou-se, pronto para defecar. O máximo que conseguiu foi expelir um pouco de urina. Apalpou ao redor para ver se encontrava papel ou jornal, algo com que se limpar. Na parede, ao lado, havia um rolo. Serviu-se, fingindo que obrara alguma coisa e procurou um cesto para depositar o papel, que costumava dobrar várias vezes.

— Jogue no chão mesmo.

— Tem descarga?

— Atrás de sua cabeça.

A voz não se disfarçava, mas não era a mesma. Acionou o botão da válvula, considerando que a parede era forrada de azulejos. Isto lhe garantia certo conforto. O som da água escorrendo lhe dava a certeza de que não iria ser maltratado.

— Muito obrigado!

— Volte pro seu lugar.

Teotônio não teve dificuldades para retornar, mas se sentiu estranhamente observado. Iriam ficar testemunhando todas as suas idas ao banheiro? E se precisasse tomar banho?

— Posso falar?

— Pode.

— Eu tomo comprimidos para pressão alta e para regular o ritmo cardíaco.

— Serão providenciados.

— Obrigado! Devo dizer os nomes dos remédios?

— Seus pais dirão.

Calou-se, já deitado. Queria pedir comida, queria que lhe tirassem a máscara, queria ter alguém com quem conversar. Ouviu que a porta se trancava.

Pensou na hora que seria e estranhou que mantivessem alguém de plantão. Refletiu sobre todas as palavras ditas e se fixou nas últimas. Quer dizer que iriam convencer os pais a pagarem o resgate? Mas eles não estavam a par de nada! O seu auxiliar direto, o gerente da fábrica, poderia não se envolver sentimentalmente, emocionalmente. Precisavam de quem tivesse razões poderosas para mantê-lo vivo.

Sem que pudesse controlar-se, sentiu que lhe tremia o corpo todo. Não chorava, mas terrível tremor de frio dava-lhe a agonia dos moribundos. Imaginou que fosse morrer.

— A pressão... a pressão...

E desmaiou.

6

DECEPÇÃO

— Levanta, vamos! —, gritaram-lhe ao ouvido, com um pontapé nos costados.

Teotônio tinha passado um tempo perdido para a consciência do local e da situação. Acordou com tremenda dor de cabeça. Demorou para localizar-se, como se estivesse bêbado. Tentou levantar-se, apoiando-se na parede, mas caiu. Uma forte mão agarrou-o pelo pescoço e obrigou-o a erguer-se. As pernas tremiam. Não foi capaz. Outro pontapé fez com que gemesse de dor. Queria falar mas lhe faltava o ar. Começou a gesticular, imprimindo aos braços movimentos extensos, como se estivesse em pleno nado de costas.

— Está representando!

— Está é apavorado. Acho que nem consegue entender o que estamos dizendo. Deixe ele deitado mesmo.

Teotônio reconheceu que os meliantes se acalmavam, com a voz imperativa do mandachuva.

— Você está me ouvindo?

O som parecia vir de muito longe.

— Estou, disse com voz quase inaudível.

— Você não está passando bem?

Juntou o que pôde de força e tartamudeou:

— Acho que estou passando por uma crise do coração.

— Só faltava essa, agora. E eu que não quis que comprassem os remédios.

O costureiro percebeu que falavam em voz baixa, mas não conseguiu decifrar palavra.

— Vamos tirar a sua máscara, mas você não vai poder se virar. Está claro?

Teotônio deu que sim com a cabeça. Sentiu que o viravam e que lhe tiravam o capacete de couro. Foi como se tivesse ressuscitado. Queria agradecer, mas a escuridão permanecia insondável.

— Nós vamos ter de gravar uma fita, pra mandar pros seus pais. Você vai dizer pra eles que devem pagar o quanto antes, porque está sofrendo muito.

Com a mão levantada, queria permissão pra falar. Nenhuma resposta. Passaram-se agoniados minutos. Parecia uma eternidade.

— Diga o que você tem pra dizer aos seus pais. Estamos gravando.
Com a voz sumida, Teotônio conseguiu umas frases:

— Pai, mãe, façam como estão pedindo, pelo amor de Deus! Estou passando muito mal, sem remédios e sem comida...

Foi interrompido:

— O começo está muito bom. Fale que você foi esmurrado e que está com a perna quebrada.

— Posso fazer uma pergunta?

— Que é que você quer?

— Por que é que vocês estão precisando desta fita? Eles disseram que não querem pagar?

— Mais ou menos isso. Eles pensam que você está morto. A fita vai fazer com que se lembrem de que, quanto mais demorarem, pior vai ficar. Mais alguma coisa?

— Vocês ainda estão querendo os três milhões?

— É isso aí.

— Então, vai ser muito difícil, porque os meus haveres estão aplicados.

— Deixa de ser tonto. Que aplicação que nada. Eles que emprestem do banco. Que deixem os teus bens penhorados. A tua fábrica e a tua loja valem mais que dois milhões, fora as casas, apartamentos, carros, joias, terrenos, ações. O teu inventário chegou a dez milhões. Três é bem pouco.

— Se eu fosse levantar esse dinheiro, ia ser difícil. Imagine pros velhos ignorantes.

— Eles que se virem. Você já falou demais. Até parece que está fingindo esse chique aí. Agora fala o que eu te mandei. O gravador está ligado.

— Eles me quebraram a perna e me disseram que vão me matar, se não pagarem direitinho o resgate. Pelo amor de Deus, façam o que estão pedindo! Depois a gente dá um jeito de recuperar o que perder.

— Está muito bom!

— Vocês podem me dizer quantos dias já estou aqui?

— Vai ficar sabendo quando sair; se sair...

— Será que eu podia ficar sem a máscara?

— Por enquanto não. Quando for a hora, a gente tira.

— E os meus remédios?

— Nós vamos te dar, porque quem sabe a gente vai precisar gravar a tua voz de novo. Quais são?

— Meus pais não disseram?

— Nem quiseram saber.

Teotônio recitou maquinalmente os nomes dos dois remédios e pediu comprimidos para dor de cabeça. Assim que terminou, a máscara foi recolocada e a porta teve o ferrolho passado.

— Por que foi que me tiraram a máscara, se não me deixaram ver nada? Por que é que meus pais não pagaram ainda? Será que vão precisar de mais tempo para arrumarem a quantia?

Lembrou-se de que muitos bandidos se contentaram com seiscentos mil ou um milhão. A maioria das vítimas não revelava de quanto foi o pagamento.

— Será que a polícia está a par de tudo?

Desconfiou de que tivessem matado o motorista. Aí o sequestro ia ser acrescido de homicídio.

— Será que Leonel está metido nisso? Não deve estar: fui eu que não quis que se desviasse do caminho. Se tivesse desviado, agora eu ia desconfiar dele.

E perdeu-se imaginando como é que vivia Leonel com o salário de oitocentos reais. Viu o coitado com os filhos no Maracanã, suando as penas com a infelicidade do Mengo.

— Por que será que só ideias tristes me vêm à cabeça? Será que a mãe vai acreditar que me quebraram a perna? Será que os miseráveis vão mesmo me matar? Será que a polícia?...

Sentiu que os pensamentos se desarvoravam. Começou a delirar. Estava febril e não tinha nem o conforto de uma água limpa para molhar a língua.

A PRIMEIRA REFEIÇÃO

Quando pareceu a Teotônio estar há mais de dois dias imerso nas sombras, tendo perdido a conta das vezes que precisou ir ao banheiro, nem sempre atendido com a presteza das palmas, recebeu ordem para se alimentar.

Deram-lhe um pedaço de pão velho com margarina e um copo de leite com café. Sentiu náuseas ao sorver o líquido quente, porque não tolerava a nata grossa boiando. Mas tomou tudo, ávido, ganancioso, como se fosse aquela a derradeira refeição.

— Você vai ficar com um litro de refrigerante, pra tomar o remédio. Mas nós é que vamos dar, para que não tente se matar. Está claro?

Mal conseguiu responder:

— Sim. Está claro!

Não lhe passaria jamais pela cabeça que deveria pôr fim à vida, para livrar-se do sofrimento. Em todo caso, a observação pareceu-lhe justa, porque a desesperança do isolamento e a pressão da violência poderiam tornar o sequestrado tendente ao suicídio.

— Por que sofrer nas mãos dos perversos malfeitores, se a própria pessoa pode passar para o outro lado, abreviando a angústia?!...

Essa ideia poderia ter desenvolvimento, se não se sentisse melhor, tendo forrado o estômago, sem ouvir xingamentos ou ameaças. Recebeu os comprimidos na palma da mão, bem como lhe puseram na outra a garrafa, para que bebesse no gargalo.

Lembrou-se de que, se quisessem sedá-lo ou envenená-lo, era ele mesmo quem iria administrar-se a dose perversa. Por isso, deixou que os comprimidos se dissolvessem mais ou menos, para sentir o paladar conhecido. De fato, havia um amargor muito semelhante àquele a que estava habituado.

— Você está tomando também um comprimido pra dor de cabeça.

— Muito obrigado!

Gostaria de conversar, mas, sem olhar o outro nos olhos, não se atrevia. Punha-se a meditar como é difícil de tratar as pessoas sem vê-las. Até para telefonar, a imaginação age em auxílio da composição do interlocutor, porque a pessoa é posta com um fone no ouvido. Mesmo que a realidade seja completamente outra, o assunto vai destacando as reações de forma previsível. Quanto a conversar com alguém que estava dilapidando-lhe as posses, não poderia estabelecer nenhum vínculo afetivo que não fosse o do ódio, da aversão.

À vista de ter de agradecer os pequenos favores, punha-se temeroso de que poderia falar algo inconveniente e, então, acabariam as refeições, o remédio e até o silêncio do cômodo.

Lembrou-se de haver lido que muitos ficavam ouvindo fitas de músicas em alta vibração, para que não viessem a reconhecer o local do cativeiro. Ali onde estava, não ouvia sequer a sirene das fábricas, o ruído das buzinas ou o cantar dos pássaros. Se lhe perguntassem que sons poderia identificar, não haveria nenhum outro que não fossem os do momento do sequestro.

— Será que o mal-estar das primeiras horas foi causado por algum produto que me fizeram inalar, como clorofórmio ou éter?

Pensou muito a respeito e concluiu que bem poderiam ter aplicado alguma injeção, que ele não teria sentido nada. Bem que poderiam tê-lo transportado para a zona rural e enfiado em algum túnel, com ventilação muito fraca. Mas o azulejo do banheiro desmentia a hipótese.

Começou a cansar-se de pensar nas circunstâncias em que se via mergulhado.

— Se não tomar cuidado, acabo ficando louco. Que posso fazer?

Lembrou-se de rememorar todos os principais lances da vida.

— Não é isso que fazem os que estão em vias de morrer?

CANTIGA AO LONGE

De repente, apurou o ouvido e reconheceu que alguém entoava uma modinha popular, mistura de brejeirice e de pornografia, letra adulterada, não sem sugestão da original.

Teotônio se sentiu menos vulnerável. Algo havia familiar ao derredor, algo em que se apoiar, caso precisasse entabular conversaço. Não era a *Tosca* que pretendia assistir, mas a voz lembrou-lhe o tenor do ano passado.

Buscou reconhecer se era homem ou mulher que cantava, mas foi incapaz de perceber, tão distante se encontrava o som, mesmo porque o grosso capacete de couro impedia-o de saber de onde vinha o canto.

Negou-se, contudo, a desistir e firmou o propósito de perguntar na primeira oportunidade, para que...

Seu pensamento se interrompia a propósito de nada, sempre que se estimulava em relação aos carcereiros. Seria de ódio ou de excessivo medo a reação contrária aos malfeitores?

— Quem será que deseja tanto ficar rico a ponto de se arriscar de maneira integral, não apenas no que respeita ao mundo físico, como ainda ao do espírito?

Punha-se diante da morte e do castigo eterno. Segundo a irmã, a vida era simples trânsito por dimensão restritiva, com regras e dispositivos próprios, cheia de leis específicas, irreconhecíveis se outros fossem os termos existenciais, como no caso de se alimentar e repousar, para que o organismo possa restabelecer-se energeticamente.

— Se eu tivesse lido os livros que ela me deu, talvez tivesse mais subsídios para a meditação. Em todo caso, a mãe iria simplificar as coisas, dizendo que, se os bandidos me matarem, eu serei levado ao Purgatório. E, se eles morrerem em combate com a polícia, cairão no Inferno, para eternal sofrimento. É bem verdade que o que me estão causando é suplício com que não contava, mas daí a queimarem em fogo sem fim, chuchados pelos demônios, vai distância incomensurável. Isto que estou passando pode até ser parecido com purgatório, conquanto, para se transformar em inferno, baste muito pouco: que os caras façam o que me obrigaram a gravar. Se eu estivesse com as pernas quebradas, estaria curtindo a atrocidade de perspectiva muito ruim.

Imaginou as masmorras e subterrâneos dos castelos medievais, onde os pobres condenados por magia ou feitiçaria eram torturados e viu-se em situação até confortável. É verdade que comia pouco, mas tinha a garrafa de refrigerante, o leite e o pão. E se não lhe dessem nada, nunca? Por certo, a cabeça iria ficar em pandarecos, como ocorreu nas primeiras horas. Agora, o pensamento estava mais claro, talvez por ter forrado o estômago.

— Por falar nisso, quando será que irão trazer um pouco mais de comida? Estou começando a sentir fome.

Passou a mão pelo abdômen. Estava murcho. Lembrou-se de que vivia fazendo regime para manter os setenta e dois quilos do equilíbrio necessário com os seus metro e oitenta e cinco de altura. Vestia de suas confecções e apresentava-se impecável em cada situação social. Com que cuidado preparara-se para a noite operística! Devia estar ridículo com a roupa de gala amarfanhada, transformada em pijama.

— Ainda bem que me deixaram com o paletó. Sem nenhuma coberta, estaria fácil de me gripar, sem pensar em pneumonia ou...

Pensou que lhe disseram que fora vacinado contra todas as doenças, na época oportuna. Tomou BCG para a tuberculose. Nunca soube de ninguém com essa doença. Só através da literatura e pelo conhecimento dos poetas românticos, no curso colegial.

— E se eu compusesse alguma poesia, para narrar o meu estado emocional, nesta circunstância? E lá eu tenho os conhecimentos técnicos necessários?! Quando tentei alguns versos, estava lendo Drummond e sua poesia livre, coisa como a ridicularização da rima: “Mundo, mundo... Raimundo”. Não atinava com o restante. “A rima não seria a solução...” Será isso?

Pensou na educação moderna e na rejeição das tentativas dos professores para que decorasse textos. Julgava excessivamente tolo papagaiar a criatividade alheia. Tanto que buscava fazer os seus modelos bem longe da inspiração haurida dos concorrentes ou dos mágicos franceses e italianos.

Notou que a voz se apagara e que o silêncio pesava no ar úmido do cômodo.

— Será que me deixam escrever os meus pensamentos, para que possa manter-me vivaz e atento?

Antes que tivesse oportunidade de pedir papel e lápis, disseram-lhe:

— Você vai continuar de máscara. Não deixaram tirar. Tome um prato de comida. Não tenha medo: foi comprada num restaurante. Mas você vai ter de comer com as mãos.

Sentiu que lhe passavam um prato de plástico. O cheiro até que estava bom. Mas a comida estava fria. Era feijão com arroz; tinha uma verdura cozida, que pensou ser espinafre. Havia um bife duro, com gosto de pimenta e de cebola refogada. Estava excessivamente salgado, para a sua dieta de pouco sódio. Desejou mostrar que aquele não era o melhor para ele, mas se desencorajou.

— E se me levarem embora tudo?

Suspeitou de que, se deixasse alguma coisa sobrando, poderiam diminuir a quantidade. Então, resolveu comer tudo.

Enquanto comia, voltou a ouvir aquela mesma longínqua cançoneta. Insopitáveis, lágrimas invisíveis correram-lhe pela face, sem que se envergonhasse delas.

— Bendito capuz!

A GRANDE FOME

— Ainda bem que comi tudo o que trouxeram. O estômago me aperta e me sinto vazio, completamente. Será que eles querem que me sinta fraco e deixe de raciocinar com esperteza, para que não tenha ideias de fuga? No entanto, a sensação de fome me desperta da sonolência e me põe os sentidos mais vivazes, porque sou capaz de sentir as nuances dos odores. Se ficar aqui por mais de ano (se Deus quiser, isso não vai acontecer!), irei ser capaz de identificar tudo que é cheiro. Bom para a fabricação de perfumes, o que tenho postergado...

Parou para pensar sobre *postergado*. Lembrou-se de que se preparava para as entrevistas, retendo na memória umas palavras que escapavam ao ramerrão, para impressionar, para justificar o fato de que o estivessem valorizando, para tornar-se único dentre os marasmáticos representantes da cultura da alta costura nacional.

Teotônio orgulhava-se de possuir representação em Paris, modesta loja em que testava a repercussão dos cortes em campos estrangeiros, por onde andava uma vez ao ano, sempre desligado da necessidade de faturar mas empenhadíssimo em avaliar a repercussão das confecções.

— Os bandidos devem ter sido informados por alguém de dentro da empresa.

Perpassou os empregados desligados desde os primórdios de seu estabelecimento no ramo, mas não chegou a caracterizar ninguém que pudesse ter saído magoado. Ao contrário, muitos se encontraram bem melhor profissionalmente junto aos fabricantes e outros abriram negócios próprios.

— Então, só pode ser alguém que lá está... Santo Deus, fui eu mesmo que dei todas as dicas! Por que foi que desejei aparecer nas revistas, fazendo a própria apologia das posses? Até a minha casa, deixei que fotografassem e divulgassem. Não há de ser difícil para a gente do sequestro saber quem tem e quanto tem. Basta que busquem nas páginas coloridas...

Deitou-se de costas, estirou-se, sentindo o alongamento dos músculos. Não se sentiu zozzo. Começou a série de abdominais, lentamente.

— Vê se fica quieto!

Foi interrompido por áspera voz. Resolveu que podia falar:

- Desculpe-me. Pensei que estivesse sozinho.
- Pois não está.
- Quando é que vou comer de novo? Estou com fome.
- Não é de sua conta.
- Perdão, mas não estou fazendo nenhuma exigência. Só que...
- Então, cala a boca!

Dolorosa pancada lhe foi dada nos costados. Sentiu que o lugar estava ferido pelos golpes anteriores. Começou a gemer baixinho, enquanto apalpava a região inchada.

Desconfiou de que havia alguma costela quebrada ou, ao menos, trincada. Não se sentia à vontade para massagear. Pensou em perguntar se poderia fazê-lo, mas o *cala-a-boca!* tinha sido incisivo demais.

Rolou sobre o lado bom, voltando o rosto para a parede, que tocava com a ponta dos dedos. Ficou cismando sobre a maldade das pessoas. Aumentava a dor mas não quis fazer escândalo, continuando a gemer o mais baixo que podia. Ouviu que corriam o ferrolho. Imaginou-se sozinho.

— Se eu continuar sendo maltratado, vou morrer em alguns dias. Por que será que as pessoas querem ganhar tanto dinheiro de uma vez? O trabalho que eles têm para formar um grupo sem delatores, para arrumar um cativo seguro, para manter o sequestrado vivo, não deve ser empresa de pequeno porte. Quantos será que participam desse crime? Umas dez, vinte pessoas. Três milhões é muito dinheiro, mas, descontado o que gastaram e depois de dividido o lucro, vão sobrar uns cento e quarenta ou, na melhor das hipóteses, duzentos e oitenta mil para cada um. Vão comprar uma bela casa...

Achou que possuir casa para tais indivíduos era inútil.

— Será que vão aplicar em outros negócios, como o tráfico de drogas, o lenocínio, o jogo do bicho? Aí, o lucro vai dispersar-se ainda mais, porque a quantidade de pessoas envolvidas, desde policiais e políticos corruptos até os mequetrefes da distribuição a varejo, é por demais expressiva. Nunca tinha pensado nesse exército de marginais que sobrevive às custas dos vícios e dos crimes. Só não entendo por que é que batem nos sequestrados. O que posso fazer para prejudicá-los?

Ficou pensando nos *calos*.

— Será que só eu sei onde é que me apertam os sapatos?

Em outros tempos, teria sorrido do gracejo. Do jeito amargurado que estava, somente percebeu que esse tipo de brincadeira poderia ser a solução para passar o tempo. Mas não pôde ir mais além, tanto lhe apertava a fome.

— Já se passaram uns cinco dias, desde a última refeição. Esvaziei três ou quatro garrafas de refrigerante. O remédio, me deram apenas uma vez. Será que eles pensam...

Não conseguia imaginar o que poderiam pensar.

— Eu acho que eles não estão nem um pouco preocupados com o meu bem-estar. Se eu morrer, livram-se do cadáver e pronto! Estou vivo ainda porque querem que eu grave mais alguma mensagem. Será que devo rezar para que não paguem o resgate?

Recordou-se de ter chorado nas primeiras horas. Devia agora ser mais cordato com os sentimentos, auxiliando-os com os pensamentos positivos de quem confia em que Deus é justo pela própria natureza.

— Existirão Céu e Inferno? Por que os santos não me aparecem, para me confortarem e me deixarem patenteado que, ao morrer, as pessoas são recebidas na eterna glória do Pai. Jesus, que dizem que está no coração de tanta gente, por que é que não inspira os malfeitores para me manterem vivo?

Buscou na memória as preces de antanho. Não passavam da ave-maria e do padrenosso. Tinha feito a primeira comunhão e sabia, naquela época, o Ato de Contrição. Quando pequeno, repetia ainda o Credo...

— *Creio em Deus—Pai... na Santa Igreja Católica... na comunhão dos santos ... na remissão dos pecados... na ressurreição da carne... na vida eterna...*

Estranhou que as palavras lhe vinham à consciência, com sentido.

— Preciso investigar o que significam esses termos. Vai ser bem melhor que gracejar.

Optou por filosofar, mas não demorou para adormecer, sentindo a dor nas costelas e o vazio nas vísceras.

BANHO REFRESCANTE

Teo, como era conhecido nos meios empresariais e jornalísticos, teve a impressão de que algo não ia bem em sua vasta cabeleira. Sentia comichões e ansiava por roçar as unhas por entre os cabelos, o que a grossa toca impedia.

— Devo estar infestado de piolhos e lêndeas. Santo Deus, mais esta agora! É sofrimento adicional, com que não contava. Se me tirassem a maldita máscara, poderia me cuidar, mesmo que tivesse de lavar a cabeça na bacia da privada.

Aguardou o momento mais propício, qual seja o de bater as palmas para ir ao banheiro, para solicitar que lhe permitissem, ao menos, cortar os cabelos, para evitar a coceira desesperadora.

— Se continuar desse jeito, vou criar feridas, sem qualquer possibilidade de tratamento.

Começava a desesperar. Sentia a necessidade de se aliviar do embaraço, mas a crise se expandia por todo o couro cabeludo.

— Ontem era só uma coceirinha à-toa; hoje é este terrível flagelo.

O suor escorria pelo pescoço. Tinha com que se preocupar. Esqueceu de que deveria filosofar e só patenteava o sórdido pensamento de desprezo pelos marginais que o aprisionaram. O próprio sofrimento fez com que se lembrasse dos que penam nas masmorras e celas fétidas espalhadas por todo o mundo. Viu desfilar em sua memória as cenas dos cárceres dos telejornais, onde muitos tinham a cabeça raspada. Nem esse privilégio ele possuía, pior tratado que os assassinos e bandidos arremessados aos magotes nos presídios e nas precárias instalações das delegacias de polícia.

— Nunca tive muita coragem de pensar seriamente na condição dessa gente marginalizada pelos crimes. Também eles buscaram...

Surgiu-lhe, claramente, a ideia de que a miséria da maioria era fruto da excessiva riqueza de poucos.

— Se o Governo melhor distribuísse os recursos que arrecada...

Não prosseguiu na linha de ideias, desviando a atenção para o fato de que ele mesmo havia burlado o fisco inúmeras vezes. Julgava temerário sonegar impostos ou não declarar todos os lances dos negócios mas mantinha um *caixa-dois* bem nutrido, através do qual manipulava verbas extraídas dos débitos legais. Não contribuía e julgava justo que

assim fosse, porque, com o montante ilicitamente arrecadado, punha várias famílias na roda do capital de giro, favorecendo empregos e...

— Estou sendo muito enérgico comigo mesmo. A sociedade dos ricos compartilha da mesma realidade. Se houver uma única pessoa idônea nesse campo (e aí incluo os ministros religiosos de todos os cultos), vou oferecer-me ao sacrifício das labaredas purgativas. Existem leis que isentam as igrejas das prestações de contas e conseqüente pagamento de tributos. Se os representantes de Deus na Terra agem acobertados por medidas oficiais, por que é que eu, ínfimo perante a grandiosidade dos poderes temporais dos padres e pastores, deveria...

la por aí o pensamento divergente do costureiro, quando abriram a porta.

— Comida!

— Posso falar?

— Que vai ser agora?

— Estou perdido de piolhos. Será que alguém me cortaria os cabelos? Podem passar a máquina zero. O que não quero é ter feridas infeccionadas na cabeça por causa do gorro.

— Vá até o banheiro.

Teotônio se deslocou com facilidade até a beirada da bacia da privada.

— Do seu lado direito, se você esticar a corrente, vai encontrar um *box* com chuveiro. Entre nele.

O prisioneiro estava encantado com a possibilidade de um banho.

Assim que entrou no cubículo, que mediu com os braços abertos, sentiu que lhe abriam os fechos do capuz e da corrente. Mas a escuridão era absoluta.

— Pode se lavar. Aí tem sabão. Você tem cinco minutos.

Livrou-se das roupas e, sem se incomodar se pudesse, de repente, ser observado, abriu o registro. A água estava tépida. O sabão que encontrou no escaninho da parede, pastoso. Mas foi possível criar grossa espuma na cabeça. Sentiu que algumas regiões do couro cabeludo estavam com cracas. A dor do lado também incomodava, porém, o conforto da água escorrendo era delicioso. Passou-lhe pela memória os banhos de sais que tomava na banheira alabastrina. Mas foi cortado, subitamente, pela voz áspera do carcereiro:

— Muito bem, aqui você tem um aparelho de barba, se quiser escarpelar-se.

— Muito obrigado!

Com muita dificuldade, foi derrubando os fios da cabeça, até perceber que tinha deixado uns fiapos aqui e ali, difíceis de tirar sem espelho. Desejou pedir ao outro que lhe desse assistência, contudo achou melhor calar-se, que já havia conseguido muito mais do que pretendia.

Enquanto trabalhava, tentava localizar alguma réstia de luz através da abertura de alguma janela. Impossível.

Notou que os brincos estavam no lugar. A escuridão mais o capuz até que serviam para alguma coisa. Ouvira contar que jovens tiveram as orelhas rasgadas por assaltantes impacientes. Não teve tempo de desenvolver a ideia da retirada dos adereços.

— Vista esta calça e esta camisa.

Sem se enxugar, mal teve tempo de enfiar pernas e braços que já foi amarrado na corrente e preso à máscara. Saiu meio trôpego do banheiro até que se viu deitado no quarto. Meteram-lhe um prato nas mãos. Mais arroz e feijão, mais bife, mais uma verdura cozida. Pelo menos, a comida tinha gosto. Dessa vez, comeu com mais tranquilidade.

— Santo Deus, será que estou me habituando com a prisão?

Foi a partir daí que começou a tossir.

IDEIAS DE FUGA

A escuridão incomodava o prisioneiro. Como é que podia ser tão absoluta? Por que nenhum vestígio do dia lhe chegava aos olhos, dado que a abertura para a boca era suficientemente larga, para que se visse um pouco através dela? No entanto, não enxergava nada. Durante o banho, operara em pleno negrume.

— Eles devem ter pintado todos os vidros de preto. E com várias camadas de tinta. E não acendem nenhuma lâmpada, quando vêm falar comigo.

Pensou no terror que se lhe infiltrara no coração, de forma que tudo lhe era vedado, mesmo a simples tentativa de abrir um pouco mais a fenda, para ver alguma coisa.

— Se a escuridão é tão completa, o que estarei temendo? Eles não devem estar vendo nada também. No entanto, dão-me o prato na mão, põem os remédios na palma, deixaram a roupa ao meu alcance. Se não estivessem vendo nada, não teriam depositado no lugar certo o aparelho de barba nem teriam recebido de volta... Será que estão equipados com algum processo de visão no escuro, algum equipamento infravermelho, como se viu na Guerra do Golfo, onde a noite e o dia eram a mesma coisa? Só pode ser isso. Estão sofisticadíssimos.

Voltou o pensamento para as janelas.

— Se estão vedadas inteiramente, não iria sentir certa brisa, de vez em quando. Se estão entreabertas, algo me chegaria aos ouvidos. Talvez eu esteja numa repartição construída dentro de algum cômodo mais amplo, uma espécie de casamata dentro do quartel.

Achou apropriada a denominação militar.

— Mas é isso aí. Construíram dentro de um prédio, de propósito para que ninguém, estando enjaulado, possa reconhecer o local do cativo, por qualquer indício externo.

Lembrou-se de ter subido e descido degraus.

— Pode ser que eu esteja no porão e aí não haveria janelas. E a brisa? Por certo algum ventilador ou exaustor silencioso, que daria para a repartição maior. E como eles podem me ver, sem qualquer infiltração de luz que lhes daria a possibilidade de decifrar os sinais noturnos? Bastaria um pequeno facho, um nada, uma pequena vela do lado de fora da porta, que seria imperceptível para mim mas suficiente para eles.

Tossiu um pouco mais forte, sentindo que o peito estava carregado. Teve medo de ficar doente.

— Vou pedir um expectorante. Se não querem que eu morra, vão dar. E se quebrasse os vidros de alguma janela? Será que o espalhafato não iria atrair a atenção da vizinhança?

Refletiu sobre o que havia imaginado antes e desistiu da possibilidade da fuga. Além do mais, precisaria livrar-se da cadeia dos pés e do embaraço da máscara.

— Se não me soltarem, a única esperança de sair vai ser a polícia.

A ideia deprimiu-o e se deixou encolher em posição fetal, como se o universo o agasalhasse num ventre materno.

CONVERSA REVELADORA

— O homem põe e Deus dispõe — refletia o coitado, no desespero de sua impotência perante o destino. — Será que existe a sorte traçada e esta prisão deveria ter mesmo acontecido, independentemente de qualquer prudente providência que tomasse? O mundo anda tão transtornado que será a negação do azar chegar à velhice incólume, quanto ao assédio dos malfeitores. Quem é que não teve um carro furtado? Quem é que não foi assaltado ou roubado? Quem é que não foi agredido ou ameaçado? Quando a gente pensa que está tudo bem, lá vem um concorrente e copia todas as roupas, pirateando, descarado, a criatividade que tanto me custou.

Conversava consigo mesmo, respondendo intuitivamente a cada perquirição que mentalizava de forma completa, esforçando-se por manter os vínculos sintáticos dos segmentos fráscicos. As respostas eram tão rápidas quanto as perguntas, em concomitância absoluta, porque perguntava sabendo as respostas. De resto, queria manter desperta a atenção para algo concreto, algo que lhe pudesse dar a impressão de que a vida estava fluindo à revelia das pressões físicas e emocionais do momento. Parecia-lhe que estava vivendo ligeiro hiato dentro da continuidade do tempo útil de que dispunha durante a passagem biológica.

— Se, dentro de algumas semanas ou meses, não me vir livre destes sofrimentos, terei a certeza de que sairei louco para a vida mundana. Esta tosse está me maltratando. Estou me sentindo quente, febril. Penso em alguns meses mas talvez não resista a uns poucos dias. Sem tratamento, o organismo se torna presa fácil dos micro-organismos, das bactérias, dos vírus, dos vermes.

Imaginou a barriga cheia de lombrigas.

— E se estão me dando comida mal preparada, mal cozida... Um bife de carne de porco pode conter a tremenda tênia que se aloja no cérebro e destrói as pessoas em muito pouco tempo. Acho que vou adotar o sistema de falar em voz alta. Pelo menos, vou ter a certeza de que estou sozinho, porque ninguém vai me aturar, falando sem parar. Eles não me conhecem.

Em voz alta:

— Se houver alguém por perto, eu queria conversar um pouco, sobre qualquer assunto, apenas para me sentir vivo. Este silêncio a que estou obrigado está me deixando louco. Se tivesse alguém encarcerado comigo, poderíamos dar apoio um ao outro, de forma que a gente poderia manter o cérebro ocupado. Como não estou obtendo resposta,

devo concluir que estou sozinho ou que não querem dar um dedinho de prosa. Não faz mal. De qualquer jeito, se não me impedirem, vou continuar esta monótona apreciação do momento presente, de forma a considerar os ouvidos moucos como inexistentes.

Parou para sentir a repercussão do que dissera, pelo menos quanto ao significado plausível e lógico dos dizeres. Em voz alta:

— Se estou falando um monte de besteiras, paciência. Tivesse a capacidade de trazer alguns textos de cor, mesmo que inferiores, iria repetir da melhor maneira. Eu sei algumas modinhas populares e tenho a facilidade de cantar as árias mais famosas das óperas de sucesso. Mas cantar não me irá satisfazer, porque não posso fazê-lo a plenos pulmões, molestados que estão por esta insidiosa gripe que me está atormentando. Aliás, este discurso deverá sofrer suspensões periódicas, caso contrário, irei ficar rouco, ainda que esteja sussurrando, sem grande esforço. Pelo amor de Deus, se houver quem esteja me ouvindo, me atenda à solicitação de me retornar os pensamentos de forma a me reservar um momento de sossego. Se minha irmã estivesse aqui, iria me pedir para rezar, com o fito de entrar em contato com o mundo espiritual, porque as entidades do etéreo costumam atender aos pedidos de intercâmbio, quando feitos com fé, com confiança no poderio das forças sobrenaturais. As nossas conversas sempre eram desviadas por mim, porque sentia, no fundo das palavras dela, recriminações sutis: queria que eu desse um pouco mais de minha riqueza aos pobres. Ironia do destino! Agora estão me tirando o que eu me recusaria a dar, mesmo que estivesse à beira da morte.

Ofegava e se sentia tonto. A respiração, que costumava controlar através dos exercícios físicos administrados na academia, sob a supervisão de instrutores capacitados, estava sumamente dificultada pela pressão lateral dos doloridos golpes.

— Não vou continuar falando em voz alta. Vou dar um tempo. É impossível que, se houvesse alguém por perto, não teria nenhuma reação. Afinal de contas, dei entonação de profunda desesperança quanto a me manter lúcido, sem que ninguém me ajude. Não suspeitei jamais que um dia iria rogar por alguém para partilhar comigo do espaço e do tempo, sem outro tipo de interesse que não seja o calor humano, a reciprocidade dos pensamentos, dos sentimentos, das emoções, dos objetivos vitais e existenciais.

Pôs-se a refletir sobre o teor da derradeira meditação:

— Se eu não fosse tão descrente, poderia jurar que as ideias que me surgiram no cérebro não correspondem a nenhum pressuposto cultural mentalizado por mim, nem suspeitava que pudessem se alinhar com tamanha precisão lógica. Será que me estão incutindo as teses desenvolvidas por via mediúnica? Estarei recebendo o amparo de seres de outra dimensão? Esta intuição terá nascido de minha própria mente?

Um arrepio percorreu-lhe todo o corpo, passando a prestar atenção em todas as ideias que lhe surgiam. Mas embaralharam-se as noções e formaram-se-lhe imagens difusas no aparato visual do cérebro, de forma que foi perdendo o controle da mente até que se viu sonhando.

QUASE SEM FORÇAS

Sonhou que estava preso em grossas teias, espreitado por temível mostrengo aracnídeo. Entretanto, não se sentia ameaçado, como se estivesse farto o grande inseto, aguardando o momento mais propício para o ataque. O inimigo desleixava a vigilância, dando azo a que o prisioneiro escapulisse, se conseguisse livrar-se do visgo que o fixava aos cordames invisíveis.

Chamava-lhe a atenção o fato de não estar nem um pouco preocupado com o futuro, uma vez que punha nele a conclusão inevitável, qualquer fosse o resultado final do evento coercitivo.

Ouviu-se dizendo:

— Se Deus é infinitamente bom — e deverá ser porque outra não poderia ser sua natureza, ou não seria Deus — vai dar a todas as criaturas a oportunidade da redenção, liberando-as para a ascensão ao seu reino de amor. Mas não posso provocar a fera, caso contrário, incidirei no grave pecado de desencadear as forças do mal, sempre prontas para o rompante do revide, ignorante que é das coisas divinas, imersa no egoísmo mais desabrido e imbecil, como se o Universo se resumisse em seus domínios sensórios.

Dentro da imaginação, julgou que as palavras mereciam ser lembradas sempre, de pronto esforçando-se por acordar, na semiconsciência de que as coisas se passavam apenas no cérebro superexcitado. Mas não acordou, debatendo-se na escuridão do sonho.

Sentiu que escorregava e se desprendia da horrorosa teia, caindo no vazio do espaço, sem força gravitacional que o atraísse. Pairava solto, respirando com dificuldade, tênue lembrança de que precisava do ar para sobreviver. Oprimia-se-lhe o peito dolorido.

— Se houvesse quem me ajudasse com pulmão artificial ou simples balão de oxigênio, seria eternamente grato ao benfeitor.

Foi rogar por auxílio que se lhe apresentou etérea criatura, luminosa, que lhe deu amparo e conforto, soprando-lhe brandamente no rosto, regularizando-lhe a respiração e desoprimindo-lhe o peito. Foi só intentar agradecer e o ser desaparecia, como fenece na escuridão a brasa de palito de fósforos.

Foi, então, transportado, com extrema velocidade, para o interior de palácio de mármore cor de rosa, onde odaliscas dançavam sob o encantamento de suave melodia.

Odores e fragrâncias deliciavam-lhe os sentidos, despertando-lhe a vontade de ali permanecer. Súbito, uma porta ao fundo se abre e todos fogem, gritando por perdão, dizendo-se arrependidos, buscando exaltar os sentimentos de culpa, batendo no peito, espremendo-se pelas paredes e, finalmente, desaparecendo pelas aberturas laterais.

Teotônio não se sentiu estimulado pela correria e permaneceu atônito, aguardando a presença de maléfico demônio, quando viu adentrar um velhinho sem decrepitude, ágil no caminhar apesar das longas barbas brancas.

— Eis aí São Pedro, que me vem cobrar as boas ações, para me destinar aos páramos celestiais, às chamas do Inferno ou ao estágio obrigatório no pavimento dos que têm pecados veniais.

Mas o homem passou-lhe ao lado, como se não o tivesse visto, e seguiu até sair pela porta por onde ele mesmo havia entrado.

Acordou na expectativa de decisivo acontecimento para a situação. Imediatamente, recordou-se do longo texto a respeito da Divindade.

— Terei tido sonho premonitório? Será que preciso preparar-me para o pior? Estarei sendo ajudado pelos espíritos protetores, por meu anjo da guarda ou por algum gênio bondoso, algum orixá benfeitor dos humanos sem dívidas ou injustiçados?

Notou que os termos não faziam sentido, perante a realidade premente.

— Devo estar fascinado pelas teorias religiosas incrustadas no meu eu mais profundo, o que está traduzindo-se nesta triste alucinação de que o patamar onde vivem os seres sobrenaturais esteja ao meu alcance, como se minha personalidade pudesse desdobrar-se em matéria e não matéria, a parte material em franca degeneração e a alma adquirindo a capacidade de voitar pelo campo existencial adequado à sua natureza. É como se estivesse perdendo o vigor energético equilibrado materialmente, passando a valer-me dos fluidos cósmicos inerentes à textura da parte vibrátil na espiritualidade.

Teve, de novo, a impressão de que lhe ditavam os pensamentos. Achou-os extraordinariamente disparatados de tudo quanto sempre pensara a respeito da vida, da existência, totalmente desvinculados de todos os objetivos de realização profissional e pessoal.

— Se eu tivesse casado e se tivesse tido filhos, desenvolveria esta linha de pensamentos e de preocupações ou estaria sofrendo com a desdita deles.

Recordou-se dos apertos que os pais estariam sofrendo para atender às reivindicações dos malfeitores e achou que deveria rogar por eles, para que recebessem, de algum modo, a mesma luz intelectual que percebia estar-lhe sendo administrada.

— Minha irmã deve estar providenciando palavras de conforto e de sabedoria, para a tranquilidade dos velhos. Ainda bem que são religiosos, que vão à missa e que creem em seus santos de devoção. Nesta altura, devem ter mandado rezar algumas missas e devem ter recebido a comunhão, para que possam estar preparados para o perdão dos que me estão...

Um grave acesso de tosse interrompeu-lhe as reflexões. Depois de alguns minutos, serenou.

— Dê no que der, vou rezar um padre-nosso em voz alta. Que me acompanhem todos os espíritos bondosos que me estão ajudando neste transe de dor.

Após recitar timidamente a prece, escondeu a cabeça entre as pernas, soluçando baixinho, crente de que havia perdido a vida para os feitos evangélicos solicitados por Jesus. Sem ter pensado muito nas coisas que fez e nas que havia planejado, abandonou-se à sorte, inquirindo da consciência qual a deliberação mais acertada: se o pedido para continuar vivo, sob condições mais afins aos preceitos do Cristo; se o desejo de morrer, para o enfrentamento do superior tribunal de Deus.

SEM CAPUZ

Como que respondendo ao dilema da vida ou da morte, ouviu uma voz que lhe disse:

— Estou substituindo o companheiro. Tenho ordem pra manter você alheio ao que se passa dentro e fora do recinto. Portanto, veja bem, não quero nenhuma tentativa de descobrir coisa alguma a respeito de quem somos e onde estamos. Não preciso que me prometa nada. Estou só avisando que, por qualquer coisa fora de propósito, irá terminar seus dias aqui, imediatamente.

Notou Teotônio que o novo carcereiro era bem mais instruído, se bem que as palavras não punham dúvida quanto ao fato de ser prisioneiro e de estar guardado a sete chaves.

— Posso falar?

— À vontade.

— Estou com uma tosse que me vai levar desta pra melhor, antes que vocês venham a receber o resgate. Peço a sua gentileza para me dar algum remédio, xarope ou antibiótico, para que eu possa sair vivo desta aventura. Desculpe-me: eu sei que estou dando muito trabalho. Mas, como pretendo colaborar, atendendo a todas as exigências, estou solicitando um pouco do muito que vocês vão receber. Se estão achando...

— Não estamos achando nada. Deixa ver se está com febre.

Teotônio sentiu a aspereza da mão apalpando-lhe o pescoço, bem como o dorso dela a descer até o peito.

— Está ardendo! Vou providenciar os remédios já. Aqui está a chave do cadeado do capuz. Quando ouvir a porta, pode tirar. Quando eu bater, você coloca de novo.

— Agradeço muito.

— Não seja cínico. Se você puder, vai pôr a gente na cadeia.

— Não quero ser provocativo...

— Pois não seja. Cala a boca, que vai ser bem melhor.

Teotônio levantou a mão. Queria falar ainda mais um pouco.

— Muito bem! Que vai ser agora?

— Só quero saber se vai ficar alguma lâmpada acesa.

— Se você encontrar o interruptor, pode acionar.

Logo percebeu que falara bobagem. Em todo caso, podia ser que arrumasse um meio de acender a luz e aí tinha a palavra do outro...

Ouviu a porta fechar. Correu para abrir o cadeado, removendo a máscara. Estava uma escuridão só. O conforto, porém, de poder passar a mão pelo rosto, esfregando os olhos e coçando o couro cabeludo, deu-lhe um pouco mais de esperança de sair ileso da enrascada.

Começou a apalpar as paredes para encontrar a chave bendita. Nada achou do lado em que se deitava. Buscou alcançar a parede da porta mas foi impedido pela corrente presa ao pé. Imaginou que a chave poderia servir para o outro cadeado, mas não logrou sucesso.

— Será que conseguirei ir ao banheiro? Mas aí vou ter de explicar a luz que acender, sem permissão de me locomover. De qualquer jeito, estou conseguindo...

Nesse instante, bateram na porta. Pegou o gorro, que havia enfiado no cós da calça, e vestiu.

— Estou pronto!

— Muito bem! Você vai tomar uns comprimidos de seis em seis horas. Vai ficar com os envelopes. Vou dar uma vela e uns fósforos. Só acenda pra ver as horas. Vai encontrar a sua roupa, com o relógio, em cima de uma cadeira. Daqui pra frente, não precisa mais pedir pra ir ao banheiro nem pra tomar banho. Sugiro que tome um bem quente, pra aliviar a febre. Se quiser fazer a barba, vai encontrar aparelho junto com a roupa.

— Posso saber como é que você percebe quando eu levanto a mão para falar?

— Está querendo saber demais.

A porta bateu com estrépito. Era o sinal de que estava livre para acender a vela. Os fósforos estavam meio úmidos, de modo que perdeu três antes de conseguir colocar fogo no pavio. Constatou que todos os remédios estavam à disposição. Viu que havia uma janela no fundo, mas totalmente vedada. A porta tinha um visor de vidro, por onde, evidentemente, podiam observá-lo. Conferiu os nomes dos produtos com muita dificuldade, porque a vista estava desacostumada com a claridade. Tomou os comprimidos com uma nova garrafa de refrigerante que o sujeito lhe havia deixado. Pensou em explorar o outro compartimento, mas sentiu-se arrear, suando em bicas, tremendo enregelado pela doença. Não havia cobertas, além de lençol que até então não percebera acima do tosco colchão, enebado e malcheiroso. Enrolou-se com ele e foi perdendo a consciência aos poucos, embaralhando-lhe os pensamentos pela fatal vertigem que lhe provocaria os delírios das próximas horas.

DESPERTAR REVIGORADO

A noite se passou mergulhada em dores. Teotônio teve visões incríveis de distantes eras, como se tivesse imergido no passado de diversas vidas e em existências além da matéria. Conviveu com monstros pré-históricos, pelejando para sobreviver. Lembrava-se vagamente de que sua forma não era humana.

— É a inconsciência larval da evolução que aflorou, com certeza.

Mas não ia além dessa suposição, no temor de ofender as crenças incrustadas na mente.

— A época em que me vi ateu sob o domínio da razão me pegou às voltas com a ferrenha oposição eclesiástica. O tormento das torturas e o crepitar das chamas me queimaram até a alma.

Nesse momento, achou que o pensamento flutuava para além dos domínios cerebrais, fora da vontade, sensação mediúnica que se acentuava, e se pôs a ouvir a voz interior, como se não fora ele o interlocutor oculto:

— E se não passei de algoz na Terra, tendo sofrido a justa penalidade no éter, pelas injustiças praticadas, não tanto contra as pessoas como entidades socialmente marginalizadas mas essencialmente como criaturas de Deus, o que me faz reconhecer que ofendi a obra do Senhor?...

Sacudiu a cabeça. Argumentou:

— Devo estar elaborando a tese à vista da condição de prisioneiro, atribuindo aos sequestradores a culpa de me magoarem e de vilipendiarem a criação.

Falou em voz alta, sem perceber que o fazia espontaneamente. Entretanto, o som como que lhe sensibilizou a atenção para o fato de que a terminologia avançava no sentido filosófico, sem que se esforçasse para dar tal tonalidade ao discurso.

— Preciso saber quantas horas dormi, para novas doses de remédios.

Disse-o quase a gritar, provocativo da reação dos invisíveis malfeitores. Acendeu um fósforo e viu que dormira exatamente seis horas, como se tivesse sido despertado pelo relógio. Tomou os comprimidos, lembrando-se da recomendação de que só deveria acender a vela, para ver as horas.

Distendeu os músculos, encontrando-os enrijecidos, doloridos. A dor do lado amainara acentuadamente e a coceira da cabeça, tênue, estava apenas lembrando-lhe da existência dos microscópicos inimigos. Súbito, raciocinou:

— Se, em lugar dos bandidos, forem os inimigos invisíveis que me matarem, como é que deverei agir, inculcando-os? Terão responsabilidade perante as leis que argui relativamente ao sonho ou à condição de recluso? Ou estarão, simplesmente, cumprindo o esquema biológico inscrito em sua natureza, favorecidos pela fragilidade das defesas fisiológicas? Não fui tão brilhante aluno no secundário para inventariar tais noções com precisão. No entanto, parecem-me necessárias as reflexões para o entendimento do que vier a fazer, após os acontecimentos que me estão oprimindo.

Sentiu a garganta seca, desacostumado a falar tanto. Contudo, não obteve resposta alguma. Meditou sobre as preocupações que o mantinham aceso intelectualmente e perguntou-se por que não voltava o pensamento para as realizações da profissão, imaginando como é que daria curso aos projetos em andamento.

— As coisas das fábricas e das lojas estão se distanciando, como se não fosse voltar mais a enfrentar o duro labor de cada dia.

Foi o estopim que acendeu para a lamentação da perda da identidade física da encarnação.

— E se tivessem sequestrado minha mãe ou meu pai, qual teria sido minha reação? Daria os três milhões ou julgaria muito, dado que a perda do restante da vida deles não iria corresponder nem a um por cento de sua produtividade?

A loucura do pensamento negativo prostrou-o e Teo pôde revirar os bolsos da calça dobrada sobre a cadeira, para encontrar o lenço com o qual se assoaria.

— Meus primeiros lenços foi papai quem comprou e foi mamãe quem lavou e passou. E eu estou exercendo esta análise perversa de minha maneira de ser... Mas devo enfrentar francamente a denúncia do coração. Estando na situação de fornecedor do tributo da malandragem, mesmo para meus pais, acho que não teria coragem de me desfazer de tanto dinheiro.

— Por isso é que nós trouxemos você e não eles.

O inesperado da observação emudeceu o surpreso modista. “Se eu soubesse que o cara estava aí, não teria ido tão longe nas suposições em voz alta. Preciso tomar cuidado com o que digo.”

Perdida a iniciativa da prosa, Teotônio aguardou que a voz da escuridão lhe provocasse o raciocínio. Nesse aguardo, o tempo passou, enquanto buscava justificar a si mesmo a denúncia do egoísmo, do pão-durismo, da falta de consideração pelas pessoas mais importantes de sua vida. Nesse caminhar pela valorização dos seres que lhe emprestaram as emoções existenciais, acabou recordando-se da irmã, do tenor e da... Hesitou em recordar algo que fizera questão de deixar no olvido. Resolveu interrogar o negrume:

— Não estará na hora de me matar a fome? Estou...

— Ponha de volta a touca.

— Pronto!

— A comida está servida. Ao ouvir a porta, pode acender a vela.

O prato de feijão, arroz, carne e verdura se repetia. Mas havia a novidade de uma colher de plástico.

— Graças a Deus!

UM DEDO DE PROSA

— Esse sujeito — refletia Teotônio — é bem capaz de me livrar do isolamento. Acho que, se lhe der corda, vai conversar comigo, ajudando-me a passar as horas, podendo até ocorrer de me informar a respeito de como papai está se virando para arranjar o dinheiro.

Aguardou o momento mais propício e, quando o carcereiro lhe pediu para pôr o gorro, estava com o discurso preparado.

— Por favor, você poderia gastar uns minutinhos comigo?

— Pra quê?

— Tenho tido a sorte de ter alguém que me está tratando com dignidade...

— Os caras bem que me preveniram que você ia querer me enrolar.

— Pelo amor de Deus! Estou apenas desesperado com a solidão. Estou precisando que uma pessoa humana fique um pouco comigo, porque os meus pensamentos estão me transformando num louco, porque estou acreditando conversar com entidades espirituais...

— Você não tem nenhuma importância pra mim, embora me dissessem que é um dos principais no mundo da moda da gente grã-fina.

— Sou mesmo. No entanto, estes últimos tempos aqui tenho estado sob a pressão de morte iminente. Desculpe se estou falando de modo muito empolado. É que minha cabeça está desenvolvendo o hábito de refletir sobre os assuntos mais importantes da vida e não tenho tido oportunidade de testá-los.

— Mas você tem falado em voz alta.

— Tento não endoidecer de vez. Se não me sentir vivo, vou entrar em depressão e posso até forçar que me dê o corretivo disciplinar coerente com a condição de sequestrado.

— Só se você me preocupar, a ponto de desrespeitar as regras que impusemos.

— É bem sobre isso mesmo que estou falando. Eu só desejo sentir que meus pensamentos estão tendo repercussão em outra mentalidade, ainda que não sejamos capazes de viver os mesmos anseios existenciais. Por exemplo, estou intrigado por que é que vocês se arriscam tanto para ganhar dinheiro. Será que vale a pena ficar com uns cento e vinte ou duzentos mil reais...

— Vinte mil.

- Como vinte mil?
- Você está pensando que estou aqui guardando você, ao mesmo tempo que trato com a família a respeito da quantia estipulada? Sou só um peão, meu caro.
- Existem outros prisioneiros, em outras dependências da casa?
- Você está querendo saber se são vinte mil por cabeça. São vinte mil pela temporada, esteja um só, estejam vinte; leve uma semana ou fique mais de ano.
- Eu perdi a noção do tempo que estou retido.
- Problema seu.

Teotônio ouviu bater a porta. Tirou a máscara e respirou fundo. Acendeu a vela e verificou que havia uma grande tigela de vidro cheia de substancioso caldo. Estava quente. Provou com a colher de plástico. Sentiu fino gosto de condimentos variados. Parecia mistura de alcaparras, alcachofras e cogumelos. Não soube definir. Mas estava delicioso.

— Esse sujeito está me tratando muito bem. A ser verdade o que me contou, parece até trabalhador comum, exercendo profissão como qualquer outra. Vou ter de agradecer-lhe todas as gentilezas. Contudo, não posso promover-lhe nenhuma revolta, sugerindo-lhe sequer que me deixe sair, recompensando-o regimento. Se está ganhando apenas vinte mil e se lhe oferecer quinhentos mil, quem sabe não se sinta um traidor?! No entanto, a lei das selvas deve imperar entre os criminosos. Para eles, a traição só se lava com sangue. Evidentemente, o feitor deve ser bem conceituado, para que se arrisquem os outros a ser ludibriados. Ladrão que rouba ladrão...

Teotônio teve o cuidado de não emitir tais conceitos em voz alta. Mas resolveu dizer umas palavras de reconhecimento, cuidando de apagar a vela, para que o de lá de fora achegasse o ouvido à fresta da porta:

— Senhor, pai de amor e bondade, abençoi o meu bondoso carcereiro, dai-lhe vigor para superar todas as dificuldades da vida, abri-lhe a mente e o coração para a verdade e perdoai-lhe os atos que contrariarem as vossas sacratíssimas leis. Ofereci-lhe o amparo de elevado espírito de luz, para ajudá-lo na caminhada redentora, em busca de vosso reino de paz e de justiça. Mostrei-lhe que meu coração, verdadeiramente, está alegre pelo que fez por mim, tratando-me a doença e alimentando-me com fartura. Especialmente, coloquei-lhe no coração o meu sentimento de profundo afeto, por me ter proporcionado momentos de olvido desta terrível condição de exilado do convívio humano. Assim seja!

— Assim seja! — repetiu a voz que lhe dera a satisfação da conversa.

CONFIANÇA

A voz pareceu muito próxima, como se o sujeito estivesse dentro do quarto.

— Posso acender a vela? — perguntou timidamente.

— Vou fazer mais. Vou trazer um lampião e, em lugar de você colocar o gorro, vou vestir o meu capuz, de forma que poderemos ficar mais à vontade e você vai poder me contar as coisas que achar importantes.

— Eu vou ficar eternamente agradecido.

— Não seja hipócrita. Dentro de vinte e quatro horas depois de solto, irá esquecer até que existi.

— Mas não vou mesmo.

— Ô se vai, do mesmo jeito que não quer recordar-se de certa pessoa, conforme declarou outro dia.

Teo não teve o que responder. Ouviu a porta fechar-se sem estrondo e pôs-se a aguardar impaciente pela volta do outro. Enquanto isso, achava muito estranho que despertasse o interesse dele a ponto de recordar-se de frase dita de maneira incompleta e, portanto, misteriosa.

— Quem mandou ficar falando em voz alta?! Agora ele está a par de segredos que só existiam dentro de minha mente. Será que vou ter de conversar com ele a respeito de tema tão amargo? Sobre isso, não falei sequer ao analista. Aliás, suspeitava ele desde sempre que lhe escondia algo importante, tanto que não me deu alta. Fiquei devendo a marcação de outras consultas. Tinha medo de que me revirasse o passado e descobrisse que fui vil...

Deu-se conta de que falava em voz alta.

— Se o meu algoz estiver escutando, vai ficar sabendo...

— Claro que estou escutando.

— Mas você não saiu?

— Não foi uma vez só que fingi ter saído, batendo a porta e permanecendo aqui. Agora, quero saber se ainda está disposto a me agradecer *pela eternidade*.

— Peço-lhe desculpa por lhe ter dado a impressão de falsidade, porém, tudo o que pedi a Deus foi absolutamente sincero. Posso ser bastante franco?

— Esteja à vontade.

— Quando pedi que Deus o amparasse, queria dizer que lhe tirasse os vícios de procedimento, como esse estratagema vergonhoso de me colocar em tão má situação moral.

— Não me faça rir. Você está sequestrado. Não está em condições de censurar coisa alguma. Quer dizer que o seu mundo moral está em nível superior a toda esta opressão física que está sofrendo?

— Os cuidados que estou tendo com a morte — porque não estou acreditando que sobreviva — me conduzem os pensamentos para as coisas da espiritualidade. Estou querendo me preparar para o pior, para o advento da outra vida. Só posso fazer isso se pensar seriamente nas coisas que fiz, separando o que não é honesto, para solicitar perdão ao Pai, em preces de muita contrição. As vezes em que me confessei aos pés dos sacerdotes, sempre fui sincero, procurando arrepende-me dos atos que ofendiam a Deus, porque era muito presunçoso, julgando todos os semelhantes pessoas inferiores. O meu *carrasco* — ponha a palavra entre aspas — deve merecer de mim o respeito que devo a todas as criaturas do Senhor.

Enquanto falava, o quarto ia iluminando-se por causa do lampião, cujo pavio se incendia bem devagar. Pôde Teotônio verificar que o *carrasco* era um homem atarracado, de tez morena, conforme observou pelas mãos sem luvas. Entretanto, o capuz obstava a visão da fisionomia.

— Agradeço-lhe, senhor, a confiança que está depositando em mim. Pode ter a certeza de que estou reconhecido pela amabilidade dos serviços que me vem prestando.

— Poupe os *muito-obrigados*. Quem sabe, depois que os seus pagarem, você reserve pra mim outros quinhentos mil, para demonstrar a verdade dos sentimentos.

Pensou Teo na manobra psicológica de que estava sendo vítima e arrefeceu o entusiasmo em relação às gentilezas de que estava sendo alvo. “Afinal de contas, o cara está infringindo as leis. Com certeza, se eu tentar fugir, vai ser ele mesmo quem irá me imobilizar ou atirar pelas costas. Preciso tomar mais cuidado, que esse sujeito não passa de marginal, velhaco a ponto de me engodar com pequenos favores.” Em voz alta:

— De qualquer forma, posso prometer não descrever você para a polícia. Pelo menos, vou comentar que fui muito bem tratado.

— Ótimo! Desse jeito, vai encorajar as pessoas, para que não deem trabalho quando se virem presas nos cativeiros. Sempre é bom estimular as reações de aceitação da realidade. Você não está de acordo? Se as pessoas vierem para cá revoltadas, seremos obrigados a despachá-las logo ou a prendê-las de forma que vão ficar muito mais preocupadas do que deveriam.

— Posso saber se você já *despachou* alguém?

— O que é que você acha?

— Pelo modo como me trata, bem diferente do outro, acho que ninguém deu motivo.

— Pois é aí que você se engana. Trouxe outra muda de roupas. Está na hora de você tomar um banho quente, porque deve estar com febre. Está?

— Fiquei tão contente com sua presença que nem senti o que se passava comigo. Agora que está dizendo, sinto-me quente. A ideia do banho é muito boa. Mas precisa tirar a corrente do pé.

— Arregace a calça e passe pela corrente. Se molhar, não tem importância. Depois eu deixo você trocar.

— Você vai ficar me vendo tomar banho?

— Vou. Por quê? Está envergonhado?

— Vergonha nenhuma. Era só para saber.

— Então, o que é que está esperando?

Teotônio resignou-se a despir-se na frente do outro, temeroso de algum assalto sexual.

“Que medo mais absurdo! Será que subjetivamente eu esteja desejando exatamente isso?”

O pensamento lúbrico perturbou-o e ele se lavou rápido, constatando que o corpo estava esquelético. Aproveitou-se da água do chuveiro para esconder as lágrimas. Penalizava-se pela proximidade do desaparecimento corpóreo.

UM CAPRICHIO DO GUARDA

— Você deve estar se perguntando por que é que estou tendo o trabalho de considerar a sua permanência perto de mim como proveitosa. É que não tenho o hábito de passar muito tempo sozinho. Tudo o que planejo, preciso de gente para concretizar. Por isso, passo a maior parte do tempo trocando ideias, orientando ou aprendendo. Não sou de muito falar, contudo tenho facilidade, a ponto de me manter aceso e compenetrado, acompanhando todos os assuntos. Espero não estar dando-lhe a impressão de que me deva considerar alguém superior.

— Você está sendo honesto comigo?

Teotônio sentiu que o outro estava querendo a confirmação afetiva do que, pelo raciocínio, expusera com tanta riqueza.

— Claro! Não pense que me seja agradável ficar preso e, ao mesmo tempo, tentar ser supérfluo ou imbecil. Os pensamentos, no meu caso, devem refletir tudo o que acho ser o essencial. De que me adianta ficar inventando ideias só para você me ouvir. O que quero é ter alguém que possa meditar comigo seriamente sobre a minha desoladora condição. Não para que tenha pena de mim, mas para que saiba como é que a pessoa se sente afastada do convívio dos seus, arremessada num escuro buraco, cheia de medo do que lhe possa acontecer.

— Estou tendo uma ideia que deu certo outras vezes e me ajudou na minha função.

— Se puder ajudar em alguma coisa...

— É simples. Você quer alguém com quem possa se entreter. Pois existe outro rico, desesperado, que não compreende a razão de estar sendo retido, quando imagina que o resgate já tenha sido pago.

— Foi pago?

— E eu é que sei?!... O que sei é que me mandaram manter o cara calado e ele está feito louco.

— Ponha-me com ele. Não é isso que você pretende?

— Vista a máscara.

Teotônio sentiu-se reviver. “Agora vou poder medir a distância entre os quartos e avaliar como é que se podem juntar os prisioneiros, no caso...”

— Não tenha ideias. Devo prevenir que vai ficar de capuz o tempo todo, até que o cara se acalme. Depois vou trazer você de volta. Vai ser só um pequeno passeio.

Teotônio contou vinte vacilantes passos, como se tivesse passado muito tempo doente. Mas convalescia e isso era encorajador.

Ouviu destravarem um trinco e ranger uma porta. Foi empurrado sem grosseria.

— Doutor Jônatas, está aqui o costureiro Teo, em nosso poder desde algum tempo. Vocês vão ficar juntos. Tratem de trocar todas as ideias que julguem convenientes para esclarecerem a reclusão forçada. Não façam planos de fuga. Serão inúteis. Mas amparem-se na angústia de sua condição. Vocês poderão ficar sem os capuzes, se se mantiverem tranquilos.

Teotônio ouviu bater a porta. Em seguida, tirou o gorro. A escuridão era completa. Tateou no escuro e encontrou o lampião e os fósforos. Com cuidado, acendeu o pavio. Enquanto a luz crescia, foi observando que o quarto era a exata reprodução do outro. Sentado sobre o colchão, viu um mascarado, que estendia os braços para a frente.

— Fique calmo, Doutor Jônatas. Eu também sou prisioneiro.

— Quanto pediram de resgate?

— Três milhões.

— Pois de mim querem quinhentos mil. Mas como é que minha mulher vai arranjar tanto dinheiro?

— Eles não lhe mostraram as contas do valor de suas posses?

— Disseram que tenho quinze milhões. Mas é mentira. No máximo, as minhas empresas valem dez ou doze.

— Pois eu não possuo mais do que dez, no total, e eles querem três. Tem alguma coisa errada aí.

Do outro lado da porta, alguém deu uma risada.

— Estão caçoando da gente — observou o Doutor.

— Vamos ficar em paz com eles, por uns momentos. Essa política me tem valido favores preciosos, como remédios, banhos e comida de melhor qualidade.

— Foi pra isso que te trouxeram aqui: foi pra me acalmar, pra me submeter.

— Que é que podemos fazer?

— Eles que me matem, pra ver se conseguem arrecadar alguma coisa.

— Mas essa não é uma boa solução para nós.

— Você vai ver. Quando conseguirem o dinheiro, eles matam a gente, mesmo assim.

— Pelos noticiários que tenho lido, são poucos os que morrem. A não ser quando são capazes de reconhecer os raptos.

— Os nossos estão muito escolados. Você é o costureiro Teo, o famoso figurinista?

— Eu mesmo.

— Então, é pelo seu nome que está valendo mais. Os jornais devem estar noticiando a toda hora. Eu sou um modesto produtor de alimentos industrializados. Emprego milhares de pessoas. A notícia de meu desaparecimento deve estar provocando a revolta de muita gente. O disque-denúncia deve estar fervilhando de chamadas. Por isso, valho menos. Acho que eles querem se livrar logo de mim.

— Deus te ouça!

— Você sabe que o sujeito tinha razão em nos juntar?! Esta conversa está sendo útil. Eu até encontrei uma luz no fim do túnel. Quem sabe eles não me atirem e me deixem sair?!...

— Você está ferido?

— Levei uma cacetada na cabeça.

— Eu estou contundido no peito, aqui do lado.

Teotônio levantou a camisa. Foi só aí que atentou que o outro estava ainda com a máscara.

— Vamos tirar o capuz.

— Não posso. Está com o cadeado.

— Não está, não. Eles tiraram e você nem percebeu.

— Será?!...

De fato, estivera tão entretido com a revolta que não examinara o fecho.

Teotônio ajudou-o a retirar o grosso capacete, igualzinho ao seu, descobrindo que o Doutor era calvo e fortemente infestado de pústulas, por todo o crânio.

— Não é à toa que tem estado bravo. A sua cabeça precisa de tratamento. Tem tomado banho?

— Tenho me lavado na pia.

Teotônio foi verificar a condição do banheiro. Havia um chuveiro. Abriu-o e a água jorrou.

— Vou ajudar você a tomar um banho.

— Pode deixar que eu faço isso sozinho.

Enquanto o outro se tranquilizava sob a água quente, Teotônio foi obrigado a voltar ao seu quarto.

MORDOMIAS AFETIVAS

Ao regressar, Teotônio trazia o espírito curioso para resolver o problema do valor estipulado para o Doutor, tão menor do que o seu, embora as posses do outro fossem superiores. Acreditava em que os bandidos tivessem razão quanto ao inventário e que o montante fornecido pelo interessado era inferior à realidade.

— Eles não iriam acertar tão precisamente comigo e errar tanto com ele. Vou esclarecer esse tópico, assim que o meu carcereiro me permitir outra conversa franca.

De volta, sentia-se fortalecido, como se tivesse o exercício da caminhada o condão de robustecê-lo, tanto que, de imediato, se pôs debaixo do chuveiro, para harmonizar os fluidos energéticos com o gozo das disposições psíquicas. Estranhou, sobretudo, os dizeres que lhe pipocavam no cérebro, julgando-se de novo sob a influência espiritual.

— Se vocês do etéreo querem ajudar-me nesta passagem terrível de minha vida, falem bem claramente, de maneira que eu possa interpretar o sentido das informações.

Aguardou a repercussão do seu invocar mas não obteve nada de diferente daquilo que podia estar pensando por si mesmo. Veio-lhe à mente a recordação que afastara no outro dia.

— Será que deverei rememorar os fatos concernentes à menina que desencaminhei e a quem não dei a atenção afetiva que lhe devia? Mas esse é caso penosíssimo, que gostaria de olvidar para sempre.

Percebeu que os acontecimentos se alinhavam irresistíveis, desde o começo, quando conhecera a garotinha.

Tinham seis anos e estavam no mesmo curso pré-escolar. Viviam juntos, de mãos dadas, talvez porque as *tias* estimulassem a atitude, admirativas e encorajadoras.

As mães se conheceram e se afinaram em amizade que perduraria até a juventude de ambos. Aos oito anos, continuavam juntos na escola, quando se viram em brincadeiras de descobertas sexuais. Nos momentos isolados, escondidos dos adultos, as crianças, curiosas, queriam examinar a genitália do sexo oposto. Teotônio recordava-se de que Maria desejava um pouco mais. Queria manter relações incipientes. Eram encontros pejados de culpa, porque os padres, nos confessionários, instigavam o sentimento, acrescentando padres-nossos e ave-marias aos totais das semanas anteriores. Mas Teo desafiava os mandamentos, que repetira tantas vezes nas aulas de catecismo, e reincidia.

Nesse ponto das aflitivas recordações, viu-se enredado por garoto mais velho, que lhe pedia carícias mais pungentes, obrigando-o a atos de pura libidinagem, a ponto de se esquecer de que Maria estava...

— Não vou prosseguir. Tenho vergonha de mim mesmo. — Falava instintivamente em voz alta, desejando talvez ser ouvido. E foi.

— Acho que você está retratando a infância da maioria das pessoas. Por que é que você se sente oprimido pelas lembranças, quando tudo o que fazia não dá nem a pálida ideia dos atos sexuais de juvenzinho e de adulto?

— Você estava escutando atrás da porta. Para dizer a verdade, suspeitava disso e não me importava que ouvisse.

— Mas o que foi que o deixou tão magoado, em relação à garota?

— É que fomos surpreendidos juntos pelos pais dela e, merecidamente, nos fizeram ficar longe um do outro. Mamãe, com muito dó, me transferiu de colégio, necessitando pagar a condução, o que lhe onerou por demais as contas.

— E o caso com o menino? Também foi descoberto?

— Não foi e isso me deixou muito mais...

Teotônio se viu soluçante, incapaz de prosseguir.

— O seu caso é interessante. Devo concluir que houve outros meninos?

— O pior é que sim. Na escola, fui assediado e não resisti. Com o tempo, fui tomando gosto, me tornando homossexual ativo e passivo.

— Mas o caso com Maria não terminou naquilo.

— Ela e eu fomos crescendo em malícia. Um dia, depois de cinco anos, quando já ejaculava e ela menstruava, vimo-nos empenhados num relacionamento muito mais perigoso.

— Ela engravidou.

— Penso que sim. A verdade é que a família dela se mudou e nós nunca mais nos encontramos. Parece que, longe dos nossos olhos, houve um acerto de contas entre nossos pais. Bem depois, fiquei sabendo que eu não fora o único nessas transas de adolescentes.

— Na verdade, pelo que entendi, Maria *galinhava*...

— Não diga isso, por favor.

— Posso não dizer, mas não foi o que você sugeriu?! Quero saber por que razão você se sente tão deprimido com algo que ocorreu em momento de sua vida, quando não era responsável pelos próprios atos.

— Eu acho que foi por causa de termos sido tolos, envolvendo as famílias num rolo tão idiota. Tenho visto situações semelhantes, que se resolveram através da retirada do feto.

— Mas você não sabe se tem ou não um filho?...

— Esse é outro drama que me atenua o pensamento. Qualquer dia, vai chegar uma dona bem diferente da mocinha que eu conheci, dizendo que sou pai de um jovem ou uma jovem de vinte, vinte e poucos anos.

— Com todo o seu dinheiro, vai ser fácil contornar qualquer situação desagradável. Quem sabe vocês se restituam o direito a uma vida saudável, conduzida pelas agradáveis lembranças...

— Que agradáveis, que nada! Se estou dizendo que esse fato é o que mais me penaliza.

— Mas nos momentos em que estavam juntos, tudo parecia muito bom.

— Isso é verdade.

— Então?! São esses momentos de felicidade a dois que vocês poderão reconstituir.

— Mas será que ela não terá perdido os anos mais importantes de sua juventude?

— Isso você está imaginando. Não pode ter certeza do que se passa no coração da senhora, que hoje deve ter passado dos trinta.

— Trinta e cinco, como eu.

— Gostei de que você me contasse o drama de sua vida. Eu tenho assistido a tragédias muito mais importantes. Coisas de enlouquecer. O que você está passando neste presídio não vai ser muito mais pungente em suas lembranças? Afinal de contas, aqui você não tem nada de bom pra recordar.

— Posso chamar você de Severino?

— Por que isso, agora?

— É que dar um nome à sua pessoa me parece bem melhor, para tonificar estas passagens que irei recordar com alegria. Pode crer.

— Só me faltava essa! — exclamou saindo o *Severino*.

Teotônio sentiu que comovera o algoz.

— Terei tido algum valor, se convencê-lo de que nem tudo na vida é só desgraça e exploração entre as pessoas. Quem sabe se regenera. Juro por Deus que, se me pedir, vou empregá-lo numa das minhas firmas. Estou disposto a esquecer-me de tudo o que venho passando. Não tem preço o que ele fez hoje por mim.

Na tentativa de compreender por que não revelara essa parte do passado ao analista, Teotônio mergulhou em profundo sono, sem pesadelos. Dormia serenamente, como se estivesse sob as suas cobertas, na segurança do apartamento.

PEQUENAS TORMENTAS

O nosso Teo admirou-se por ter estado tão sereno durante as mais de dez horas que dormiu. Servia-lhe o relógio para controle do tempo, embora somente marcasse as horas. Se lhe tivessem deixado o seu, seria capaz de visualizar o mostrador na escuridão e teria o controle do dia e do mês em curso. O que tinha em mãos era antigo patacão, próprio apenas para saber quanto tempo transcorria entre os momentos em que buscava controlar a passagem das horas.

— Evidentemente, quando me forneceram o relógio, alteraram a hora, de sorte que não devem ser exatamente as seis horas da manhã ou da tarde assinaladas. Mas que importância haverá de ter isso? Por certo, muito me admirarei quando, solto, vier a saber em que dia do mês estaremos. Não vou me afligir por tão pouco. Vou fazer de conta que o tempo parou, mesmo porque estou sempre igual a mim mesmo...

A ideia do transcurso natural da vida, entretanto, foi mais poderosa e despertou o sequestrado para a fatalidade do envelhecimento.

— Se ficar aqui por vários anos, se aguentar os embates das doenças que me assaltarão, provavelmente verei a luz do dia de maneira muito diferente. Até quanto ao corpo deverei estar mudado, com a barba e os cabelos brancos, a pele enrugada, os músculos flácidos e o pensamento excessivamente deteriorado pelo pessimismo e pelo sofrimento. Estou tendo a oportunidade de me manter lúcido, mas a falta de relacionamentos instigantes não me irá favorecer o desenvolvimento da imaginação e decairei no campo da inteligência, embora me mantenha adequadamente pronto para as reações sutis decorrentes da percepção das nuances das atitudes do meu...

Não soube caracterizar com precisão a figura do guarda que o conservava sob o domínio da perversão moral dos marginais.

— Esse indivíduo me estimula para que não venha a cair exatamente nos pontos que avengei. Estranho que me utilizo de vocabulário esmerado, quando me detenho em pensamentos arcabouçados, estruturados, como se me preparasse para conferência a seleta público.

Girou a memória para as diversas palestras que proferiu na vida acadêmica, forçado pelos seminários de estudos, durante os quais testava a fluência e a lógica verbais, conforme os esquemas que aprendera nos estudos filosóficos e psicológicos.

— Como me arrependo por não ter-me dedicado com mais afinco, com mais amor, com empenho, aos tópicos dos diversos assuntos tratados nas aulas. Fazia o suficiente para me desvencilhar, com certa notoriedade, das provas, visando resultados expressivos para o conjunto das turmas, sem me fixar na matéria com o escopo definido de aprofundamento. Quantas oportunidades perdi de aperfeiçoamento, dado que os currículos me favoreciam a pesquisa, a aplicação no campo da realidade das teorias que ia assimilando mal e porcamente. Ainda bem que tive o discernimento para aprender diversos idiomas, desapertando-me no estrangeiro.

Tentou e conseguiu traduzir para o italiano, para o francês e para o inglês a última frase. Ficou contente.

— Vou ter do que me admirar mais tarde, porque me mantenho bem dotado no limiar da morte.

A lembrança da presença do flagelo definitivo pôs o coitado aflito.

— Por que é que sempre me volta à cabeça a situação extrema? Estarei, realmente, sendo ameaçado? Não me parece que o carcereiro seja implacável criminoso. Mas será que vai ser ele que me vai *despachar*, conforme me afirmou? Não hão de faltar bandidos carneiros, ávidos para dar cabo da vida das pessoas melhor situadas na sociedade. Se soubessem o quanto trabalhei para conquistar a posição que ocupo; o quanto de esforço me custou progredir devagar nos intrincados meandros do mundo da moda e da alta costura, iriam respeitar-me a vida.

Parou para pensar nos trabalhadores que empregava, cujos salários sempre pagou em dia, preservando-lhes o poder de compra até quando as injunções político-econômicas o obrigavam a restringir a produção.

— Fiz o bem o quanto pude. Mas o que pude se refere somente à minha capacidade de compreensão do ser humano. Talvez, se considerasse todos os seres como meus irmãos em Deus, iria cumprir o mandamento do Cristo, que determinou aos ricos desejosos de o seguirem que vendessem as propriedades, distribuíssem aos pobres e voltassem preparados para os sacrifícios pessoais da humilhação, do rastejamento...

Pareceu-lhe evidente que misturava os temas.

— Jesus não deveria sentir-se tão pequeno perante os homens, porque tinha a certeza de sua grandeza como filho de Deus. Não foi com esse argumento que convenceu Pilatos a deixá-lo nas mãos dos que lhe desejavam a morte?

Neste ponto das reflexões, perdeu-se em conjeturas, sem se fixar em diretriz metodológica que lhe desse a definição exata da pregação cristã. Não atinou por que fora levado a considerar a atitude do Mestre como de autoflagelação, uma vez que não podia enganar-se quanto ao futuro sob o domínio dos algozes.

— Terá o Senhor tido a presciência de que sua morte iria redimir a humanidade, como pregam os religiosos? Não são poucos os que consideram Jesus como o ser mais consciente que já existiu. Não é à toa que dizem que era a segunda pessoa da Santíssima Trindade, Deus, portanto, ele mesmo e, como tal, absolutamente cômico do passado, do

presente e do futuro, senhor do tempo, capaz de se reerguer em pensamento pela eternidade, na compreensão de que estava dando a salvação aos homens.

Pensou e se arrependeu. Viu-se muito pouco provido de recursos concernentes aos silogismos religiosos.

— Também nestes aspectos estou em débito com minha própria formação. Se me tivesse dado aos estudos com mais vigor, a minha inteligência se abriria para as verdades morais. Se continuar, contudo, pensando nesses termos, vou, necessariamente, concluir que a vida profissional é o que tenho regado mais fartamente com os nutrientes da capacidade. Terei sido egoísta, a ponto de só pensar no dinheiro, na fama e no poder, desleixando a moralidade superior, para me acomodar em raciocínios evasivos quanto aos sofrimentos alheios?

Acendeu o pavio e se viu de frente com Severino.

— Você ouviu toda a arenga?

— Eu acho ótimo que você fique falando em voz alta. Estou aprendendo muitas coisas. Posso dizer que não esperava considerações tão profundas.

— Bobagem! Se eu soubesse que você estava aí, não teria dito nada. Aliás, quero perguntar a respeito de uma coisa que me está intrigando.

— Pergunte.

— Por que é que o meu resgate é tão mais alto que o do Doutor Jônatas?

— Se eu soubesse, eu não diria sem a permissão dos organizadores das ações da quadrilha. Mas eu não sei.

— Não seria melhor que você se anunciasse, para não me surpreender pensando coisas muito tolas? Se continuar me surpreendendo, vou ficar inibido e vou parar de conversar com o vazio, o que seria uma pena, porque é isso que está me mantendo o intelecto ativo. Aliás, estou até executando espécie de treinamento em campo inédito para mim, qual seja o de desenvolver ideias ao transcorrer do livre pensar. Admira-me muito o fato de não errar na construção das frases, o que evito falando bem pausadamente.

— Vou fazer uma coisa que vai deixar você alegre. Vou trazer um abajur com uma pequena lâmpada, que você vai poder deixar acesa. Assim, vai ficar sabendo quando estou aqui dentro. Está bem?

— Então, vou pedir-lhe que me dê papel e caneta para escrever os pensamentos. Talvez realize alguma coisa como uma biografia. Até pensei em escrever versos. Isso irá me deixar mais tranquilo e você irá ficar despreocupado.

— Está certo. Mas existe uma condição: vou ter de ler tudo o que escrever, nas folhas que vou dar numeradas. Já houve um cara que tentou passar bilhetes no meio dos restos da comida.

— Não tinha pensado nessa possibilidade. Mas prometo que não pretendo fazer nada disso.

— Você vai ter de gravar outra mensagem. A sua irmã quer saber se está sendo bem tratado. Parece que estão com dificuldades em levantar os recursos. O tempo corre contra os que não dão notícias. Como é que as pessoas vão poder providenciar a ajuda necessária, sem a certeza de que você vive e se encontra pronto pra voltar a assumir as responsabilidades?!

— Da outra vez, vocês fizeram questão que dissesse que não estava sendo bem tratado.

— Era para o impacto do primeiro momento. Aí as pessoas correm. Quando as coisas ficam demoradas, é melhor tranquilizar quem está aflito.

— Vocês têm tarimba. Até parece que estudaram a psicologia dos parentes dos sequestrados.

— A gente aprende aos poucos.

— Uma coisa eu posso dizer: vocês são profissionais.

— Tem bastante gente que vive disto. Você deve ter ouvido falar dos que se deram mal. Mas nós não temos do que nos queixar.

— O aparato que montaram é impressionante.

— Se eu fosse você, não ficava *dando bandeira*. Se descobrirem que está tão interessado...

Teotônio compreendeu a alusão e calou-se. O outro saiu, deixando uma caçarola cheia de comida. Havia o luxo de um pãozinho fresco.

A GRAVAÇÃO

Severino não tardou com o aparelho. Trouxe também papel, em folhas soltas rubricadas e numeradas, e uma caneta esferográfica.

— Está aqui o que você pediu. Acho melhor escrever a mensagem pra sua irmã, antes de usar o gravador.

— Acho que...

— Pode começar a escrever.

— No chão mesmo?

— Onde, então?

— Poderia me arrumar uma mesinha e uma cadeira.

— Vai escrevendo. Vou ver o que consigo, mas acho que está exorbitando.

Teotônio notou que o guarda falava por ranzinzice. Não sentiu convicção.

— Parece que estava pronto para me oferecer, só que precisava ouvir o meu pedido submisso.

Antes que principiasse a garatujar os primeiras ideias, voltou o outro com uma pequena mesa de plástico, uma cadeira do mesmo material e um abajur, cujo fio se estendia para fora da cela.

— Está tudo aqui. Você vai ver que a luz é suficiente pra enxergar as letras.

— Porque você não prende a lâmpada na luminária do teto?

— Está desligada a força. Já houve quem tentasse o suicídio, introduzindo o dedo no contato. Por isso, o interruptor não funciona. Eu já estou correndo o risco de me ver surpreendido com o fio do abajur. Por isso é que é tão fino.

— Somente gente louca tentaria promover fuga deste local, sem qualquer noção da vigilância externa.

— Pode acreditar que já tentaram, mas sempre sem sucesso. A maior parte, precisamos *despachar*.

— Esses *despachos* devem representar muito dinheiro perdido.

— Os fracassos nos obrigam a pedir cada vez mais, a cada *internação*.

— Estou intrigado com a sua assiduidade junto a mim. Será que você não descansa nunca? Sempre que penso em conversar, você aparece.

— Você é que perdeu a noção do tempo. Por exemplo, o último sono durou as horas que você marcou mais um dia inteiro. Você nem percebeu. Já aconteceram fatos semelhantes outras vezes. Como não trago a comida em prazos regulares, você deixou de saber quanto tempo faz que está com a gente.

— Você se incomodaria de dizer?

— Pra quê? Aliás, não tenho ideia exata, porque peguei este bonde andando. Não fui eu que recebi você quando chegou.

— Mas vocês não têm registro de tudo?

— Eles devem ter. Eu só tenho de cuidar de manter você saudável. Vai ou não vai começar a escrever?

Teotônio o que menos queria era desagradar o *Severino*. Acomodado junto à mesa, iniciou de imediato a escrita. Tinha na cabeça as principais diretrizes do que deveria transmitir à irmã, para apressá-la nas providências que lhe cabiam. Permaneceu escrevendo durante umas duas horas, enquanto o carcereiro aguardava com muita paciência. Duas vezes que suspendeu a caneta, foi admoestado, porque o outro tinha pressa.

— Vou ouvir você ler. Pode começar.

A letra estava legível, dada a excelente caligrafia. Contudo, havia sinais evidentes de descompasso emocional, de forma que trechos inteiros se apresentavam com tremores no manuscrito.

— Se eu não conseguir ler com ênfase, me perdoe.

Severino fez um gesto de desagrado.

— *Querida irmã Lídia. Estou aguardando ansioso o momento em que nos veremos de novo. Aqui onde estou, vou sendo tratado com muita deferência pelo...* Como é que devo escrever: sequestrador, carcereiro, guarda?...

— Diga, simplesmente, *companheiro*.

Teotônio sentiu a provocação mas não revidou. Prosseguiu:

— *... pelo companheiro a quem cabe cuidar de minha sobrevivência. É ele quem me traz a comida e os remédios. Até me levou para consolar um outro...*

— Pode cortar a última frase.

— Eu também achei que não devia mencionar o fato. Vou continuar daí: *Ele me considera um prisioneiro exemplar, tanto que me trouxe uma mesa...*

— Isso também não pode constar. Vá direto ao assunto.

— Estava querendo impressionar pela solicitude de sua atenção para comigo.

— Isto aqui não é nenhum hotel cinco estrelas. Você pensa que vai ficar hospedado o resto da vida, com a regalia de ser servido?

— Pelo que entendi, devia demonstrar que estou bem.

— O que você disse no começo está muito bom. Quando é que vai implorar pra sair, pedindo que mandem o dinheiro?

— É para já. Quer ver? *Contudo, o sofrimento da prisão e do isolamento é terrível. Já estou perdendo as esperanças de retornar, porque o tempo vai passando e não tenho notícia de que providências vocês estão tomando para me livrarem deste pesadelo.*

— Isso é tudo?

— É.

— E levou quase duas horas pra tão pouco?!

— Eu não queria escrever nada suspeito aos seus olhos. Quando for ler, você vai ver que a entonação da voz vai ser suplicante.

— Pode começar a falar.

Teotônio limitou-se a limpar a garganta, para dar a inflexão exata à voz, de acordo com o que supunha que iria ser a exigência dos bandidos. Falou por não mais que cinco minutos, acrescentando algumas frases que não rascunhara. Disse uns *pelo amor de Deus!* e *pequem em mim!* suplementares e rogou à irmã que rezasse por ele. Teve muita vontade de contar a respeito das reflexões sobre a vida e a morte, acreditando que esses temas poderiam interessar a irmã no sentido doutrinário, mas resolveu ser mais incisivo quanto à necessidade de ser libertado.

Desligado o aparelho, quis saber a opinião de Severino.

— Não acho nada. Não sou eu quem decide. Se não gostarem, você fala de novo.

— Por que é que não gravam uma fita de vídeo?

— Não tem precisão.

Durante a ausência do guarda, pensou nas dificuldades do texto que redigira. Descobriu que fizera o pronunciamento muito mais emocionado do que o seu procedimento intelectualizado dos últimos tempos poderia levá-lo a pressupor.

— Em suma, vamos ver quanto tempo mais...

Foi interrompido pelo outro.

— Vai ter de falar a respeito da venda das propriedades e do restabelecimento de tudo depois, quando se vir de novo na direção das empresas. Vai ter de ser mais convincente.

O costureiro não esperava ter de voltar a se dirigir à família. Achou que a dramaticidade da situação era suficiente. Esquecera-se de que havia sério transtorno para os seus e também para os marginais.

— Será que vocês não querem escrever, para que eu apenas leia?

— Se preferir.

De novo sozinho, pôs-se a afligir-se como nos primeiros momentos. Meia hora depois, voltava Severino com uma folha totalmente escrita.

— Leia umas duas ou três vezes, antes de recitar pro gravador.

O texto era capenga, no entanto, reproduzia o pensamento dele de forma bastante próxima de alguém sumamente premido pelas circunstâncias adversas. Teve de reconhecer que estava muito melhor, para quem desejava ver-se livre do terror.

Depois que Severino saiu, imergiu Teotônio em profunda depressão. Pelo que havia depreendido do texto, existia certo desespero na atitude dos sequestradores. Instintivamente, passou a afagar os brincos, com medo de que lhe cortassem a orelha.

— De que me adianta ficar a filosofar, quando há tanta miséria moral no mundo?

Se tivesse marcado no relógio, iria constatar que se passariam mais de quinze horas até se que se visse vencido pelo sono.

VALIOSA NOTÍCIA

Depois de outras repousantes horas de sono, Teotônio foi acordado por Severino. Vinha transmitir-lhe a notícia de que a irmã tinha informado que as solicitações estavam para ser atendidas.

— Foi ela mesma quem conversou com vocês?

— Eu estava presente. Ela foi categórica quanto às providências para o levantamento da quantia solicitada.

— Vocês confirmaram?

— Claro! Há um grupo estrangeiro interessado na aquisição de todo o complexo industrial e comercial, inclusive pretendendo manter o nome das marcas registradas, de forma que, quando você retornar, vai poder se reintegrar no ambiente, até conseguir resgatar tudo o que vier a ser transferido.

— Quer dizer que estão se desfazendo de tudo?

— E como é que você acha que poderiam conseguir o dinheiro?

— Eu bem disse que a quantia era muito elevada.

— De acordo. São pouquíssimos os que teriam condições de pagar tão alto preço.

— Você fala *pouquíssimos*...

— E não são? Os capitães da indústria, os magnatas do comércio e os reis da agricultura...

— Desculpe. São esses *-íssimos*. Estou reparando em que você se expressa com muita propriedade e até certa elegância, demonstrando cultura acadêmica, no mínimo.

— Não enverede, de novo, no caminho das descobertas relativas a nós.

— Só se for estúpido. Mesmo que não diga, é fácil de concluir que tenho cabedal para elaborar, ainda que de forma precária, o perfil cultural de quem conversa comigo sem disfarce.

— Digamos que tenho curso superior.

— Era o que desconfiava.

— Mas você não vai querer que lhe conte a história da minha vida nem lhe forneça o número da carteira de identidade!...

— Ao contrário. Agradeço-lhe muito que saiba concatenar as ideias. Desse modo, poderemos conversar a respeito de muitos assuntos.

— Desde que você não pretenda me convencer a libertá-lo, sem o devido pagamento.

— Essa preocupação com o lucro da ação criminosa é revoltante.

— Eu não preciso ficar ouvindo você me recriminar. Cada qual sabe ou deveria saber onde, exatamente, os sapatos lhe apertam os calos.

— Você não tem preocupação com o futuro?

— Se não tivesse, não ia ligar pra ganhar o meu rico dinheirinho. Só assim vou encher meu pé-de-meia.

— Estou falando da vida após a morte.

— Que entende você de vida além da vida?

— Até essa sua maneira de falar é estranha.

— Pois posso dizer-lhe que ouço muitas vezes as pregações dos espíritas. Gosto de ficar imaginando como há de ser depois que passar pro outro lado.

— E se você for atirado nas valas infernais?

— Terei de pagar o preço. Segundo o que sei, desonestos, injustos e imorais são os homens que arquitetaram esta sociedade medíocre em que vivemos. Deus há de agir de modo muitíssimo diferente.

Teotônio sentiu que o outro recalcitrava, dando desculpas para todos os atos, acusando uma figura multifacetada e monstruosa, a qual, através da história da humanidade, construiu o mundo dos relacionamentos. Julgou que descambar para o lado mitológico do raciocinar em defesa própria, sem considerações morais ou espirituais de ordem elevada, iria forçar a ser colocado pelo guarda em campo diametralmente oposto.

— Talvez você esteja coberto de razão — disse, com a nítida intenção de fechar o diálogo.

— E não somente eu vou ter de pagar o preço — prosseguiu Severino, como se não tivesse ouvido o que o outro tartamudara. — Também os governantes, os ricos, os poderosos, os juízes, que pronunciam sentenças sem considerarem os valores humanos, baseando-se somente nas leis fabricadas pelos interesses dos que têm *pedigree*. Não me provoque, porque o meu azedume vai deixar você triste. Sabe por quê?

— Por quê?

— Porque irá perceber que faz parte da turma dos exploradores.

— Mas eu dou emprego a tanta gente que sustenta as próprias famílias...

— E que mais?

— Não é suficiente?

— Quanto tempo se dedica a fazer benfeitorias palpáveis, aquelas que trazem conforto material e felicidade espiritual às pessoas de todas as classes? Aposto que desconversa, sempre que alguém lhe pede ajuda efetiva, de corpo presente, não pequenas doações...

— Vou ter de me defender.

— Pois diga tudo o que pensa.

— Vim de uma família muito pobre.

— Não me consta. Seus pais possuíam casa própria, empregos, renda suficiente pra mantê-lo estudando, sem trabalhar...

— Mas isso é o mínimo que qualquer pessoa deve possuir para iniciar os próprios empreendimentos.

— De que tipo? Aprendendo, na escola, a como ludibriar os que não tiveram acesso aos mesmos bens?

— Trabalhei duro, desde o começo. Consegui amearhar a minha fortuna, depois de muito sacrifício.

— Ganância, ambição. O seu objetivo era subir na vida às custas dos esforços alheios. Já pensou em quanta gente precisou amargar vidas muitíssimo rigorosas, sem comida, sem moradia, sem segurança, sem saúde, sem saneamento básico, sem educação, sem o *mínimo necessário*, não pra alcançar os dez milhões que você administra, mas pra se conduzir com dignidade pelas estradas da sociedade? Quando chove, você se abriga. Sabe quanta gente vê seus barracos destroçados, arruinados, invadidos pelas águas, submersos na lama, arrastados morro abaixo pelos desmoranamentos e deslizamentos?

— Tenho pensado muito nisso e não vejo como nem o que fazer para melhorar as condições de vida dos miseráveis.

— É bem isso que está impedindo você de saber o quanto estamos em planos diferenciados.

— Mas você partiu para o crime, para a subjugação através da força, para a marginalidade. As leis não amparam essa atitude.

— Quando interessa, você cita as leis dos homens. Mas não se esqueça de que foi você quem me arguiu quanto aos desígnios do Senhor.

Teotônio estava simplesmente arrasado. Não acreditava o outro tão preparado, com tão fortes argumentos para o delineamento da hipocrisia dos que se mantêm no topo das benesses sociais. Quando quis acreditar que Severino era tão só um dissidente da formação universitária, via um sujeito revoltado contra todas as mazelas que formaram a base de sua construção material. Jogou um balde de água fria na conversação:

— De qualquer modo, não me sinto lesado grandemente com a dispersão, com a venda, com o desfazimento das propriedades. Tenho bem montada rede de influências e extenso círculo de amigos, de forma que meu nome irá renascer, mesmo que meus pais e minha irmã passem tudo o que tenho para a frente. Eu sei que você vai ficar decepcionado comigo, mas não entenda, simplificando o meu pensamento, que irei voltar a fazer de novo as mesmas atividades. Vou querer restaurar tudo o que perdi. Isso me parece justíssimo (para me utilizar do superlativo de que você tanto gosta). Entretanto, vou reformular minha visão dos homens, solicitando ajuda a minha irmã, a qual trabalha com muita dedicação pelos pobres, participando das atividades de um núcleo espírita.

— Isso veremos. Assim que você se vir na miséria...

— Quem tem pais, família e amigos como os meus, jamais estará na miséria.

— ... vai pensar de modo diferente, a começar por amaldiçoar os momentos que passou neste lugar, sob o guante de vigilante tão sagaz em não se deixar engodar por sua arenga burguesa, a qual emprega, inclusive, os dizeres evangélicos para se justificar perante o próprio *ego*.

Teotônio não tinha tido nunca a pretensão de ir tão longe no espicaçar dos melindres do outro. Compreendeu que a mágoa que provocara poderia representar a volta à máscara, aos piolhos, à aflição da mais absoluta escuridão.

Severino concluiu:

— Para demonstrar que estou condoído com a sua situação atual, vou proporcionar-lhe uma regalia única. Você vai ter o direito duma lâmpada no teto, assim que me apresentar a primeira página de memórias, retratando-se por inteiro, sem que o sistema de defesas psíquicas lhe dite os termos referendados pela aristocracia mundana.

Antes que o prisioneiro pudesse se refazer das sucessivas surpresas, a culta e misteriosa personagem fechou a porta atrás de si, passando o ferrolho com estrondo, firmando na mente do outro que era ele quem determinava qual lhe seria o destino dentro daquelas quatro paredes.

Sozinho, em voz alta, não reclamou de nenhuma atitude dos facínoras. Preferiu chegar a resultado simpático:

— Ao menos, tenho agora a certeza de não estar em mãos brutas. Se me matarem, por certo haverão de fazê-lo com compaixão, sem dor...

Não pôde prosseguir. Sentiu, no fundo do coração, que sofrera cutilada moral muito mais penetrante que o pontapé que lhe enodoara o peito.

TENTATIVAS FRUSTRADAS

Teotônio não quis deixar-se abater pelas recriminações do bandido. No íntimo, julgava de extremo mau gosto ficar a atormentá-lo quem estava com o queijo e a faca na mão. No máximo, poderia responder-lhe de modo cordial, para não perder a assistência de cada hora. Com a promessa de melhor iluminação, poderia aspirar a dar-se aparência mais saudável, escanhoando a barba e aparando os cabelos, quando crescessem. Mal se via no espelho pouco cristalino do banheiro. Era apenas um vulto, olhos encovados, pele macilenta. Quando se apalpava no escuro ou se desnudava para o banho, via os ossos agredindo a pele, tão magro estava, apesar de alimentar-se a contento. Nunca fora bem nutrido de gordurinhas, porque se esmerava na aplicação das técnicas da moderna ginástica. A aparência era fundamental para a profissão, principalmente porque era o porta-voz primeiro de sua criatividade, vestindo-se com apuro e elegância.

— Vou querer dar-me um trato. Pelo menos, vou representar de cadáver bem cuidado, no caixão que meus pais irão depositar no cemitério.

Passou a examinar as pessoas que acorreriam para o enterro. Os familiares todos, muitos dos quais interessadíssimos em sobras de caixa, pois, sempre, do total apurado com a venda das propriedades, a irmã iria fazer a doação de boa parte, mesmo porque ela não precisava, conforme afirmara diversas vezes, contentando-se com minguado salário que somava ao do marido para efeito da criação e educação dos filhos.

— Minha querida irmãzinha!

Lembrava-se dos tempos infantis, quando brincavam juntos, ele mais velho sete anos, vigiado constantemente pela mãe, especialmente depois da desagradável surpresa...

— Se me desse a liberdade que tive com a loira Maria, acabaria incestuoso, tanto ímpeto dispunha nos atrevimentos sexuais das primeiras idades.

O tema do sexo, definitivamente, se lhe instalava na mente perturbada. Não sentia necessidade nenhuma de se aliviar, conquanto, frequentemente, lhe assaltassem a memória as recordações lúbricas. Assustara-se com a possibilidade de aceitar o estupro pelos marginais. Via-se, agora, mais conformado com a ideia de permanecer casto todo o tempo do rapto.

— Quem sabe devesse começar os escritos por essa página estúpida da gravidez da garota. As consequências lógicas da ocorrência amarguraram-me a existência, inclusive pela divulgação, o que não poderia deixar de acontecer, de que me interessava também (e principalmente) por pessoas de meu sexo.

Evitava a terminologia escabrosa que conhecia em minúcias, tantos foram os amantes de baixa extração social.

— Se esses pecados são purgados em outra vida, vou ter de me contentar em encontrar-me no reino de Deus somente depois de alguns séculos...

Atinou com a demência do raciocínio.

— Se Deus é justo conforme creio, não irá permitir que o simples gozar, mesmo não sendo o mais natural, tendo em vista a procriação, é para ser motivo de queda nos infernos do judaísmo cristão mais grosseiro.

Lembrou-se de que rejeitara os princípios elementares da religião católica, desde a época em que se viu enleado com as tremendas raspanças dos confessionários, sempre seguidas de terços e mais terços de penitência. Não demorou para compreender que toda reação orgânica fora fornecida aos homens e demais seres da natureza pelo Criador. Foi mais além, considerando os excessos autopuníveis, uma vez que existe a lei da cobrança dos abusos pela natureza. Tanto era assim que não se deixou jamais impregnar dos vícios oriundos dos psicotrópicos e dos alucinógenos, os quais via estimulados por muitos companheiros de orgias.

À medida que ia refletindo, ia escrevendo sem peias para que o discurso não se desse sob a pureza vernácula que sempre prezou. Não castigava a linguagem e a tornava o mais favorável possível para que alguém que fosse ler pudesse admirar-lhe as sábias decisões, primeiro em ser fiel aos acontecimentos, segundo em se postar como vitorioso sobre todas as tentações. Rebaixava-se quanto à época dos desvarios, entretanto, denunciava o erro, contornava-o à sua maneira e saía vencedor das provações, como se a vida pudesse considerar-se perene disputa entre o mal e o bem. A tempo, conseguiu observar o fato, renegando o texto.

— Disto aqui, Severino não vai gostar. Não me pediu que me retratasse perante os pobres e desvalidos? Tudo o que estou escrevendo só foi possível porque o dinheiro me sobrava.

Tentou distender os músculos mas estes não responderam a contento. Estava *enferrujado*.

— Não tem que ver: vou precisar internar-me em clínica de recuperação fisiológica, sob cuidados médicos especializados, se quiser restabelecer a antiga forma física de que me gloriava.

Parou para pensar sobre a deliberação.

— Se não me sobrar dinheiro algum, como é que vou conseguir pagar dispendioso instituto de reeducação física e psíquica? Não posso crer que minha irmã vá ser tão irrefletida a respeito dos bens que me pertencem. Irá fazer alguma reserva substancial, com certeza, porque sabe como sou no que se refere às conquistas empresariais.

A imaginação levava-o por descaminhos na busca do desamparo pincelado pelo coator.

— Não é possível que não se contentem com o dinheiro e queiram desforrar em mim todas as angústias pela pobreza do país.

Bateu com a palma da mão na testa. Descobriria, finalmente, o que se passava:

— Esses elementos estão vinculados à guerrilha internacional. Não terei de ser o primeiro prisioneiro ideológico. Não houve um grupo de sequestradores internacionais preso em flagrante com poderoso chefe de indústria paulista? Estavam arrecadando fundos para organizações internacionais de revolucionários. Eis a razão pela qual Severino é tão culto e tão pungente na defesa dos menos providos de recursos.

Notou Teotônio que escrevera quase tudo o que dissera em voz alta.

— Devo estar ficando louco em revelar aos assassinos a desconfiança de sua identificação. Não entendi por que me deram permissão para ouvir aquela musiqueta pornográfica, assim que cheguei. Agora já sei: era para me enganar quanto aos objetivos do sequestro. Gente miserável, desqualificada, marginal, a desejar aproveitar-se dos ganhos volumosos mas justos das pessoas bem postadas na sociedade.

Rasgou todas as folhas ao meio. A rubrica, no entanto, obrigava-o a manter o papel intacto quanto ao volume.

— Se desconfiarem de que está faltando alguma folha, não vão me deixar escrever mais nada.

— E que importância tem isso? — interceptou-lhe os pensamentos uma voz que vinha do outro lado da porta. — Você não está sendo capaz de redigir uma simples página de caderno. Grande escritor!

Na semi-obscuridade do cômodo, Teotônio pôde ver os contornos do capuz que o espionava pelo visor da porta.

— Não se acanhe. Se você precisar, vou fornecer quantos cadernos forem necessários. Só não me apresente nada que não signifique a verdadeira deliberação de sua vontade de se regenerar.

A vontade de Teotônio era de saltar sobre o algoz, asfixiando-o pela incoerência da solicitação descabida. Não fora a coação que sofria e iriam passar ao largo um do outro, sem que notasse sequer a existência de ser tão mesquinho. Tomou a precaução de nada revelar em voz alta. Meditava sobre a imagem moral que construía do Severino. Era um mostrengo, cujo nome fora inspirado pelas recordações dos capangas de Virgulino Ferreira da Silva, o terrível cangaceiro Lampião, que aprendera a detestar.

— Com certeza, falou em voz alta, você é bem capaz de defender as atividades de gente como o célebre Capitão do Nordeste, aquele que matava e roubava...

Voltou a observar o vidro da porta. Não havia ninguém ali. Mas a luz do abajur enfraqueceu-se consideravelmente. Estavam sutilmente ameaçando-o.

LEONEL

De repente, veio ao pensamento de Teotônio a figura do motorista Leonel, que insistira em desviar-se do caminho e que fora, por recomendação do patrão, cair na armadilha dos bandidos.

— Se escrever sobre essa humilde figura, sobre esse serviçal prestimoso, de quem cheguei a desconfiar tolamente, talvez possa pedir-lhe desculpas pelo tratamento desrespeitoso, ordenando-lhe que ficasse à minha disposição, impositivo pela quantia que lhe pagava para mantê-lo fiel. Nunca lhe permiti falar a respeito de nada que lhe fosse particular, a não ser naquele dia em que, tão alegremente, me contou a respeito de ter levado o filho de oito anos ao estádio de futebol. Pelo que soube naquele dia, preso no trânsito, Leonel levava a camisa do Flamengo debaixo da impecável *beca* que lhe desenhei, como regra fundamental de todos os auxiliares diretos.

À medida que ia desenvolvendo as ideias em voz alta, instintivamente ia escrevendo, tornando a reflexão mais detida, mais pausada e, portanto, mais consistente com a finalidade que pretendia atingir.

— No dia do sequestro, vi quando o pobre foi arremessado ao solo. Terá sido ferido pelos criminosos? Se tratei dele com desprezo e desconsideração pela figura humana que representava, irmão que deveria considerar no plano divino, o que pensar dos que o agrediram com tanta violência, como se fosse revidar, desarmado, ao ataque em que se ouviu o pipocar quente da metralha?!

Analisou Teo o último parágrafo.

— Penso estar ficando louco. Pedem-me para escrever retratando-me do modo pelo qual destratava as pessoas de outro nível social e ofereço, em troca, tremendo libelo contra as atitudes dos bandidos.

Admirou-se de estar falando em voz alta. Voltou a cabeça para a porta, mas não divisou ninguém na janelinha.

— Se estiverem ouvindo, vão saber que sou absolutamente sincero na qualificação dos indivíduos que perpetraram o rapto. Quero ver se são capazes de discordar quanto a quem deu melhor atendimento a Leonel. Se fosse possível, sugeriria que trouxessem aqui o homem, para perguntar diretamente a ele quem preferiria para conviver, mesmo que em

relacionamento puramente profissional. De qualquer modo, fui eu quem lhe dei atenção, naquela manifestação de agradável lembrança familiar.

— Nem as pessoas mais miseráveis conseguem entender, na maioria das vezes, que estão sendo selecionadas por padrões estranhos ao seu poder de decisão.

Severino falara ali, ao lado do novel escritor. Teo levou tremendo susto.

— Pelo amor de Deus, homem! Você não me trouxe o abajur para que eu o visse entrando?!

— Você estava tão entretido com ajustar os raciocínios a favor das suas próprias atividades sociais e humanas, falava tão alto e punha tanta ênfase no espúrio procedimento dos sequestradores, que não ouviu o trinco deslizar nem a porta se abrir.

— Não vai me dizer que não tenho razão quanto a considerar os marginais desprezíveis como inferiores em função do meu relacionamento com o motorista.

— E se lhe disser que, depois de avaliados os resultados de melhor distribuição de rendas, o seu *serviçal*, como você diz, iria concluir que, se prestasse serviço igualitário, usufruindo dos mesmos bens, embora lhe destinando as oito horas diárias de seu tempo de vida, preferiria estar no mundo, sob diretrizes mais amigáveis, mais amorosas, mais profundas, filosoficamente falando.

— Eu não entendo muito da organização comunista, mas estou percebendo que seu ideário abençoa as mesmas condições de vida para todos os seres. É como se Jesus Cristo voltasse a pregar o evangelho.

— Perfeitamente. Você entendeu tudo, só não está aceitando que pudesse ser assim em todas as civilizações, até naquela que se diz cristã e democrática. O comunismo não lhe parece o melhor regime político, no qual o sistema de vida dá prioridade a quem trabalha e pune os que se aproveitam dos demais?

— Se puder fazer referências históricas bem delimitadas geograficamente, vou ter de discordar, porque a descrição teórica pode ser a mais condizente com o roteiro do Salvador, mas a prática revelou que não dá certo pretender-se que todos se tornem escravos do Estado.

— Historicamente falando, reconheceu-se o fracasso das organizações socialistas, mas não por causas intrínsecas ao regime, senão por deficiências humanas, porque as pessoas mantiveram, por diversas razões, inclusive pela influência perniciosa dos países ocidentais, a cobiça como sentimento prioritário. É sabido que os povos desenvolvem o orgulho pátrio e aquelas nações a que você está se referindo estavam se vendo absolutamente inferiores, por causa da impossibilidade de se manterem os programas espaciais. Havemos de entender que as potências chamadas democráticas, por mim imperialistas, secularmente, vêm explorando as nações satélites, submetendo-as a vergonhoso e insolvável endividamento econômico-financeiro.

Teotônio, a cada palavra de Severino, ia confirmando a conjectura do sequestro ideologicamente comprometido com as esquerdas. Considerou a inutilidade da discussão, tendo em vista que o outro não lhe dava oportunidade para redarguir cientificamente, impedido de efetuar levantamentos estatísticos ou de buscar teses mais condizentes com o norteamento político dos segmentos nacionais que lhe davam amparo ao crescimento na área da moda.

— De qualquer modo, interveio tímido, Leonel foi brutalmente retirado do carro, sob a ameaça dos disparos.

— O infeliz foi alvejado duas vezes e morreu ali mesmo, estrebuchando agoniado por ver o patrão ser levado pelos homens de máscara.

— Santo Deus! Que vai ser da família do coitado?

— Sua irmã deverá providenciar a documentação necessária para que a viúva receba a competente pensão que o *seu* Estado vai depositar mensalmente em sua conta corrente. Quanto a nós, iremos ver o que nos vai ser possível fazer, assim que obtivermos os recursos almejados.

— Você está contradizendo-se. Dizem-se visionários evangélicos e provocam tais distúrbios sociais irreversíveis.

— Acidentes acontecem. O que não deveria acontecer era o sequestro, se o governo que você tanto defende estabelecesse mais justiça entre os homens. Só falta você tentar me convencer de que a viúva vai ser bem tratada pelo Estado. O que poderá fazer com a pensão de um salário mínimo, se alcançar conseguir tanto? Você, assim que se vir em condições, é que deverá procurar a infeliz família, dando-lhe o conforto de seu ombro amigo. Mas, se eu tivesse uma bola de cristal, iria mostrar você, no futuro, passando ao largo (como disse que passaria por mim).

Teotônio se sentiu ainda mais fortemente abatido. “*Quanto não daria para enfrentar o patife em campo neutro!*” — pensava com seus botões. Entretanto, insidiosa ideia de que fariam com ele o mesmo que com Leonel instalava-se-lhe no *desconfiômetro psíquico*. Gostou da terminologia desusada, criada ali mesmo sob pressão, e desviou a atenção do tema da conversa para a triste condição de prisioneiro. No íntimo, desejou opor-se à previsão de Severino, firmando a opinião de que o outro estava errado e de que iria dar vida condigna à mulher e aos filhos menores do bom motorista.

Naquela circunstância, lembrou-se de que o único recurso que possuía era o da prece em favor do morto e dos vivos:

— Senhor, dai conforto e ânimo aos seres que lastimam a perda do companheiro, do pai e do amigo. Fazei com que compreendam as vicissitudes da vida, porque, em vosso reino de amor, encontrarão o regozijo da união eterna. Proporcionai ao pobre assassinado as condições ideais do perdão, para que possa ter paz de espírito. Inspirai-me, Pai dulcíssimo, para que elabore minha primeira página de amor à humanidade e para que não perca o juízo nesta espelunca mal-assombrada. E iluminai a mente deste companheiro que vela por mim, apesar de tudo. Assim seja!

— Assim seja! — repetiu Severino ao seu lado.

Ato contínuo, subiu na mesinha e colocou uma lâmpada no *plafond*, a qual deixou o ambiente um pouco mais claro. Desacostumado com a luz, Teotônio cobriu os olhos, esperando que se acomodassem pouco a pouco. Quando pôde olhar em redor, Severino já não estava.

SUSPEITAS

Teo considerou a providência da iluminação sumamente agradável, tanto que se dispôs, desde logo, a desenhar modelos de vestidos, buscando caracterizá-los de forma a precisar certos recursos de constrangimento da liberdade. Fazia-o com desenvoltura, dando à silhueta feminina traços muito acentuados de sensualidade, para prender-lhe os movimentos com tiras imitando correntes e com algemas na forma de presilhas, nos tornozelos, nos pulsos e no pescoço. Fazia outros riscos bastante decotados, com aberturas laterais extensas, desnudando mais que cobrindo, para favorecer o pensamento de que existe sempre o desejo de se livrar da coerção social. Chegou a retrogradar o figurino, instando em que tudo se resumisse nos adereços, sem panos e sem peles, como nas fantasias dos diversos blocos carnavalescos a que se dedicara ultimamente.

— Ao encontrarem estes esboços, vão verificar que minhas preocupações se desenvolveram no sentido mais profissional de meus compromissos, apesar de forçado a me manietar aos ínfimos desejos dos infelizes criminosos.

Não considerou o vocabulário nem o teor da frase compatível com a arte que dominava com apuro. Sentiu orgulho em ter a faculdade de representar plasticamente os pensamentos, que se aclaravam com a desenvoltura dos firmes traços.

— Ainda bem que tenho algo de meu, dom de maravilhosa contextura, no qual não hei de encontrar êmulo algum nas figuras do tráfico de pessoas.

Sabia que as frases deveriam estar sendo ouvidas. Tinha a certeza de que os estímulos adversos provindos do guarda serviriam para torná-lo mais ferreamente desejoso de sobreviver. Não podia deixar-se abater, como o fizera diversas vezes.

— E se me *despacharem* à Leonel? Como é que devo encarar essa perspectiva trágica? Não mais filosoficamente mas na contingência de me vir agredido pelos balázios ou sufocado por alguns centímetros de arame ou de corda.

Recordou-se de ter visto execuções sumárias nos telejornais, onde os carrascos tão só disparavam um tiro na nuca e outro, de misericórdia, na cabeça. Misericórdia nada! Era para a certeza de que o condenado não escaparia.

— Se me ofertarem a possibilidade, devo até agradecer. Se me largarem preso para perecer de inanição, haverá de ser muito maior o sofrimento. Pelo menos a rapidez...

Não pôde continuar na linha de reflexões, tantas eram as visões de gente se comburindo em fogo ateadado sobre si mesma, de pessoas despencando de prédios em chamas, de indivíduos acidentando-se nos bólides das pistas ou dos ares. O menos de que se lembrava era de ter presenciado o passamento de pessoas em leitos hospitalares ou na casa de amigos. Um dia, testemunhou o atropelamento de duas pessoas, uma das quais se feriu de leve, enquanto uma criança de uns cinco ou seis anos se esvaiu imediatamente em sangue. Leonel freou o carro e correu para acudir, mas não chegou a tempo de oferecer nenhum tipo de ajuda. Involuntariamente, Teotônio ouviu-se repetindo a frase que gritara para o motorista:

— Se nada houver para ser feito, vamos embora, que estou atrasado. A polícia costuma buscar quem tenha assistido ao espetáculo dramático, para a descrição dos eventos...

Viu que misturava a frase da ocasião aos penosos raciocínios da hora.

— Só me faltava examinar-me o procedimento em momentos que tais, quando me preocupava apenas comigo mesmo. Será que Severino estava fazendo referência a esse tipo de atitude, quando me acusou de insensível? A palavra mais correta seria egoísmo ou egocentrismo.

Não atinou de onde lhe viera o último termo. Pareceu ditado pelos protetores espirituais, a quem admitia francamente, por estar lúcido, apesar da terrível opressão física.

Olhou para a folha de papel onde ia escrevendo os pensamentos. Havia pelo menos dois parágrafos escritos, reproduzindo as ideias mais próximas das acusações íntimas. Mas podia jurar que não elaborara conscientemente os tópicos.

— Estarei escrevendo sob influência mediúcnica?

Suspendeu a escrita, depositando a caneta sobre a mesa. Meditava a respeito do que ouvira falar sobre as pessoas que tinham esse dom. Lídia, certa vez, conversando com os pais, tentara induzi-los a acreditar que havia gente capaz de se deixar guiar pelas forças espirituais, sem domínio da vontade sobre o braço.

— E, no caso dos que pintam quadros nos quais apõem nomes famosos, haverá quem, no plano etéreo, esteja interessado em comprovar a persistência de uma vida incorpórea, como se isso pudesse ser importante? Pelo menos, a sugestão que fazem é de que existem sob condições diferenciadas das humanas.

Percebeu que jamais dera crédito às assertivas da irmã. Naquele dia, almoço comemorativo da abertura da filial de São Paulo, reservara-se às congratulações íntimas dos pais e da família da irmã. Aproveitara-se ela para a doutrinação precária dos velhos, imaginando, talvez, que o irmão pudesse assimilar os ensinamentos espíritas.

— Por que é que estou falando de mim mesmo na terceira pessoa?

O fato o intrigou deveras. De raciocínio em raciocínio, chegou à conclusão de que bem poderia estabelecer a modalidade para os escritos que prometera. Seria a fórmula para evitar o profundo egoísmo (ou egocentrismo?) que se justificava pela análise da personalidade. À frente de seu intelecto corria plácido rio, por campinas verdejantes. No fundo do cérebro, a consciência revolteava em catadupas, ameaçando transbordar e alagar o procedimento físico.

Pensou em chamar Severino, para desviar a atenção para temas conflituosos, polêmicos, o que lhe daria ensejo de desafogar-se do desabamento dos entulhos morais

minados pela comoção íntima da descoberta da falta das virtudes. Recordou-se dos tempos do catecismo.

— Quais eram mesmo os sete pecados capitais?

— Eu começo e você termina: a gula, a ira, a preguiça...

— Outra vez, Severino? Será que terei de morrer do coração?

— Continue! Vamos!

— Perdi a vontade.

— Será que não quer mencionar a luxúria, por exemplo? Então, vou deixá-lo sozinho. Antes, devo dizer que estou vivamente impressionado com os seus delineamentos da moda. Para quem mesmo hão de servir esses vestidos?

Teo não respondeu. Notou a provocação mas estava sem ânimo para o enfrentamento discordante.

— Não estará na hora de comer?

— Penso que não, em todo caso, vou verificar se posso providenciar um lanche.

— Eu agradeceria muitíssimo.

— Não esqueça que estão faltando três pecados.

Sozinho, Teo esforçou-se por recordar-se mas o pecado da luxúria tomou-lhe vulto na mente, absorvendo a atenção. Viu desfilar todos os amantes, em ordem cronológica, sem nenhum titubeio da memória.

— Como é que estou tão desperto para esse tipo de recordação e não me vem simples relação que tantas vezes repeti quando criança?

Enquanto não terminou a longa lista dos relacionamentos sensuais e sexuais, não lhe vieram as palavras *avareza*, *inveja* e *orgulho*.

LIBERDADE

Teotônio não cabia em si de contente. Fora avisado por Severino que receberia a visita de um dos negociadores, para firmarem pacto que chamou de *pacto de sobrevivência*.

Enquanto não se dava o encontro, Teo imaginava como seria o tal dispositivo para que a quadrilha não se visse nas garras da polícia.

— Evidentemente, vão querer que me mantenha calado. Vão assinalar o que devo e o que não devo revelar. Tenho notado, nos pronunciamentos dos sequestrados soltos, que não querem fazer longas descrições do cativo, menos ainda dos raptos. Quando os bandidos são apanhados e o local estourado, os noticiários e repórteres anseiam por mostrar fotos e filmes.

Percebeu, no íntimo, forte apreensão pelo que lhe ia ser solicitado, já que o desfecho do pobre Leonel demonstrava, cabalmente, que não estavam para brincadeiras.

— Devo concordar com todos os termos, inclusive com pagamentos posteriores. Não sei em que estado vou encontrar as empresas, mas algo deve ter sobrado, já que Lídia não iria dar fim a tudo, em tão pouco tempo.

la-lhe o pensamento por esse caminho, quando Severino apareceu sem capuz. Instintivamente, Teotônio abaixou os olhos.

— Não precisa temer o conhecimento de seu guardião. Esse rosto haverá de ser o sinal de que novas exigências se farão. O resultado você conhece muito bem.

Falava um dos maiores, este, sim, encoberto pela máscara.

— Quer dizer que continuarei sendo seguido e perseguido?...

— Quer dizer que você deve obedecer às diretrizes que estou passando. Se não gostar, faça diferente e arque com as consequências.

— Tudo bem! Mas o fato de ter cooperado com tudo...

— Cooperou nada! Até pra gravar as mensagens precisou de nós.

— Tenho tido comportamento exemplar.

— No puro interesse pessoal. Se souber onde se encontra, vai denunciar imediatamente às autoridades.

— Não queira ler no meu coração!...

— Não preciso ler nada pra saber. Está na cara: somos os assassinos, os bandidos, os facínoras, os raptos malvados, os criminosos etc. etc., que foi como nos chamou o tempo todo.

— Estava sendo sincero...

— Eu também, quando informo que se arrependerá amargamente, se não me atender.

Teotônio percebeu que ir por tal caminho era ficar marcando passo. Resolveu ouvir calado.

Após uns momentos, o desconhecido prosseguiu:

— Você reúne condições de sair. É claro que irá receber o impacto da realidade, após tantos acontecimentos de que não teve conhecimento. Por exemplo, você desconfia de quanto tempo esteve conosco?

— Tenho calculado que não pode passar de um mês.

— Cinco anos.

— Impossível!

— Perfeitamente possível.

— Eu contei as caixas dos remédios. Não passaram de três ou quatro de cada.

— Só aí o seu cálculo estaria errado. Cada caixa dá pra vinte dias. Três caixas completariam dois meses. Não estou certo?

— Então, quatro caixas ou mesmo dez não dariam para cinco anos.

— Se tomasse todo dia.

— Como assim? Não tomei todo dia?

— Só quando se lembrava.

— Eu controlava pelo relógio.

— Esse relógio está atrasando muito. Uma hora nele representa, pelo menos, dez horas reais.

— Não acredito!

— Você vai ver no calendário.

— Santo Deus! Não é à toa que estou cadavérico e minha pele um lírio. Mas minha irmã...

— Sua irmã demorou três anos pra se desfazer de todas as firmas, pois não quis vilipendiar o valor das propriedades.

— E minha freguesia?

— Dispersou-se, naturalmente. Com essas coisas, você vai se preocupar mais tarde.

Vamos ao que interessa.

Teotônio não conseguia reprimir as lágrimas:

— Tanto tempo perdido, meu Deus! Condenado sem crime...

— Se quiser discutir tudo de novo, esse que você apelidou de Severino vai ficar à sua disposição. Mais cinco anos são suficientes?

Teo gesticulou implorando que o outro prosseguisse.

— Muito bem. Vai ser levado pra um passeio no porta-malas e largado em lugar seguro.

— Muito obrigado!

— Não seja cínico, por favor. Respeite o nosso direito de forçá-lo a nos atender. Se preferir outra solução...

— Maldita boca! Por obséquio, desconsidere tudo que possa parecer agressivo.

— Assim está melhor. Você irá encontrar alguma alma boa que o encaminhará pra casa. Por mim, faria Severino acompanhar você, mas temo que se rebele, assim que se julgar em segurança. É preferível um desconhecido.

— Também acho.

— Ótimo! Quando tiver percebido o desastre de sua vida, vai tentar esquecer que esteve preso. Se se revoltar contra nós, irá sofrer inesperadas desditas, incompreensíveis, repentinas. Sendo assim, é bom conformar-se desde já. Em tempo oportuno, receberá outras instruções no que nos diz respeito. Fui claro?

— Claríssimo! Pode contar comigo para o sigilo possível. Se me mostrarem o retrato de Severino, não vou fazer nenhuma menção de reconhecê-lo. Aliás, vou dizer de cara que nunca vi ninguém sem máscara.

— Melhor assim.

Retirou-se o mandachuva.

Severino forneceu nova muda de roupa que reproduzia, pobremente, a indumentária com que fora sequestrado.

— Tome um bom banho, escanhoe o rosto, dê um trato nos cabelos...

Enquanto falava, Teo observava os traços rudes do guarda. Não encontrou violência no olhar, rancor ou ódio nas expressões. Avaliou os cuidados em torná-lo apresentável, concluindo que não gostaria o bandido de que a polícia desconfiasse da rudeza do local em que foi trancafiado.

Pronto, tendo notado que os cabelos haviam, realmente, crescido, lembrou-se de que fizera vários cortes mecanicamente. Não dera importância ao fato, porque estava muito preocupado com preservar a mente saudável.

— Severino, posso saber como está o Doutor Jônatas?

— Faz tempo que foi devolvido aos familiares.

— Pagaram-lhe o resgate?

— Integralmente.

— Ainda bem. O pobre homem estava desequilibrado.

— Está na hora. Vamos?

— Vamos.

— Coloque o capuz.

Com a visão obstada, foi conduzido durante largo tempo. O chão parecia acolchoado, porque não fazia ruído algum. Após vários minutos, foi obrigado a entrar no porta-malas. Então, fez um gesto com o braço estendido, como se quisesse apertar a mão do vigilante.

— Eu também tive prazer em conhecer você — disse o outro. — Tivessem sido outras as circunstâncias e teríamos alcançado, talvez, ficar amigos.

Teo não queria dizer nada. Recebeu o forte aperto de mão, percebendo que vibrava emocionada. Esperou que batessem a tampa, para dizer com voz trêmula:

— Tivessem sido outras as circunstâncias...

E as lágrimas umedeceram o rude tecido do capuz. Faltava pouco para se sentir livre de novo.

RACIOCÍNIOS LÓGICOS

Encerrado na escura jaula, ia Teotônio recompondo as informações do mascarado.

— Se estava a fim de me enrolar, quase conseguiu. Onde se viu me dizer que se passaram cinco anos?! Improvável! Se fosse assim, só se estivesse completamente alienado da realidade. Ou morto...

A suposição fez com que ficasse todo arrepiado, mas não temeu enfrentar a eventualidade.

— Até que teria sido interessante experiência no campo etérico. Pensar que estava vivo, quando apenas era guardado para as confissões íntimas ao Senhor e para a análise metódica da personalidade. Não é à toa que saio do misterioso recinto com total clareza de raciocínio. Vejamos. Se, na verdade, morri, então, mesmo que tivessem passado alguns séculos, a impressão que me deixaram seria de refacção do enredo existencial, em plano diferente do corpóreo. E quem seriam os que lá me asfixiaram por tanto tempo? De acordo com meus poucos conhecimentos, poderiam ser espíritos protetores, preocupados, evidentemente, em preservarem-me dos ataques dos seres malignos, uma vez que me reconheci inferior, cheio de defeitos, não tanto por qualquer extremado sentimento de culpa, mas por ter sabido sopesar os procedimentos da vida, concluindo, sabiamente, como não condizentes com as diretrizes evangélicas. Quando Severino me falava da irresponsabilidade social, queria que eu entendesse que se tratava dos ensinamentos superiores do Cristo e não, simplesmente, dos regimes políticos mais ou menos voltados para o bem-estar da população em geral. Interessante possibilidade. Estranhava eu que não me vinham à mente os problemas com o pessoal dos diversos empreendimentos que levei à frente. O mais esquisito é que minha *morte* está parecendo-me o mais lógico, principalmente porque não me lembra nenhuma ocorrência de sequestro tão longa. Qual instituição criminosa reuniria condições tão especiais de manutenção de alguém num único cativo, sem que a polícia desconfiasse das atividades dos bandidos?...

Suspendeu o roteiro que tomava a onda de hipóteses, porquanto se desviava para a vida material.

— Se eu estivesse vivo por cinco anos, mesmo assim teria sido dado por morto, com ou sem pagamento do resgate. Reféns vivos dão muito mais trabalho... Deverei, portanto, preparar-me para entender os códigos da novíssima condição...

Sabia Teo que estava considerando as condições como eventuais, entretanto, algo novo se lhe introduziu nos pensamentos.

— Por que devo considerar a condição de espírito como *novíssima*? A ser exata a teoria de minha irmã, o Espiritismo é claro ao afirmar que os que nascem apenas retornam à vida corporal, encarnam, como dizia ela, o que me remete à situação de espírito, a mesma que tinha antes de nascer. O que preciso esclarecer será o fato de não ter retornado, de imediato, ao aparato existencial que usufruía anteriormente. Não seria lógico aguardar ser recebido pelos parentes, pelos amigos, pelos conhecidos, pelos benfeitores, pelo anjo de guarda, sei lá, por alguém com quem me relacionava e com quem convivia?

O termo *convivia* soou extraordinariamente estranho.

— Estarei tendo alucinações? Como é que posso elaborar esse mundo de conjecturas, quando tenho somente indícios de que as coisas possam ter ocorrido à revelia de todas as impressões materiais que teriam persistido por tão longo tempo, durante a reclusão a que fui submetido? Deverei estar atento para os fenômenos exteriores, assim que me largarem no meio da cidade.

A rapidez vertiginosa dos pensamentos causou-lhe certo desfalecimento. Demorou para recuperar a lucidez. Percebeu que estava um pouco zozno, talvez porque...

— ... esteja reintegrando-me à atmosfera da crosta. Se bem avaliei o que se passou comigo, devo ter estado naquilo que Lídia chamava de Umbral, região de sofrimentos e de litígios entre os seres sofredores; região em que a consciência dos males se confronta com as lições evangélicas recebidas durante o aprendizado corpóreo, desta ou de anteriores passagens pela carne. Tenho a nítida sensação de ter as ideias esclarecidas por informações recebidas por indução mediúnica, tanto que não me julgo capaz de estabelecer padrões de conhecimento, por meio das simples observações captadas das ligeiras menções de minha irmã. O tempo que dediquei às meditações a respeito do misticismo haurido do interesse esporádico pelas religiões e seitas do candomblé, por ocasião da busca de inspiração para a confecção de figurinos...

De novo se via às voltas com os dados oriundos da derradeira encarnação. Não lhe pareceu a melhor estratégia para enfrentar a morte, caso tivesse, verdadeiramente, sido *despachado*.

— Quem terá dado cabo de minha vida? Terá sido o próprio Severino? Mas se é apenas espírito?... Então, devem ter sido os bandidos que me prenderam. Em que momento? Lembro-me de ter chegado vivo ao cativo. Ou terei tido apenas a impressão? A confiar na informação da morte de Leonel, devo ter recebido também algum tiro. Como é que criei todo um mundo virtual a partir desse instante, como se tivesse sido real o sequestro? Terá a mente a capacidade de vivenciar, através da imaginação, período tão longo, incapaz de reação contra si mesma? A inteligência não deveria ter despertado mais cedo e não neste instante tremendo, em que, pela simples palavra de um sujeito mascarado, estou a deduzir inúmeras conclusões?

Pensou no tempo que dedicou a si mesmo. Lembrou-se de ter refletido muito sobre a superficialidade dos conhecimentos, não se dando ao estudo categorizado dos temas superiores da vida.

— Se não me dediquei ao conhecimento das doutrinas da vida e da morte, fui beneficiado pela dedicada aplicação dos que me protegeram de mim mesmo, uma vez que a revelação imediata de minha morte, com certeza, iria me fazer revoltado contra os assassinos. Do jeito que passei esse tempo, pude atenuar as paixões, acatando os desígnios de Deus como justos e irrepreensíveis. Tantas vezes rezei o padre-nosso que incrustei na mente a ideia do perdão. Se me voltar agora contra os homens que me fizeram tanto mal, não poderei dizer que tenha assimilado essa noção fundamental dos ensinamentos de Jesus.

Veio-lhe clara a passagem do pedido de perdão do Nazareno já dependurado na infamante cruz. Nesse momento, o veículo parou e a tampa se abriu ruidosamente. Foi retirado à força do apertado e desconfortável escaninho. As pernas estavam doloridas. Foi-lhe colocada na mão uma peça de metal, uma chave. Nenhuma palavra. Ouviu o carro afastar-se. Passou a mão pelo gorro. Encontrou o cadeado. Sem esforço, passou a chave. Retirou o capuz. Olhou em derredor. Estava no meio da estrada, em pleno matagal. Sentiu-se sozinho e desolado. A Lua reinava, cheia, num céu sem nuvens. Estava por sua própria conta. Pôs-se a caminhar, enquanto, em sua mente, as palavras se organizavam em versos, irresistíveis, os quais memorizava desde logo. Ao cabo de alguns minutos, recitou o soneto:

Elegia

*Estou triste, ao desamparo,
Nesta esfera tão ruim:
Com o pensamento claro,
Ninguém a esperar por mim.*

*Volto à vida, sem um fim,
E me ponho, caso raro,
A pensar pelo que vim,
Mas, nas dúvidas, eu paro.*

*Faço versos em má hora,
Sem qualquer necessidade.
Qual é o bem que vigora*

*Nesta próxima cidade?
Por Deus, por Nossa Senhora,
Quem me ajuda, por piedade?*

O TRABALHADOR RURAL

Teo seguia cabisbaixo, intrigado com os versos que acabara de compor. Não sabia de onde lhe viera a inspiração, contudo, contou as sílabas e chegou à conclusão de que todos eram redondilhas, conforme antigo conhecimento, desde os tempos do primeiro grau. Agradeceu intimamente ao mui digno mestre de língua pátria, entretanto, encafifou a ideia de que tal habilidade não lhe era encontradiça na presente encarnação.

— Devo ter sido poeta em outras épocas, caso contrário não teria tido o ensejo de tão facilmente elaborar a poesia, se bem que não se trate de nenhuma obra-prima. O conforto que me traz é que importa; e esse é muito grande.

Percorreu cada palavra do poema e sentiu-o a expressão do desejo maior de se ver ajudado por alguém que dominasse a realidade circunstante.

— O que valeu mais foi a solicitação explícita de que tenham piedade de mim as forças espirituais, para que me deem amparo — ouviu-se dizendo em voz alta.

Na verdade, necessitava de simples informação: a de qual direção tomar para encontrar a cidade mais próxima. Julgou que, se estivesse morto, os amigos da espiritualidade o acudiriam de pronto, porque em terreno desconhecido e propenso a erros de interpretação. Mas não lhe apareceu nenhuma entidade, como em passe de mágica.

— O remédio vai ser continuar indo sempre na mesma direção, enquanto não passar nenhum veículo...

Nem terminou de pronunciar as palavras e lá despontou, bem à frente, clarão de forte luminosidade, a indicar a aproximação de automóvel ou caminhão. Bem perto, distinguiu o vulto de carro de passeio, mas os gestos desesperados de auxílio redundaram improfícuos, pois o motorista sequer deu mostras de ter notado o pedestre.

— Devo estar morto, mero fantasma invisível aos olhos humanos. Da próxima vez, ficarei bem no meio do caminho. Uma de duas: ou o motorista me vê e freia; ou passa através de mim, provando-me...

A segunda hipótese não se revelou agradável.

— E se, vivo, for deveras atropelado, perecendo pela minha estupidez? Parece-me que o plano não é o mais exequível. Devo prosseguir intemorato, organizando outros versos para ocupar o tempo. *As alamedas que atravesso nesta hora...* Eis que estou encontrando

facilidade com a métrica. São doze sílabas, acentuadas na quarta, oitava e décima segunda. Como é mesmo o nome desse tipo de verso?

Não lhe vinha à lembrança a denominação específica.

— De qualquer modo, doze sílabas correspondem ao alexandrino, tão ao gosto do pessoal romântico... Não é verdade. Os românticos preferiram os decassílabos e as redondilhas de sete e de cinco sílabas.

Custou para lembrar-se do nome da escola que se seguira. Estava enleado entre o Simbolismo e o Parnasianismo, quando avistou alguém que vinha no sentido contrário.

— Graças a Deus! Uma vivalma para me ajudar neste transe.

Antes que solicitasse a atenção do outro, foi cumprimentado:

— Vejo que o amigo vai ao léu, no meio da escuridão.

— Pelo amor de Deus! Preciso encontrar o caminho de casa. Fui solto agorinha mesmo de longo sequestro.

— Não há dúvida, companheiro. Vamos levá-lo de volta pra casa. Mas aqui onde estamos não passa muita condução nesta hora da madrugada.

— O senhor deve ter caído do céu.

— Não caí de lugar algum. Levanto cedo e caminho quinze quilômetros até o povoado. Lá entro no mafuá às cinco.

— Que faz o amigo?

— Puxo o cabo da enxada e faço diversas plantações.

Notou Teotônio que o sujeito apresentava poucos traços do linguajar caboclo ou caipira. Desconfiou de que estava, novamente, sendo levado a acreditar nas aparências e não na essência. Reservou-se, porém, a ver aonde iam dar as coisas.

— Existe meio de me levarem até o Rio?

— Temos diversos carros de praça. Se a sua família tiver dinheiro...

— Graças a Deus!

— Quer dizer que você ficou muito tempo em poder dos bandidos?

— Eles me disseram que cinco anos. Em que ano estamos?

— Dois mil e um.

— É isso mesmo. Fui raptado em abril de noventa e seis.

— Cinco anos e dois meses.

Teo não se animou a investigar se conversava com qualquer entidade do outro mundo. Parecia-lhe claro que errara profundamente nos cálculos da forçada estadia nas mãos perversas dos facínoras. Sob a luz da Lua, ia observando os trajes do companheiro, de modo que lhe compunha a veracidade do estado de boia-fria. Verificou que, de fato, carregava um saco, no qual poderia estar a marmitta.

— O companheiro não está com fome?

— Não estou, não. Comi um pouco ontem à noite.

— Se quiser servir-se, tenho comida quentinha no farnel.

— Muito obrigado!

De si para consigo: *“Será que esse aí lê os pensamentos dos outros? Se estiver lendo agora, por favor, mostre-me claramente.”*

— Nesta hora da noite, a gente se levanta e toma café com pão amanhecido. Como é que o amigo foi trazido até aqui?

Nada a respeito do pedido íntimo.

— Fui colocado no porta-malas. Sabe que nem sei qual a direção que tomou o carro depois...

— Que é isso que você está carregando?

— É o capuz que me impedia de enxergar. Eis a chave e o cadeado.

— Cinco anos preso, sem notícia dos parentes... O amigo é casado?

— Solteiro.

— Tem pai, mãe, irmãos?...

— Tenho, sim.

— Vai ser uma alegria danada de grande receber de volta o filho pródigo...

— Involuntariamente pródigo — corrigiu o costureiro.

O outro não fez menção de ter percebido a correção. Prosseguiu:

— O amigo tem dado graças a Deus. Deve ter orado muito, porque está em condições perfeitas. Se eu ficasse cinco anos preso, acho que ficava louco.

— Eu tive o privilégio de ter alguém que me estimulou a permanecer com o pensamento ativo.

— Quer dizer que conversava com o ladrão?

— Apenas assuntos de interesse dele. Eu sou costureiro, sabe?

— Já tinha posto reparo na falação correta. O amigo deve ser gente fina.

— Desculpe-me. Mas falta muito para chegarmos?

Teo não queria denunciar que tinha grandes haveres.

— Mais meia hora.

De fato, meia hora depois de caminharem em silêncio, entraram numa pequena aldeia, de casas muito pobres. Teo se julgou no fundo do mundo, no ponto mais escuro da civilização. Nem postes havia, a indicar que a energia elétrica e o telégrafo não faziam parte do dia a dia dos moradores. Mas havia os carros de praça...

UM DIA PENOSO

No meio da praça ajardinada, diante da capela, Teotônio se viu só.

— Devo aguardar que as pessoas vão aparecendo. Não é possível que o camarada tenha chegado cedo demais. Por onde deve ter seguido, que não percebi quando se separou de mim?

Decidiu sentar-se em vetusto banco de madeira, onde pôde ler a propaganda de casa comercial: *Ao Pão-de-ló do Filó, mercearia e bazar.*

— Estranha denominação! Será que as pessoas aqui gostam de *tirar sarro*?...

Não gostou da expressão grosseira. De qualquer maneira, desviou a atenção para o fato de que as casas começavam a acender luzes. Estavam utilizando lampiões a gás, fortes o bastante para tornarem o interior claro. No entanto, de onde se encontrava, não conseguia discernir as figuras que se interpunham entre o foco luminoso e a janela. Mas encheu-se de esperança.

Apareceu o trabalhador, que trazia alguém.

— Meu amigo, este é o responsável administrativo. Uma espécie de chefe do distrito, nomeado pelo prefeito do Município.

— Muito prazer!

— Juvenal, ao seu dispor.

— Teotônio. O meu cicerone esqueceu-se de dizer-me sua graça.

— Como?

— Qual é seu nome, companheiro?

— Pode me chamar de Tonho, como todo mundo.

— Muito bem! Tonho, vou ficar eternamente grato pelo favor que me fez. Já contou ao Administrador o que me aconteceu?

— Conte e ele ficou muito interessado em mandar o amigo de volta pra casa.

— Certamente. Não podemos, sequer, retardar...

Nesse instante, a praça se encheu de terror, pelos gritos de socorro de diversas pessoas, em correria na direção deles:

— Fogo! Fogo!

Pessoas vinham carregadas e crianças choravam, ensurdecedoras. Imediatamente, as casas vomitaram inúmeras criaturas assustadas.

Juvenal abandonou o estranho e correu para se inteirar do que estava sucedendo.

— A casa do José está em chamas!

Como se tivessem sincronizado os movimentos, sumiram todos atrás de uma das esquinas, deixando Teo sozinho.

— Que fazer, Santo Deus?! Será que têm recursos para debelar o incêndio?

Quis correr mas as pernas não obedeceram prontamente. Trôpego, dirigiu-se até a rua onde ardia uma casa. O fogo dominava a maior parte do prédio e ameaçava os vizinhos. A multidão se organizou rapidamente, passando vários baldes de mão em mão, cheios e vazios, em movimentos pendulares bastante precisos. Pareciam treinados para a eventualidade do incêndio.

Ao se aproximar da casa que fornecia a água, Teo pôde ver quatro pessoas estiradas, com queimaduras nos braços e nos rostos. Eram atendidas por mulheres, que lhes aplicavam compressas de água.

Não demorou, apareceu um velho trazendo uma valise com uma cruz vermelha. Seria o farmacêutico ou o vendedor de remédios. Em pouco tempo, aplicou pomadas e ministrou comprimidos.

Teotônio atarantava. Não sabia como ajudar. Quis meter-se na fila dos baldes, porém, o peso do primeiro fez com que derrubasse o precioso líquido. Afastou-se inoperante, julgando-se absolutamente inábil para minorar o sofrimento e os prejuízos. No entanto, as chamas arrefeceram e, em pouco mais de vinte minutos, restava apenas espessa neblina causada pelo vapor. A casa perdeu-se mas o fogo não se alastrou.

Chegaram três automóveis de modelos muito antigos, que Teo conhecia das exposições e revistas especializadas. Os feridos foram acomodados nos assentos e, acompanhados por familiares, desapareceram com os veículos, saindo em boa carreira, levantando o pó das ruas de terra batida.

Bem que Teo pensou em pedir carona, mas o desespero de muitos não lhe permitiu externar o pensamento. Tonho e Juvenal estavam entretidos no rescaldo do incêndio. Sem saber como ajudar, procurou alguém que estivesse necessitando de auxílio. Uma mulher depositou-lhe um bebê no colo:

— Segure pra mim, por favor!

Era situação inusitada desde alguns anos, quando carregara os sobrinhos. O pequerrucho estava acomodado e limpo. Na semi-obscuridade da manhã delineada no horizonte, antes mesmo da aurora, nos primórdios do crepúsculo, pôde enxergar dois olhinhos atentos que esquadriavam a fisionomia estranha.

Tímido, pôs-se a brincar com a criança, fazendo estalidos com a língua. Admirou-se quando recebeu de volta a comunicação incipiente.

— Criança esperta. Quanto terá: quatro, cinco meses? Até pode ser menos.

Temeu que o esforço pudesse causar-lhe vertigem. Buscou a soleira de uma porta e se sentou, afagando suavemente o rostinho macio do bebê. Era muito pouco o que estava fazendo, mas cooperava com os aldeões. Sentiu-se útil. Qualquer ajuda que recebesse naquela cidadezinha não tinha como ressarcir de imediato.

A azáfama durou por mais três horas, tempo durante o qual a criança dormiu, sob os embalos carinhosos do desconhecido.

— Que bonzinho que é. Tanta inocência nesta alvorada de vida!

Separou as sílabas da derradeira frase. Parecia que podia transformá-la em alexandrino. Ensaiou diversas alterações e concluiu:

— *Tanta inocência em seu albor de vida...* Não está bom. Decassílabo insignificante. Depois, *de vida* facilmente se junta numa palavra só: *devida*. Expressão indevida. Fico em dívida.

Não gostou das reflexões sem nexo nem profundidade.

— Se fui, noutra existência, poeta, devo ter perdido meu precioso tempo com futilidade.

Assomou-lhe na mente o vulto alto de um senhor de trinta e cinco anos, bem apessoado, com meneios feminis, a cuidar de figurinos para gente endinheirada, mulheres cujo objetivo era sobressaírem-se socialmente.

— Esse sou eu agora. Continuo o mesmo.

Não pôde prosseguir na linha de criteriosa análise da personalidade, interrompido por Juvenal:

— Senhor Teotônio, vamos ficar devendo a condução, porque os carros disponíveis foram empregados como ambulâncias. A nossa cidade é paupérrima, como deve ter visto, sem recursos para servi-lo.

— Vocês não têm telefone? Pelo menos vou poder avisar que estou aqui no Distrito...

— ... Jardim das Rosas...

— ... e minha família vai poder vir resgatar-me.

— Infelizmente, por opção religiosa da população, não temos essas facilidades das cidades poluídas. O senhor vai ter de se conformar com a situação. Mais um dia, pra quem ficou preso cinco anos, não vai fazer diferença.

Teo se surpreendeu com as próprias palavras:

— Terrível mesmo, muito pior do que me aconteceu, foi a perda do pouco que essas pessoas tinham, o que deve ser o tudo. Muito mais trágicas foram as queimaduras. É verdade que os remédios atenuam as dores, mas, mesmo assim, é doloroso demais.

— Agradeço a sua compreensão e posso dizer que fiquei emocionado com sua tentativa de nos ajudar a apagar o fogo.

— Apenas consegui ficar com o menino no colo e mais nada.

— No atropelo, ele podia ficar exposto ao perigo. Foi o único da casa que saiu ileso. Minha mulher vai cuidar dele até que os pais voltem.

De repente, a vista de Teotônio ficou nublada. A cabeça girou e ele caiu desmaiado. Quando acordou, o dia ia alto e as pessoas falavam baixinho no outro cômodo. Foi quando ouviu distintamente:

— Tenho certeza que esse homem é o que foi sequestrado no Rio. Parece que encontraram o corpo flutuando num córrego, aos fundos de uma favela.

Um frio intenso percorreu a espinha do refém da morte. E a consciência, de novo, desapareceu.

PRIMEIROS MOMENTOS NO HOSPITAL

Acordou Teotônio em leito hospitalar. Assistido por enfermeiro, foi desde logo orientado para que se mantivesse calmo:

— A descoberta da nova condição pode vir a ser demasiado stressante. Se o bom amigo estiver com o coração repousado e a mente equilibrada, haverá de se recuperar em pouquíssimo tempo, uma vez que passou por tratamento compensatório do intelecto, durante os últimos cinco anos. É isso mesmo, você esteve sob a direta assistência deste grupo socorrista, que vela pela reprogramação cármica de muitos seres em regresso ao etéreo.

— Quer dizer, perguntou com o coração pequenininho, que estou realmente no campo imediatamente após o carnal?

— Muito bem colocado. É essa a sua condição existencial. Há muitos que chegam desejando o paraíso, o indefectível lote da terra sagrada dos campos do Senhor. Você se contenta em observar que o *campo* é o seguinte ao estado material. Ótimo!

— Por que devo estar internado, se me sentia bem disposto, até o momento em que me esforcei um pouquinho mais, durante a luta dos aldeãos contra o incêndio?

— Essa aplicação sua em participar dos trabalhos conjuntos da população lhe teria dado mais força. Você fraquejou de verdade quando ouviu a clara referência ao passamento.

— Vocês sabem quem sou ou quem fui?

— Perfeitamente.

— Posso saber quem você é?

— Meu nome é Ari. Pertença ao corpo de paramédicos do hospital. Minha atribuição atual é a de cuidar de alguns pacientes em recuperação do choque traumático originado pela tomada de consciência de que a crosta terráquea já não lhes dá abrigo, segundo a constituição energética dos corpos densos. Está me seguindo as explicações?

— Penso que você esteja categorizado para conhecer os meus pensamentos pelas vibrações íntimas que dão rumo às ondas mentais, de forma a se constituírem em modalidade de comunicação mais apropriada para a essência existencial em que estamos imersos.

— Não pense que vou espantar-me com os seus dizeres. O trabalho de recomposição dos pregressos liames com a personalidade espiritual, essa união entre mente e coração, ou seja, entre a capacidade de elaboração crítica da realidade isenta de emoções destrutivas pelos sentimentos de revolta, foi todo concretizado durante a meditação na câmara de restauração, aquele mesmo quarto e banheiro, em que se viu encerrado.

— Era preciso estabelecer tais parâmetros idealizados nos moldes da recente constituição vital de que me desfazia?

— Normalmente, não. Todavia, no seu caso, a súbita subtração do mundo dos vivos, por meio absurdamente violento, poderia desencadear série imensa de processos dolorosos, no sentido da pesquisa dos porquês que conduziram os assassinos...

— Ari, você está chamando os nossos irmãos de assassinos?

— Sim, porém, com integral isenção de ânimo. Faço referência à condição momentânea desses indivíduos, após, pode acreditar, como você mesmo o fez generalizando, ter muito orado pela salvação de suas almas, o que significa pelo esclarecimento do que sejam as leis cósmicas, especificamente a do amor.

— Quero ver se estou entendendo aonde você vai chegar.

— Diga lá, embora julgue que lhe estou lendo as ideias. Na verdade, tento mas ainda não alcanço a felicidade desse recurso que, no processo evolutivo, só se desenvolve depois da assimilação integral dos elementos evangélicos superiores.

— Agradeço as informações, embora entenda ser perfeitamente natural para quem está formando-se no plano do atendimento dos seres infelizes prestar todos os esclarecimentos, favorecendo mais rápido crescimento dos pupilos.

— É isso aí!

— Pois bem, eu acho que você está desejoso de me ver perdoar aqueles que impediram o meu *deslanche* material no sentido da exaustão dos recursos biológicos, de sorte que não pude avaliar, por causa das experiências que não se completaram, quais os defeitos a serem extirpados da personalidade.

— No sentido pragmático das resoluções corpóreas, talvez você viesse a se compenetrar de que as atividades deveriam abranger aspectos menos grosseiros, espiritualmente falando. Mas, se você não fez todo o amplo rol do desempenho em idades mais longevas, também não iria acrescentar muitos elementos de importância, uma vez que abdicou do direito a vida compatível com os anseios básicos dos seres humanos normais.

— Posso considerar o extrato de minha vida como explícita referência aos desvios sexuais, pela preferência aos estímulos do homossexualismo?

— Também, mas não apenas isso. Você poderia ter desenvolvido esse aspecto, como muitos fazem, sem perder de vista o objetivo primacial de dar continuidade à espécie.

Teotônio se embestia das palavras do novel mestre. Mas seus pensamentos se embaralharam, tantas eram as questões suscitadas pelas revelações pungentes quanto aos valores a que dera ou a que não dera relevância. Fez um sinal com as mãos, pedindo tempo:

— Preciso refletir sobre tudo isso.

— Busque organizar os tópicos sobre os quais venha a desejar esclarecimentos. O que me for possível informar, pode ter a certeza de que o farei de bom grado.

— Muito obrigado. Apenas me desfaça uma dúvida não tão desprezível.

— Se devemos orar em agradecimento ao nosso estágio evolutivo, pedindo as bênçãos do Senhor para os protetores, amigos e desafetos?

— Sim, como você bem leu no que pude transmitir intuitivamente.

— Faça-o sempre que chegar à conclusão de que está sendo beneficiado pelos espíritos superiores.

— Posso pegar-lhe as mãos, para demonstrar o quanto estou comovido?

— Isso só vai dar-me satisfação.

Silenciosamente se abraçaram, enquanto lágrimas escorriam pelas faces de ambos.

TEOTÔNIO MEDITA

Estimulado a refletir a respeito dos eventos da vida e da morte, Teo criou coragem para esquadrihar todos os aspectos que lhe pareciam obscuros.

— Terá Ari competência para deslindar os segredos de minhas dúvidas? Não tem importância se algo ficar sem resolução: ao menos, terei discernido em que momento me encontro perante a evolução dos seres que demandam a glória do Pai.

Nesse ponto da meditação, deu como certo que estava a quilômetros das preocupações terrenas, dos ganhos e prejuízos do mister que exercia com proficiência. Mas precisou conter-se para não esvaziar o cofre das curiosidades simplesmente com o despejo dele no monturo das coisas desprezadas.

— Tenho de me perfilar perante o destino, para descobrir o que foi que herdei de bom da última caminhada sobre o solo da Terra. Pelo fato de ter ficado preso durante cinco longos anos, devo ter resgatado débitos variados, débitos causados por comportamento não consentâneo com as normas evangélicas.

Parou para pensar a respeito de como as frases se lhe construíam na mente, muito mais elaboradas do que o seu rápido raciocinar, como era de hábito quando se dispunha a planejar e executar as empresas em que se metia.

— Sempre fui muito consequente em relação aos elementos de que necessitava para cada atrevimento na área profissional. O mesmo não posso dizer quanto aos relacionamentos com as pessoas, em caráter afetivo. Dei de mim, muitas vezes, sem aguardar nada em troca, pelo prazer de me impor pela benevolência da oferta. Quanto dinheiro esbanjei para agradar os indivíduos que se propunham a me satisfazer o egoísmo!

Não gostou da linha intimista, porque estava ganhando contornos de indústria para a fixação do roteiro a ser arguido ao amigo paramédico.

— Devo adotar configuração mais realista. Por exemplo, não tenho como avaliar com exatidão qual o momento em que morri. Terá sido no instante em que fomos bloqueados no túnel? Ou terei sido executado depois, durante os longos desmaios, notadamente quando substituíram o primeiro carcereiro pelo gentil Severino? Se Ari tiver como me demonstrar esse ponto, deverei levantar a hipótese de que sabe a história de minha morte, ou seja, precisarei interrogá-lo a respeito desse conhecimento. Terá

conversado com os demais membros do grupo que me assistiu, conforme me esclareceu, ou terá tido conhecimento através de relatórios escritos? Ou terei tudo registrado no inconsciente, o qual deve ser um livro aberto para os seres mais avançados? Outro ponto de interesse é saber como é que adquirir a facilidade de dissertar em terminologia desconhecida, jamais treinada durante a encarnação, apesar de ter ouvido Lídia explicar a respeito de Espiritismo.

Procurou na mesinha de cabeceira caderno e caneta, para ir anotando as questões. Não achou nada. Lembrou-se de que recebera papel na câmara de compensação corpórea...

— De onde me vêm essas intuições? Quando estava encarcerado, pensei, em diferentes ocasiões, estar sendo influenciado pelo mundo espiritual. Mas, agora que me vejo imerso nele, não se justifica o contato mediúnico. Então, não devo estar sendo inspirado pelos mentores ou preceptores das instituições de que este hospital deve ser apenas minúscula célula.

Teotônio quis rememorar os dados até então questionados e percebeu que todos estavam nítidos na memória. Era apenas desejar recompor os tópicos, que todos se apresentavam na ordem mesma em que foram destacados.

— Não me lembro de ter a faculdade de organização tão elaborada. Minha memória sempre foi muito boa, mas a este ponto de reconduzir os pensamentos pelas mesmas sendas de outros momentos, capaz de visualizar os...

Suspendeu a meditação, para deixar fluir apenas os dados catalogados na memória. Eximia-se de comentar as ideias, para verificar se o cérebro estaria caminhando sozinho.

— Se o sangue corre pelas veias sem que haja domínio dos movimentos peristálticos pelo consciente, talvez o fluxo das recordações também se faça sem apelo da vontade, bastando que haja simples desejo. Eis diferença que preciso caracterizar entre *vontade* e *desejo*. Talvez, nesta pesquisa, me falhem os conhecimentos adquiridos por esforço de aprendizagem. No entanto, enquanto me preocupo com os elementos novos que a mente esquadrinha, existe a certeza de que a memória está pronta ou apta para recapitular tudo.

Fechou os olhos e imergiu em profundas reminiscências de vida. Contrariamente ao costumeiro obumbramento dos fatos em que se envolvera vivo, passou a reviver os acontecimentos como se estivesse, de novo, no local e no instante em que a mente se fixava. Foi assim que chegou à vida intra-uterina, quando sentia os mesmos impulsos vitais primitivos, caracterizando as impressões não como fruídas mecanicamente mas com a novidade da percepção crítica do presente.

— Terei capacidade para volver para antes da concepção?

Esforçou-se, contudo estava a memória bloqueada. Não conseguiu retrogradar para além do ventre materno.

— Eis excelente pergunta a ser encaminhada ao enfermeiro de minha alma.

A palavra *alma* despertou-o para outro mundo de informações para as quais não obtinha respostas plausíveis. Considerou que muitos tópicos recebiam adequados encaminhamentos pelas hipóteses de soluções que era capaz de fomentar. Finalmente, raciocinou com clareza que não obteria o saber universal de um momento para outro.

— Devo considerar-me satisfeito com a descoberta de muito eficaz arcabouço intelectual. Também, pelo prisma do envolver-me nos sentimentos, tenho de ficar alegre, já que não me vi acusado de nada, tantas eram as culpas que me afligiam na câmara de compensação...

Não tendo como ir adiante, porque exausto, resolveu deixar-se embalar por tranquila sensação de paz, recitando um pai-nosso que não chegou a concluir.

— Se Deus me propiciar repousante sono, amanhã estarei restabelecido para enfrentar as explicações cármicas do protetor.

Foi o último lampejo do cérebro, antes que se engolfasse em seu interior, para receber o influxo das recordações subjacentes à derradeira peregrinação terrestre. Ia conhecer aspectos da realidade anterior sobre que não tinha nenhuma ascendência pela vontade, apesar do forte desejo de torná-la presente na consciência.

CONVERSA ELUCIDATIVA

Estranhou, sobremodo, Teotônio o fato de não se recordar de quase nada do que sonhou, durante noite cheia de paz, apesar dos entreveros da memória. Acordou bem disposto mas não se atreveu a sair do leito, aguardando, com paciência, a presença do novel orientador.

Enquanto esperava, ia desfiando as questões levantadas na noite anterior, almejando a descoberta das respostas por si mesmo. O que mais o intrigava era o momento em que havia transposto os umbrais da morte.

— Tenho a impressão de que fui morto pelos bandidos com requintes de perversidade, conquanto não me tenham feito sofrer muito. Aquele pontapé nas costas feridas é que deve ter provocado a reação orgânica letal, como hemorragia interna ou mesmo ruptura da pleura e consequente infecção. Não foi à toa que me deram remédio depois...

Atinou com o fato de que, se morreu em consequência das sequelas dos maus tratos no cativeiro, não poderia ter sido tratado senão pelos do plano espiritual. Embatucou, sem poder avançar significativamente.

Não decorreram mais de dez minutos desde que buscava solucionar o sério problema do atendimento espiritual através de remédios de posologia aparentemente material, com horários bem caracterizados, em quantidades específicas, quando chegou Ari.

Trazia espécie de bata ou avental branco, de fino acabamento, em tecido absolutamente desconhecido do costureiro. Teo havia reparado nas cobertas e não soubera designar o pano com que eram confeccionadas. Mas calou-se quanto ao interesse específico.

— Como está o paciente, hoje? Amanheceu deprimido ou voa por paragens de felicidade?

— Sinto-me ótimo, apenas aguardando em paz que se me restaurem os princípios espirituais ou essenciais desta esfera de transubstanciação, porque não creio que estejamos integrados em ambiente de superior categoria existencial.

— Vejo que se esmera quanto ao linguajar. Preciso aprender a raciocinar em função desses livres arremessos nos meandros construtivos...

— Por favor, pare. Não seria capaz de acompanhá-lo. Aliás, uma das perguntas iniciais, se me for permitido perquirir o amigo a respeito dos *arremessos* do pensamento, vai ser sobre esta forma que reputo empolada de dizer as frases e de construir os parágrafos. Tenho para comigo que a linguagem deve refletir a maneira habitual ou rotineira que utilizamos no trato com as pessoas. Por que, então, estando na sua presença, não simplifico os dizeres? Ao contrário, forço até onde posso para encontrar precisão, elegância, especificidade sem objetividade aparente, para transmitir-lhe os elementos que componho.

— Vamos dizer, caro amigo, que você traduz as preocupações inerentes à sua maneira de ser. Como desejar ser simples, se você é complexíssimo, mental ou intelectualmente falando? Não concorda comigo em que as ideias é que são tremendamente difíceis para admitirem terminologia vazada nos significados mais materializados da fala coloquial? Imaginemos congresso de *marchands* da *haute couture* internacional. Quais seriam os registros linguísticos que se empregariam com maior propriedade?

— Falaríamos segundo os códigos admitidos no meio, como fariam médicos, advogados, políticos, juristas...

— Então, é justo que busque, ao falar comigo, o vocabulário concernente aos temas. Sei que você está se referindo não apenas ao léxico, como ainda à sintaxe, ao nível sociolinguístico (*espiritolinguístico*, diria melhor), à precisão semântica, chegando aos aspectos quase literários da realização idiomática.

— Não precisa prosseguir. Entendi a exemplificação incrustada na explicação. Em todo caso, acredito que, quando estiver dominando este tipo de código, irei estranhar muito menos. Acautelem-se os novatos, como estou desejoso de precatar-me por minha vez.

— Quanto a mim, caro Teo, vou fazer o possível para lhe passar os conceitos sem preciosismo de linguagem. Vai bem assim?

— Certamente.

— Qual a próxima dúvida?

— Quero saber se é importante conhecer em que exato momento meu espírito se desprende do corpo.

— Você está preocupado porque quer desencadear os raciocínios a contar daquele instante, para fixar o que, verdadeiramente, ocorreu no cativo, ou pretende, tão só, conhecer a causa da morte, para fixar o nível de responsabilidade dos criminosos?

— A sua colocação mereceria, da minha parte, reflexões pungentes, porque implica em problemas de caráter moral, em primeiro lugar, e, depois, em aspectos existenciais jungidos aos dramas da consciência pejada de culpas.

— Então, devo concluir que todos os pontos da perquirição foram levados em conta. Nesse caso, devo perguntar, antes, qual irá ser a postura sentimental ou emocional do amigo, caso se sinta ferido em seus direitos à vida.

— Pretendo compreender, acima de tudo, o que pode conduzir as pessoas a agirem em detrimento do próximo, uma vez que, com certeza, obtiveram as quantias pretendidas como resgate.

— Você morreu baleado antes mesmo de chegar ao esconderijo dos contraventores. Qual foi sua derradeira lembrança, ao se sentir cego pela máscara?

— Lembro-me de ter visto o relógio e pequena nesga de pele do sujeito que me...

— Não vou confundi-lo com suposições. A touca sem orifícios para os olhos foi aplicada diretamente sobre você na qualidade de espírito.

Teo se atrapalhou com o dado. Esperou uns momentos para interrogar, em estado de incredulidade:

— Como é que guardei totalmente as impressões corpóreas, como se estivesse verdadeiramente vivo, sentindo todas as sensações, impedido apenas de ver?

— A resposta você mesmo irá encontrar, depois de muito meditar a respeito da personalidade. Mas não é verdade que apenas a visão recebeu um óbice... Perdão! Vou simplificar. Também a audição, o olfato, o tato e o paladar foram restringidos drasticamente. A recuperação do contato com o ambiente no plano não material ou etérico se deu paulatinamente.

— Todos os que saem da vida recebem os mesmos cuidados e se sentem da mesma forma quanto à percepção do fato de terem morrido?

— Se você tivesse atendido ao chamado da irmã, teria recebido informações precisas, uma vez que a teoria espírita, desde o Codificador, Allan Kardec, reúne condições de esclarecer esse e outros temas essenciais para quem não deseje mergulhar na morte de cabeça.

A precisa referência ao desleixo espiritual sufocou o recém internado.

— Creio que preciso digerir-lhe as palavras.

— Eu ia mesmo propor-lhe que lesse este opúsculo, que fornecemos aos que se interessam pela realidade em que se sentem envolvidos.

Depositou sobre as mãos de Teotônio um libreto de capa dura vermelha, com dizeres impressos em letras douradas, onde se lia: *Cartilha de Evangelização: Noções Básicas da Realidade Espiritual*.

— Leia devagar e procure absorver todos os conceitos, independentemente do interesse em aplicá-los à sua experiência cármica. Fique com Deus!

Tão entretido ficou Teo com o catecismo que nem percebeu a saída de Ari. Abriu o livro com sagrado respeito, imaginando que, se todos os acontecimentos se lhe reproduziam com nitidez na memória, não iria ser-lhe impossível assimilar cada palavra, cada ideia, cada conhecimento.

A CARTILHA

Com o libreto na mão, Teo se pôs de sobreaviso para as informações que alcançou catalogar nos últimos tempos. Tinha de transformar os elementos e noções em ganhos espirituais, tais como as provocações de Severino quanto à melhor solução socialista em relação à capitalista.

— Eis aspecto muitíssimo importante para a compreensão da atual conjuntura. Enquanto julgava o carcereiro bandido, podia aspirar a tê-lo em campo neutro, oferecendo resistência às diretrizes que desejava impor-me. Vendo-o como espírito a serviço da causa da assistência, membro de sociedade de socorro e encaminhamento cármico e doutrinário, tenho de respeitar-lhe os dizeres, como produto de bem formulada teoria, já que os meus hábitos de raciocínio se acham fundamentados no tirocínio haurido das metas meramente materiais, conquanto possa estar em fase de aprimoramento dos conhecimentos intrínsecos, aqueles que me configurarão a personalidade, a partir dos princípios evangélicos.

Parou para refazer o pensamento, no intuito de descobrir falhas metodológicas na apreciação dos eventos que se desenrolavam em função do estado em que se encontrava.

— Devo estar merecendo caminhar um passo à frente, porque recebo auxílio especial. Isto deverá ser motivo de felicidade. Pelo que posso deduzir das palavras de Ari, muitos seres, ao abandonarem o invólucro carnal, descaem em profundo abatimento, incapazes para a absorção dos ensinamentos que os amigos mais adiantados na senda evolutiva têm preparado, como este pequeno sinal de aperfeiçoamento educativo, um livro de orientação adequado para quem esteja no limiar da esfera seguinte, segundo o adiantamento incessante que todos deveremos conseguir, para fazermos jus ao título de filhos do Senhor.

De novo suspendeu a linha de pensamentos, para arguir das dificuldades estruturais do mundo que estava criando para si mesmo.

— Estou adentrando vigorosamente neste conjunto existencial, mas nada conheço que possa parecer indício de que por aqui tenha caminhado antes. Não há nenhuma reminiscência desta situação de atendimento de sofredor, embora me sinta com força

bastante para regressar ao campo corpóreo, para encetar de novo as jornadas na carne, jornadas que devo ter desperdiçado desde várias encarnações.

Atinou para a convicção reencarnacionista, conquanto não se recordasse de nada parecido em sua filosofia durante a vida.

— Também não me detive na observação dos fenômenos espirituais. Mas Deus deve ter suas razões para propiciar aos seres essa transitória passagem pela Terra... Será que, nos outros corpos celestes, existem seres em trânsito, apesar de as condições de vida serem diferenciadas? É de se acreditar que sim, porque não há como considerar Deus perfeitíssimo, inteligência suprema do Universo, e deixar correr solta a ideia de que possa ter executado a criação para gáudio pessoal, para usufruto decorrente do desfastio ou do tédio eterno, brinquedinho de que se desfaz a cada vida deflagrada, para renovar em seguida, indefinidamente.

A ideia de Deus parecia fixar-se segundo os atributos da perfeição: infinitamente bom, infinitamente misericordioso, infinitamente justo, único, imaterial, absoluto perante o relativo da humanidade, inequivocamente impassível de acrescentamento de quaisquer virtudes.

— Tenho de configurar o Pai como...

Não se adiantava nas conjeturas filosóficas.

— Por mais que possa compreender Deus como eterno, imutável, absoluto, não tenho capacidade para abrangê-lo pela inteligência. Eis onde devo fazer valer a fé, considerando a ideia como exequível pelos princípios de que se origina, sem possibilidade de comprovação experimental. É na ciência humana que se parte dos objetos para a determinação do que há de verdade nas hipóteses, para a fixação das teses, empiricamente. No campo do pensamento abstrato, as noções têm de ser plausíveis, formuladas sem contrariarem o bom senso, segundo um raciocinar puro e despojado de preconceitos.

Notou Teotônio que segurava a pequena obra fechada. Sua ousadia restringia-se a concentrar-se na área dos próprios pensamentos, inseguro para as verdades que ali pudessem estar registradas.

— E se me frustrarem as expectativas de que tenha em mãos a sabedoria capaz de ser compreendida nestas paragens não tão diferentes do mundo terráqueo? Se bem me lembro, os docentes universitários possuíam cabedal vastíssimo, nos quais se encerravam as teorias dos avatares da humanidade. Não poucos filósofos e pensadores foram capazes de estabelecer doutrinas consistentes, fundamentadas em princípios vigorosos, raciocinando sob o impacto direto dos cálculos matemáticos, dos apanhados físicos, das conquistas químicas, das pesquisas genéticas. Estarão os daqui adiantados ou menosprezam os conhecimentos dos humanos, praticando, tendo em vista sua realidade, outra maneira de observar e decifrar a existência? No mínimo, a influência direta do fato de estarem imersos na densidade da matéria, deve trazer características próprias ao arguir-se a verdade. Libertos para outra essência, quintessenciados, por assim dizer, os espíritos devem propender para apreciações mais sutis, mais abrangentes, uma vez que acumulam o saber anterior aos elementos extraídos desta dimensão.

Outra vez Teo se viu sem coragem para a abertura do livro. No entanto, algo lhe dizia que estava progredindo, tanto que era capaz de reproduzir as lições que vinha arquitetando, na montagem sutil do arcabouço...

— Por que devo estar confabulando perenemente comigo mesmo? Quando intento estabelecer os parâmetros das ideias sobre que devo sedimentar os conhecimentos, construo o pensamento de forma a dar a entender que devo examinar com olhos alheios se estou sendo coerente, se estou sendo convincente, se estou sendo pragmático. De repente, desvio-me do tema em pauta e a mente passa por tremenda voragem de imprecisas notações, como se estivesse comprometido com velhos e superados ideais, como se a rejeição dos valores da matéria não subsistisse como procedimento aceitável, mas devesse merecer a consideração de sua importância, para a função vital de manutenção do ser equilibrado socialmente, gregariamente, tendo em vista a necessidade de se inserir no *status quo*.

Resolveu que a última reflexão se perdia em desvãos mentais desconhecidos, sem a precisão do sistema adotado para as questões externas, sem envolvimento do personalismo da estrutura psicossomática ou cerebrina.

— Tanto no pensamento elaborado e consistente, como na voragem das impressões subjetivas, estou a dever a compreensão da realidade que analiso. Vou abrir o livro e pôr um ponto final nesta indecisão conjuntural de quem se vê tão pequenino perante a força estuante da camada energizada...

Não teve como encerrar a frase. Abriu o livro. A primeira questão se apresentava com total clareza:

— Que é Deus?

Em seguida, vinha a observação:

— Avalie se o resultado de sua meditação está de acordo com a nossa ideia.

Teotônio maravilhava-se.

— Este povo é terrível. Não é que manufaturaram obra que independe de ser lida para o efeito de transmitir os conhecimentos!

Leu:

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. São seus atributos...

Teo percorreu todos os itens da descrição da noção de Deus que os pensadores do etéreo desejavam ensinar-lhe. Coincidiam, em grande parte, aos tópicos que levantara e que se evidenciavam com clareza perante os olhos, como se se espelhassem em tela vivíssima de luz.

— Graças a Deus, estou recebendo atenção muito superior a qualquer coisa que conseguisse imaginar. Terei condições morais para prosseguir merecendo tal distinção?

Dessa vez não chorou, mas beijou demoradamente a capa primorosa do pequeno livro. Estava deveras reconhecido pela assistência que recebia.

— Será que Ari está disponível para trocarmos ideias? Reúno condições de vibrar em consonância com o desejo puro que sinto para agradecer-lhe a orientação? O meu pensamento atravessará o espaço em comunhão vibratória, para avisá-lo de que estou cativo em seus afetuosos laços, tanto amor sinto imantar-me a partir dos fluidos que, decerto, foram depositados nestas sagradas páginas?

— O que você está querendo, na verdade, além de expressar júbilo e admiração, é conhecer os processos que utilizamos para a confecção desse artefato que lhe parece tão extraordinário.

— Perdoe-me, mas verifico que vocês têm recursos sobre os quais não tenho nenhuma informação. Sinto-me no jardim de infância.

— Precisamente. Mas essa impressão irá transformar-se rapidamente em certeza, momento em que irá concordar com Sócrates, quando dizia que era superior aos outros porque sabia...

— ... que nada sabia...

— ... que sabia que nada sabia.

ELUCIDAÇÕES OPORTUNAS

— Querido amigo Ari, tenho de levar-lhe ao conhecimento que decidi esclarecer, de uma vez por todas, o relacionamento que mantive com meus pais e demais familiares, para firmar o conceito de quem sou, uma vez que não encontrei ou não reconheci nenhum ser de antigo companheirismo, como dois dos quatro avós que faleceram bem antes de mim e que deveriam, pelo que depreendi das observações evangélicas inseridas em minha espiritualidade, estar preparados para me receberem e orientarem. Sei que a memória se encontra bloqueada, caso contrário iria recordar-me das condições anteriores à derradeira encarnação e também de outras vidas. Talvez você mesmo esteja no rol dessas pessoas amadas, sem que eu tenha possibilidade de enquadrá-lo nas lembranças do coração.

— Pelo que deduzo de suas palavras, você está desejando reciclar os conhecimentos práticos, no imediatismo da presunção de que os reconhecimentos lhe tragam ou a felicidade oriunda dos deveres cumpridos, ou a necessidade de aperfeiçoamento cármico, para nova incursão nos meandros da carne.

Esse diálogo se dava em seguida à observação sobre o dizer socrático. Teotônio mesmo espantava-se com a rapidez com que saltava para a frente no campo das conclusões definitivas. Não precisou mais do que de milésimos de segundos para compreender que os ensinamentos do libreto eram acadêmicos o suficiente para lhe embasarem os procedimentos doutrinários. Nesse relance inteligente, definiu que precisava imergir na própria estrutura moral da personalidade, para o efeito da reparação e para a aplicação mais apropriada dos esforços, no sentido de melhor proveito do desembaraço mental que descortinava.

— Estou absolutamente cômico de que as realizações vitais não se coadunaram com os programas estabelecidos nos estudos de pré-encarnação dos responsáveis pela minha peregrinação no Orbe. Tenho a certeza, também, de que, por mais pungentes possam ser as descobertas dos débitos, não irei desandar significativamente, no que respeita aos processos emocionais que se desencadearão.

— Permite-me observar a respeito de suas aspirações?

— Perfeitamente.

— Você está sendo protegido dos assaltos das vibrações de seres, encarnados ou não, que visam ao seu sofrimento.

— Será possível?

— Como se confessou interessado em conhecer a verdade cármica do desempenho junto aos semelhantes, é preciso que lhe diga que existem dissensões graves provocadas por sua maneira de ser.

— Mas terei inimigos na área de inferioridade, na região das Trevas, capazes de me imantarem às suas existências infelizes, por procedimentos meus que devo reputar, nesta altura do desenvolvimento, como completamente inconscientes, quanto aos preceitos emanados das leis cósmicas?

— A facilidade com que você pensa e se expressa não deve nublar aspectos importantes que até há bem pouco tempo regiam a sua *performance*. A só visão dos fatos vivenciados, você a tem a qualquer momento, como vem comprovando desde que se dispôs a rememorar todos os episódios da vida, mesmo os que lhe são sumamente desagradáveis. Você está, sob esse prisma, utilizando-se de indumentária que lhe impede o contato direto com o material analisado. Mas a transposição dos muros desta casa de atendimento a sofrendores vai expô-lo a um mundo cuja frequência vibratória irá ser-lhe extremamente penosa.

— Que me recomenda, então?

— Que discutamos tudo o que desejar, ideologicamente, até que se sinta fortalecido para enfrentar o duro trabalho de reconstituição ou de simples constituição dos elos fraternais a que não soube dar a devida importância.

— Como o quê?

— Quer mesmo que lhe traga os problemas? Não seria preferível que relacionasse as preocupações, favorecendo-me as apreciações no sentido de lhe ir propiciando lucros relativos ao que mais interesse lhe desperta?

— Então, me diga, por exemplo, por que foi que o instrutor... Posso assim chamar aquele a quem dei o nome de Severino?

— Severino é o nome dele.

— Quer dizer que me induziu a adivinhar?

Teo percebeu a fragilidade da observação. Ari, contudo, deu-lhe tempo para refazer a proposição.

— Eu sei que *adivinhar* não é bem a ação a que fui levado. Digamos que tenha recebido a informação por meios telepáticos.

— Assim está melhor. Quem sabe o nome lhe tenha sido passado enquanto se encontrava repousando, segundo princípios muito parecidos com os da hipnose pedagógica, incipiente entre os humanos.

— Bom. Por que foi que Severino e o outro antes dele me fizeram gravar mensagens para meus pais e para minha irmã, quando não estava eu, de fato, recluso por bandidos sequestradores?

— Você não está sugerindo que meus amigos guardem semelhança...

— Pelo amor de Deus! Se lhe passei esse sentimento...

— Passou.

Teo ficou silencioso. Tão lesto para raciocinar, embaralhou-se todo perante a inesperada censura do mentor. Modestamente, solicitou que o outro o perdoasse:

— Ari, entendo agora o que você estava ensinando-me, quando me orientou quanto aos sentimentos em contraste com a força do intelecto. Se sou inteligente, como sou capaz de perceber, devo concluir que o desequilíbrio está justamente no fato de haver evoluído num setor da personalidade muito mais do que no outro. Se Deus é amor, como devo saber no fundo d’alma, então devo estar incidindo na falha original da raça humana, naquele desejo adâmico de recolher a ciência, sem fazê-la acompanhar das virtudes do procedimento moralmente padronizado.

— Acho que você se perturbou tanto que nem foi capaz de elaborar o pensamento com o brilho costumeiro. Não tem importância. O essencial está em ter aprendido a lição do modo mais proveitoso, qual seja, o de mergulhar no problema, sob assistência direta do instrutor. É o que pedimos a todos, antes que invistam contra os protetores, porque se sentem limitados, em seu campo de ação, às prescrições legítimas de quem tem experiência e treinamento. Mas devo dizer-lhe que as gravações serviram para que sua irmã entrasse em contato mediúnico com você, uma vez que foram reproduzidas por entidade qualificada para absorver, reconhecer e traduzir as vibrações do etéreo, dentro das circunstâncias favoráveis das reuniões que se fazem em nome de Jesus, para benefício das pessoas e dos espíritos.

Ari estendia a frase, sabendo que Teo se perdia em conjeturas. Passado algum tempo, retirou-se, deixando o perplexo costureiro entretido com seus pensamentos.

35

IMAGENS, FINALMENTE

Não teve Teo noção de quanto tempo passou absorto, preso às ideias que lhe foram lançadas por Ari. Essa falta de apreensão do tempo acabou dominando-lhe a mente, a ponto de se interessar por resolver o problema da ausência de controle dos acontecimentos, pela alienação quase total da realidade. Assim que pôde, interrogou o amigo:

— Caríssimo, preciso saber como você é capaz de entender e de aplicar terminologia *up-to-date*, ou seja, modismos linguísticos, quando tudo me leva a crer que esteja encerrado neste ambiente luminoso desde há muito tempo, sem possibilidade,

portanto, de testemunhar as alterações por que passam as expressões no campo carnal. Veja que estou tentando tornar a manifestação solidária com o princípio enunciado.

Ari experimentou profunda satisfação por ser solicitado de maneira pessoal:

— Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que, verdadeiramente, me encontro trabalhando junto a este povo há muitos anos. Se me dedicasse exclusivamente a este serviço, cuja responsabilidade honraria a qualquer ser, poderia estar afastado da humanidade encarnada, o que seria descurar o acompanhamento da evolução global das instituições terrenas. Contudo, é de obrigação que tenham os instrutores, como você gosta de dizer, acesso à mente dos assistidos, o que se alcançará somente se houver entendimento entre as partes. E esse entendimento será mais eficaz quanto mais prontamente se traduzirem, em meu campo mental, o seu pensar e o seu sentir. Deverei excursionar pela crosta, para obter a dimensão exata do universo dos encarnados que arribam para esta esfera, quase sempre envolvidos em específicas notações da existência? Não seria exequível. Então, estamos dotados de recurso puramente espiritual para a leitura direta das vibrações emitidas pelos seres, sem necessidade de transformá-las em sensações auditivas. Eu sei que há de parecer-lhe estranho que lhe confesse tal segredinho. Mas não demoraria você a descobrir o quanto é comum às pessoas o que no íntimo lhes ocorre, antes de expressarem-se por meio de códigos, em geral, linguísticos. Você mesmo, encerrado na consciência, teve oportunidade de lançar no papel desenhos de roupas, modelando, antes de mais nada, o pensamento, segundo padrão de comunicação não habitual. Penso que acrescentar outros exemplos seja inútil.

— Isso quer dizer que a impressão desta conversa é a de realizar-se através das palavras, quando estamos relacionando-nos subjetivamente, telepaticamente?

— Não inteiramente. Da minha parte, consigo desempenho superior ao seu, tanto no sentido da emissão como na recepção. Entretanto, não prescindimos ainda dos dizeres, para que as ideias se fixem com certa precisão no contexto do pensamento e do sentimento gerais.

— Não sei se entendi direito.

— Não entendeu mesmo, porque a compreensão dos fenômenos, em qualquer dimensão existencial, só se concretiza plenamente quando formos capazes de dominar os procedimentos, da mesma forma que nos dispomos a usufruir as benesses dos prazeres, porque todos os atos apenas se completam quando elaboramos a teoria e aplicamos ao campo de atuação prática.

— Devo concluir que o conhecimento está constantemente realizando-se?

— É exatamente isso. Ninguém, por ser imperfeito, tem completo domínio de nada. Quando pensamos saber algo de modo absoluto, nós mesmos buscamos referenciais de outra estirpe, para o bloqueio da satisfação integral que teríamos, em função de passar adiante a experiência. Não somos capazes sequer de comprovar a nós mesmos que nada existe além dos muros que construímos na área do conhecimento, ainda que científico. Há bases axiomáticas, evidentemente, mas quem se contentar em estabelecer-se no limiar do edifício, não encontrará aquele prazer a que me referi acima. De acordo?

— As noções que estou aprendendo me levam a deduzir que o caro mestre...

— ... instrutor...

— ... que o preclaro instrutor sabe muito mais e que terá imensa satisfação quando perceber que o discípulo assimila e se interessa por aspectos mais avançados, para conhecer, pelo menos, o pórtico de entrada do palácio da sabedoria.

— Todos somos igualmente filhos de Deus!

— O que significa que temos sido por ele apaniguados por processo de incessante crescimento espiritual, à medida que oferecemos cada vez menos resistências quanto à abertura para o universo criado e ainda não desvendado.

— Quer realizar uma experiência corpórea que talvez lhe traga motivos para aprofundar sua meditação filosófica?

— Não me diga que já tenho condições de palmilhar as trilhas terrestres?!...

— Não digo, não! A nossa proposta, minha e de meus pares, a quem o seu desenvolvimento tem sido comunicado, visa a favorecer-lhe a compreensão dos vestígios deixados por sua presença no meio em que viveu. Você irá ter acesso ao coração dos pais e da irmã. Se houver mais alguém passível de contato, desde que promissor para o bom sucesso do trabalho de restauro moral, lhe propiciaremos tal imersão nos sentimentos.

— Noto que o campo emocional é que está em jogo. O que vocês estão almejando é me carregar de eventos sentimentais, para que preste atenção intelectual a eles, decifrando as causas para resgate das consequências.

— É essa sua capacidade de percepção dos objetivos que o faz credenciado a acréscimos cada vez mais significativos de informações.

— E se desandar, melindrando-me por me sentir injustiçado? Não pense que não me preocupam as opiniões de meus pais, principalmente, por lhes ter frustrado as expectativas no campo dos relacionamentos humanos na qualidade de macho, conforme estipula a sociedade para a quase totalidade das pessoas.

— Prepare-se para o pior. Não custa orar fervorosamente para obter recursos vibratórios dos mentores mais importantes da colônia, os quais lhe proporcionarão meios para discernir onde estão as falhas, se nas pessoas queridas, se em você mesmo, pela fragilidade da estrutura moral que lhe servia de base para a vida.

— Sinto-me curioso, mas também tenho muito medo de não merecer o tal amparo, porque debilitado neste catre, que só é precioso pela atenção do companheiro.

— Concentre-se na parede aí em frente. Não pretenda saber de imediato quais os mecanismos da projeção. Usufrua as imagens como se estivesse diante de tela de cinema ou de televisão. Nada que você pensar ou desejar irá modificar o que ali se passa. É como se fosse a reprodução de trechos filmados, embora lhe informe, desde já, que a ação é real e atual.

Teotônio fez o melhor que pôde para não se deixar estimular demasiado pela revelação de aspectos da verdade que lhe foram vedados antes pela insuficiência perceptiva das reações dos seres mais caros.

A cena trazia a mãe conversando com o pai. Falavam dele. Lágrimas escorriam pela face dos velhos. Lídia, chegando, interrompia mas se emocionava, igualmente. Poucas palavras. Apesar da rapidez dos sucessos da ação, parecia ao enfermo que o tempo se encontrava resumido, como se se configurassem os sentimentos permanentes das pessoas. Pensou no tenor. A tela se escureceu, demorando para reacender. A figura máscula do jovem cantor vinha caracterizada como se estivesse apresentando-se no palco. E foi só.

NOVOS ANSEIOS

Teo bloqueou as comunicações com o jovem preceptor. Não entendia direito o influxo dos pensamentos que lhe assaltavam a mente a partir das informações da tela. Achou tudo muito simplificado perante a enxurrada das reflexões filosóficas que vinha desenvolvendo. Quis ensimesmar-se, o que deixou claro a Ari, por meio do recurso de voltar-se para o lado oposto. Não deu importância ao fato de que poderia ser mal interpretado:

— Se o amigo estiver interessado em meu progresso, vai permitir-me ser um pouco desafortado.

Intrigava-o a atitude de descortesia, como se estivesse sendo tão só um menino mimado, mas não ligava, naquele instante, para o que pudessem pensar dele.

— Se meus pais estão tristes com o meu passamento, melhor dizendo, assassinato, por que é que não se empenham em dar continuidade ao trabalho que encetei? Não têm formação para tanto?! Contratassem pessoas especializadas. O que não poderia era jogar o empenho de toda uma vida de sacrifícios e de concessões.

Notou que faltava caracterizar as ações concernentes aos sacrifícios e às concessões. Precisava reavaliar os tópicos que deram ensejo ao progresso profissional e à construção do pequeno império empresarial.

Perturbava-o a palavra *sacrifício*. Tudo acontecera de maneira tão natural que os sucessos vieram como consequência da aplicação de ideias bem concatenadas, no aproveitamento das faculdades mentais e das habilidades motoras. A ideia de *sacrifício* parecia equivaler a esforço sobre-humano, quando tudo o que fizera fora realizado com prazer, no desencadear que toda iniciativa propiciava junto às pessoas que nele depositavam confiança.

Lembrou-se dos elevados ganhos financeiros mediante a apresentação das encomendas nos dias aprazados. Jamais falhara nem assumira compromisso que não estivesse em condição de saldar. Cresceu no campo de trabalho pela postura profissional, antes e acima de tudo.

— Isto no aspecto técnico. Terá sido o mesmo no moral?

As recordações se tornavam penosas. Os quadros mentais eram translúcidos, exatos, incorruptos. Entretanto, a imersão no plano das intenções lhe punha o coração apertado.

— Algo me diz que não fui totalmente leal no momento de me desligar dos primeiros patrões. A oferta de trabalho na empresa francesa era irrecusável. Se tivesse contrato com cláusulas restritivas, mesmo assim teria rescindido, pagando todas as multas, para me fixar na nova empresa. Do jeito que fiz, abandonando o serviço em andamento, obrigando a que mandassem outro figurinista para me substituir, talvez me tenha deixado endividado. É verdade que me encontrei depois com os antigos patrões, mas jamais recebi deles o tratamento que merecera anteriormente. Eis questão que devo apresentar como problema, pois não sou capaz de resolver toda a amplitude das implicações de ordem legal, no que concerne às leis evangélicas. Julgava-me no direito de subir na vida, mesmo que às custas de certos arranhões na epiderme da moralidade.

Sentia certo receio de enfarinhar-se no saco das concessões.

— Se não insistisse em bem vestir certas senhoras de extraordinária projeção social, apesar de não muito abonadas financeiramente, dedicando à idealização e à confecção dos modelos muito mais tempo e dinheiro do que o valor fixado monetariamente; se não afofasse por esse meio a concorrência, que me chamou de ambicioso, na oportunidade, e de outros nomes mais pertinentes às ações praticadas; se não aviltasse, inclusive, os preços cobrados à clientela estrangeira, diminuindo o pagamento do pessoal envolvido na mão de obra e deixando os fornecedores a ver navios, por tempo além do normal; se não me tivesse valido, mais tarde, do renome e do poder econômico para, de certo modo, obrigá-los a voltar a trabalhar com minhas empresas; se não me aferrasse à ideia de que deveria passar a imagem de pessoa culta, estudando os gestos pelo figurino dos homossexuais de inócua imersão no seio da sociedade feminina, afastando os maridos, deliberadamente, para melhor manipular a futilidade...

Percebeu que a lista iria forçosamente ter de crescer em itens, o que o fez temer pela segurança emocional. Desviou o padrão das observações íntimas:

— Não deveria estar agora refletindo sobre as lágrimas da família, ao invés de mergulhar tão fundo nos problemas concernentes ao desempenho profissional? Afinal de contas, nada se disse a respeito das lojas e das fábricas e estou empenhado apenas em saber por que razão meus pais se afastaram de mim, no que diz respeito ao que melhor possuía, ou seja, o discernimento profissional. Por que é que não me preocupo em investigar-lhes os sentimentos? Essas pessoas que me acolheram com tamanha felicidade e que me deram condições de me educar e que não me criticaram ferozmente, quando descobriram que dava vazão aos aspectos femininos da personalidade, essas pessoas devem estar presas à minha existência desde há muito mais tempo do que uma única encarnação. Como é que sou incapaz de me lembrar deles e de qualquer outro ser de meus relacionamentos de antes da última romagem terrena?

Notou que, de novo, tergiversava quanto ao mero aspecto sentimental.

— Se tivesse sido meu pai ou minha mãe os assassinados, como é que reagiria? Limitar-me-ia às lágrimas ou iria correr atrás dos bandidos?

A meditação destoava do sentido do perdão que fizera questão de incutir na mente desde os tempos em que se acostumara a pensar nos sequestradores como pessoas

desajustadas dentro do corpo da humanidade, por culpa das injunções políticas e econômicas, culturais e sociais, pessoas forçadas pelas circunstâncias adversas a conseguir recursos pelo modo mais rápido, embora muito mais arriscado.

— Eu não agi de maneira muito diferente, na verdade. A agilidade com que alcancei crescer financeiramente se deu às custas da ignorância, da riqueza, dos costumes e demais tópicos que interagem na sociedade capitalista. Se me tivesse dedicado, por exemplo, à confecção de roupas para pessoas pobres...

Sentiu que entrava no domínio das hipóteses. Não soube precisar o que aconteceria a partir da situação criada pela imaginação. Conhecera vários industriais do setor das roupas populares, muitos bem mais ricos do que ele, nem por isso, segundo o alcance de sua capacidade de observação moral, generosos ou humanitários. O lucro era a mola que unia a todos os empresários têxteis.

— Sinto-me profundamente injusto. Se começar a reconhecer os meus defeitos nos outros, vou concluir que o mundo só é ruim porque existem apenas Teos por aí. Onde se viu generalizar e concluir que a usura é regra para o procedimento dos meus pares?!

Agoniava-o a possibilidade de vir a ser perseguido por desafetos assediados pelas péssimas vibrações que emitia.

— Preciso melhorar o nível de compreensão das pessoas, no sentido de aceitar que todos estamos igualmente navegando pelas águas turbidas desse mar de lama atual, dentro da sociedade humana, mais especificamente brasileira. Deste lado, olhando a vida com olhos evangelizados, fica-me muito fácil de perceber os erros e defeitos. Contudo, assalta-me o medo de vir a falir novamente, caso me veja encarnado em quejandas circunstâncias.

— Você, caro Teo, está coberto de razão. É preciso enfrentar a realidade com armas mais adequadas. É da depuração da vontade que depende a evolução dos seres.

Teotônio se voltou para encarar Ari. Sentira-lhe a presença reconfortadora, como se os fluidos que recebesse reunissem o magnetismo da fé, da esperança e da caridade. As palavras propugnavam atitude pacífica em relação aos sentimentos de crítica quanto aos outros e também quanto a si mesmo.

— Estive falando em voz alta?

— Nem precisava. O que mais deseja é que alguém lhe dê atenção. Chegou a temer que pessoas mal delineadas física e psiquicamente se tornassem antagonistas suas. Aceite o fato de ter um amigo a filtrar-lhe os anseios de melhoria.

— Por que meus pais foram mostrados chorando? E também minha irmã?

— Porque sentem a sua falta.

— Mas eu lhes espezinhei tanto a paciência, envergonhando-os constantemente...

— O amor está acima das falhas pessoais. Aliás, o que é que os pais fazem desde que os filhos nascem, senão estimulá-los a aprender o que lhes irá fazer bem no mundo?!

— Tenho a certeza de que os desiludi, de que os frustrei, de que os magoei...

— Pois se aprenderam a lição com os pais deles, devem ter reagido em consonância com as leis de Deus, não aquelas que as religiões consignam como sagradas, mas as que se encontram indelevelmente registradas na consciência de todos os seres. Não foi você mesmo que concluiu que Deus só pode ser amor? Pois atribua as lágrimas de seus pais ao

amor que lhe têm e que os faz sentir-lhe a ausência, na lembrança dos melhores momentos de suas reuniões familiares.

— Quando vou poder saber quem sempre foram para mim?

— Quando for capaz de se dedicar, com esforço próprio, ao aprendizado das leis universais, lutando para fazer aos outros apenas o que gostaria que fizessem a você, na sábia, na definitiva lição do Cristo e de tantos outros benfeitores da Humanidade e da Espiritualidade.

37

PRIMEIRO PASSEIO

Sozinho no leito, Teo perguntava-se quando é que poderia excursionar pelo exterior do edifício.

— Se pude caminhar durante bom tempo até à aldeia...

Punha inúmeros pontos de interrogação junto à tal da aldeia. Quem seriam os moradores espirituais? Ou eram meros encarnados que lhe deram a impressão de vê-lo? Ou homens e espíritos misturados, uns dando-lhe atenção, outros às voltas com o incêndio? Por que teve a ideia de ter carregado uma criancinha, que só poderia estar tão morta quanto ele mesmo? Quer dizer que crianças se mantêm dessa forma no etéreo? Não seria mais justo pensar que os espíritos são todos muito antigos? Será que os pequerruchos, tal como ele, mantêm as sensações concernentes ao grau de desenvolvimento físico e mental da hora do trespasse? Como é que pode pegar fogo uma aldeia do plano espiritual? Não há diferenças essenciais entre os mundos, sendo as dimensões regidas por leis próprias à sua natureza?

Pensava nas implicações da existência ali de território delimitado fisicamente, quando se viu, de repente, diante de outro tipo de dúvida:

— Por que desejei saber do tenor, com quem compartilhei a felicidade de bons momentos de lazer, e olvidei Maria, a pequena que carregou no ventre o rebento de nossos amores juvenis?

la por aí quando entrou o instrutor e enfermeiro.

— Prezadíssimo Ari, à queima-roupa: por que devo ficar encerrado entre as quatro paredes deste recinto, se tenho desenvoltura para desfilas a convalescença pelos jardins da instituição?

— Vamos sair. Mas tem de me prometer não se interessar demasiado pelos aspectos históricos da arquitetura que irá observar. Nós temos departamento educacional que irá aparelhá-lo quanto aos conhecimentos, digamos, de cunho meramente cultural. Isso, no entanto, só lhe poderá ser ofertado, quando dominar os impulsos para a compreensão de todas as facetas psicológicas.

— Quer dizer: quando deixar de ser tão egoísta, preocupado apenas comigo mesmo...

— Você pensa que disse a maior verdade, entretanto, mesmo esse descortino se faz acompanhar de sutis vibrações deletérias, por reconhecer-se apaniguado por poder de percepção acima da normalidade.

— Então, será preferível calar-me...

— Não disse nem sugeri que seja assim. Deve ser o mais coerente com a intuição, de modo a exteriorizar com lealdade no que a mente vai imersa. Dessa maneira, irá aprendendo a perceber as nuances dos sentimentos, o que o levará a distinguir o que deva ser cultivado e o que deva ser extirpado.

— É um trabalho de jardineiro...

— Justa comparação, conforme a imagem que lhe passei...

— Perdão!

— Vamos ver se consegue levantar-se.

Teo esforçou-se, amparado pelo amigo.

— Sinto-me muito pesado. No entanto, lá na aldeia, sentia-me lépido, embora me tivesse cansado. Aqui parece que piorei muito.

— De forma alguma. Imagine-se na Terra. Em locais próximos ao mar, o caminhar é fácil. No alto das mais elevadas montanhas...

— É uma questão de rarefação atmosférica.

— Exatamente, guardados os parâmetros relativos aos ingredientes da composição desta esfera existencial.

— Por que é que tenho um corpo e me sinto imerso nele, como se vivesse na Terra e minha alma se alojasse na carcaça animal?

— Se tivesse estudado Espiritismo...

— ... *mea culpa*...

— ... saberia que este invólucro do espírito recebeu o nome de *perispírito*, bem como poderia também adquirir o conhecimento de que permaneceu com ele durante o tempo todo da encarnação. Feito de material cuja elasticidade se molda às circunstâncias do nascimento até a liberdade absoluta dentro do campo energético espiritual destas paragens vinculadas à imantação do ponto de inserção em que nos deparamos no Universo...

— Não se adiante nas explicações.

— Nem posso porque, neófito e aprendiz, conheço tão pouco que até o método de ensinamento não se adequaria com presteza e com...

— Já pensou se estas noções chegassem a mim, quando ainda aviventando aquele corpo material?

— Pois não se assuste se, um dia qualquer, lhe pedirem para descrever as sensações e demais aventuras da descoberta da essência desta dimensão aos encarnados,

através do mediunismo. Não é verdade que sua irmã vivia dizendo-lhe que os espíritos se comunicam com os mortais? Pois, então, tudo o que se sabe no âmbito próximo ao terrestre pode ser encaixado nas mensagens categorizadas como de personalidades espirituais iluminadas por saber incomum.

— Mas aí os espíritos mais importantes, os cheios de luz e sabedoria, os dotados de magnetismo apropriado para a imantação dos médiuns é que irão dedicar-se...

— Kardec dizia que aprendia muito também com os pobres sofredores pouco evoluídos.

— Por favor, não me lembre a minha ignorância nem a minha imprevidência.

— Fique tranquilo. De qualquer modo, o tema serviu para trazê-lo devagarinho até aqui fora.

Só então é que Teo se deparou com a paisagem suavíssima que ajardinava o prédio hospitalar. Aspirou o ar cálido e revigorante, como se estivesse repleto de essências medicinais.

— Ari, quero apenas que me confirme: não é verdade que as plantas estão distribuídas segundo seu poder curativo?

— Sim, mas, como lhe pedi, não inquiria mais nada. Ponha-se na condição de quem necessita restaurar as forças, esquecido dos acrescentamentos científicos do estudo das propriedades dos remédios. Não queira descrever subjetivamente as folhas, as flores, os arbustos e demais vegetação. Apenas considere-se feliz por estar em ambiente seguro e favorável. Esqueça-se das tribulações mentais provenientes dos desacertos de ontem. Dê um tempo de repouso, como se estivesse em férias de você mesmo. Saiba somente que, para você se sentir bem, existem muitos que trabalham para mantê-lo sereno, em paz consigo mesmo. Equilibre-se momentaneamente, ainda que possa o coração estar fremente por adquirir...

O restante da exposição perdeu-se para Teotônio, que se distendia como nos tempos da ginástica de alongamento, na extrema condição de relaxamento, para reabsorção energética dos tecidos. Mas a sensação agora era mais plena, mais integrada aos fluidos que promanavam de todos lados. Sem perceber, adormeceu, sem sonhos e sem agitações.

Quando acordou, estava de novo no quarto. Ari lhe aplicava um *passé* vigoroso, cuja virtude era capaz de perceber, mas com cuja natureza não atinava.

Vendo que acordava, o paramédico perguntou:

— Magia de feiticeiro ou mera transmissão de ondas psíquicas condensadas? Cabe a você expor o que acha.

— Acho que tenho muito que aprender.

MELHORIA ACENTUADA

Teo ficou vários dias indo e vindo do jardim, com a ajuda do amigo. Sentia-se cada vez melhor, à medida que avançava na aprendizagem dos itens consignados na cartilha. Os tempos de reclusão sob os cuidados de Severino iam sendo deixados para trás, de sorte que se livrava das pressões psíquicas causadas pelo mal-estar das lembranças desagradáveis. No entanto, avultavam os problemas decorrentes dos fatos da vida, cada vez mais vista como realização espiritual, onde os aspectos transitórios da matéria se adelgavam, se diluíam e, finalmente, se anulavam. Eram os relacionamentos que imperavam dentro de sua mente cada vez mais interessada em descobrir a relação maniqueísta de tudo: o que era o bem de um lado; o que era o mal de outro, como se tivesse sido ele quem devorara o fruto da árvore proibida. Nesse desempenho vital, imiscuía as presenças humanas, umas mais que as outras, mas todas importantíssimas para o contexto do procedimento evangelizado.

Apoiava-o o libreto, em que se desenvolviam as lições do Cristo, não apenas pelo discurso, como ainda e principalmente pelo exemplo de abnegação, de sacrifício, de renúncia, pelo amor aos seres resultante da compreensão de que todos somos filhos de Deus.

— Se me dessem a decorar os compêndios e os tratados, punha na memória palavra a palavra, que seria capaz de repetir salteado e de trás para a frente. No entanto, coagido pela retórica da pesquisa moral, não consigo me afastar dos acontecimentos a partir do momento em que me dei por gente. Se, aos treze anos, conforme desconfio, engravidei a mocinha, foi por irresponsabilidade compreensível e isso não deve preocupar-me, senão como tendência da personalidade, psicopatia existencial que devo ter mantido das épocas anteriores, o que me faz antever outros terríveis procedimentos a me tirarem o fôlego e a esperança de ter sido melhor, apenas impossibilitado de cumprir os tópicos da lei que me levariam a evoluir em virtude do abrupto corte da vida.

O pequeno poema da estrada não lhe saía da cabeça, não pelo tema ou pela forma, mas pela possibilidade que lhe abria de ter sido poeta em outra encarnação.

— Se estivesse vivo, como no momento me parecia, por certo deveria concluir que era tão só tentativa de ocupar o cérebro de modo criativo. Agora que sei que me encontrava sem o corpo denso, devo suspeitar de que carrego a regalia de me ter dedicado à beleza dos sentimentos e das emoções, para traduzi-las esteticamente. Se não for assim,

como compreender a facilidade com os traços e desenhos, com as cores e as composições dos figurinos? Tenho de reconhecer a forte propensão para o belo, o que deve haver originado de treinamento no campo artístico.

Estabeleceu também paralelo com a modelagem física, no culto da preservação dos ideais hedonistas a partir do narcisismo que o levava a considerar o corpo masculino muito melhor formado que o feminino, especialmente se trabalhado com inteligência, segundo as modernas técnicas.

— Estou a desviar o raciocínio para setores materiais, mas tenho a certeza de que o faço no intuito de me despertar para o entendimento da homossexualidade predominante no caráter. Quando vier a entender melhor quais os nós psicológicos que me prenderam fortemente aos encantos do meu próprio sexo, deverei sentir-me imune aos ataques maciços da consciência, porque poderei vir a sanar as deficiências, sem enredar-me moralmente nas preferências a estes e não àquelas.

Quando expôs com franqueza a Ari as íntimas proposições, percebeu que estava evitando enfrentar os problemas pessoais, os que advieram dos muitos contatos com diferentes rapazes e meninos.

— Não deveria investigar melhor quem eram espiritualmente os que se relacionaram comigo, a fim de caracterizar-lhes os cordéis que os conduziam, marionetes, desde as vidas anteriores?

— Você acha que pecou, que merecia ser castigado, que abusou dos recursos vinculados ao sistema reprodutor, dando-lhes destinação incompatível com os objetivos naturais? É isso?

— Não coloquei dessa forma, mas, se me visse perante seres de superior estratificação moral, sinto que me envergonharia, ao contrário de algumas declarações minhas de público, em rodízios de entrevistas divulgadas pela televisão, nas quais me ufanava (procurando manter a naturalidade) de haver conquistado muitos homens e mulheres, a quem considerava tão responsáveis quanto eu mesmo no desempenho sexual *intramuros*. Falava desabridamente, julgando que o escândalo que provocasse iria servir para derrubar os tabus sociais. Punha-me na vanguarda do movimento de liberação sexual, chegando a defender a ideia de que a meta da libertinagem daria ao povo condições de maior felicidade, de melhor aproveitamento dos recursos sensórios do organismo. Agora, o pensamento de que muitos não adquiriram os conceitos apesar de terem praticado o que preguei me deixa angustiado. Veja bem: estou declarando que fui ostensivo na manifestação do ideário quase pornográfico...

— Retire o *quase*.

— Certo. Fui o que deveria chamar de impudente, mas a simples atitude, sem a correlata pregação pública, serviria, neste momento, para as reflexões que levo a efeito. Em suma, quero saber o montante das dívidas para com os que se deixaram influenciar pelas palavras e pelas ações e qual há de ser o roteiro para o resgate de todas.

— Se eu tivesse domínio integral do que me pede, não estaria aqui a ouvi-lo, mas pairaria em regiões de maior pureza. Você quer transformar-me em ser de inefáveis virtudes. Meu caro Teo, pouco mais ou menos, o meu barco está a fazer a mesma quantidade de água. A vantagem que levo é de ter suplantado a pressa da refacção das premissas da primitiva pureza. O que lhe posso dizer é que essas coisas levam milênios ou,

no dizer de Kardec, milhares de séculos, para serem supressas definitivamente do caráter. Mas estou contentíssimo por demonstrar-me o quanto tem progredido. A prosseguir neste passo batido, em pouco tempo, irei recomendar que frequente as aulas de nossa **Escolinha de Evangelização**, onde receberá orientação adequada ao nível intelectual, para o preparo dos sentimentos com vistas aos encontros com os seres a que fez referência.

— E quanto a Maria, a jovenzinha que engravidei, posso pedir-lhe que projete sua imagem atual?

— Restrinja-se a admitir que sua capacidade de absorção dos deveres paternos está defasado, como estava na própria época do namoro. Não queira ser apenas curioso. Vamos supor que ela tenha engravidado, como lhe disseram, mas não de você. Qual seria sua atitude?

A hipótese pareceu absurda ao aturdido discípulo, que punha nas palavras do instrutor muito mais verdade do que fariam crer a qualquer um. Mesmo assim, atreveu-se:

— Terá sido engravidada por alguém cuja responsabilidade era maior do que a minha?

— A que vem a observação? Quer dividir as despesas morais ou, simplesmente, deseja afastar de si o cálice das amarguras?

A resposta de Teo foi o silêncio.

RECUPERANDO A IDENTIDADE

Teotônio avançava célere na apreensão dos elementos contidos nas lições do catecismo etéreo. Solidificava os conhecimentos, analisando o próprio espírito e todos os matizes de comportamento da curta e derradeira vida.

— Honestamente, este sistema de absorção dos valores evangélicos limitado a uns poucos anos de existência carnal põe-me em dúvida constante quanto ao que sou desde sempre e em que ponto evolutivo me encontro. Caro Ari, não seria exequível propiciar-me a recordação de uns poucos fatos de vidas anteriores?

— Sua observação pressupõe que o bloqueio da memória está sendo provocado por nós outros, porque o mantemos desperto e isento da maldade dos seres vingativos.

— Pelo que pude deduzir das informações truncadas que me passa, parece-me que existem descrições psíquicas ou relatos das venturas e desventuras da minha personalidade no arquivo da instituição.

— Mas isso não quer dizer que tenhamos o dom de impedi-lo de se recordar de nada.

— Como é que sou capaz de minuciar tudo desde o ingresso na carne, até mesmo em idade intra-uterina? Existe obstáculo, com certeza, para a incursão aos feitos de outrora.

— Tal obstáculo, havemos de convir, não tendo origem fora de seu espírito, deve encontrar-se naturalmente...

— Eis a palavra que buscava.

— Não se precipite, por favor!

— Não vou explorar pejorativamente a intuição ou inspiração. Não sei caracterizar precisamente, pois posso estar tendo uma ideia minha como posso estar sendo brindado por alguma entidade que cuida de mim, a partir de plano etérico superior.

— Quer dizer...

— Quer dizer, meu anjo guardião, aquele ser que se considera responsável pelo meu adiantamento nas sendas do Senhor.

— Diga lá!

— A palavra é *natureza*. Eu me explico: todo espírito guarda dispositivo primitivo que lhe serve para o esquecimento, momentâneo ou não (preciso descobrir), dos fatos mais terríveis provocados por sua maneira de ser. Se estou tendo graves problemas de adaptação à realidade espiritual, quanto mais não teria se descobrisse outras descortesias, outros crimes, outras irresponsabilidades, outros desvios quanto à vida gregária e quanto ao empenho que deveria ter aceitado de desenvolver-me as qualidades, na restrição consequente dos maus pendores, dos vícios, das mazelas psíquicas e demais erros de interpretação do que seja agir em consonância com as leis cósmicas, justamente aquelas que me farão ascender em paz aos páramos quintessenciados do reino de Deus?! Quando vocês me impedem até de me aproximar dos seres amados, vivos ou mortos, com certeza para que minhas vibrações deletérias não venham a prejudicá-los, estão fazendo uso do mesmo princípio imanente do esquecimento.

— De onde lhe vêm os recursos retóricos?

— Com certeza, do exercício segundo as prescrições da cartilha vermelha.

— Nada guarda vínculo com os dons e pendores intelectuais?

— Claro que sim. Acredito que certas pessoas não chegam a ter necessidade de tais esclarecimentos, enquanto outras devem arrastar-se, ignaras, pelas trevas exteriores, onde o ranger de dentes das Escrituras...

— Muito bem colocado. Mas diga-me quais são as *intuições* ou *inspirações* que lhe estão definindo os primeiros traços da personalidade herdados da condição existencial anterior à encarnação?

— Acredito piamente que devo ter exercido o *métier* que assegura aos poetas o contato com os mistérios do espírito no campo da sensibilidade, aquele devaneio que transfigura a realidade e erige a beleza como o modelo exponencial do viver.

— E que isso tem de ver com os ensinamentos de Jesus?

— Eis perquirição que seria bem mais adequada, caso tivesse conhecimento exato de como me apliquei no desempenho das virtudes poéticas, o que me obrigaria a pesquisar, de maneira prática...

— Não estaria o amigo desejoso de penetrar através das fissuras do bem e do mal que a contextura da psique, por conclusão lógica ou psicológica, científica ou filosófica, devem estar apresentando? Ou estaria sugerindo que baníssemos da República, como o fez Platão, a poesia e os seus cultores?

— Refletindo a fundo, não devo temer nenhuma das proposições, caso contrário estaria pondo eu mesmo aqueles obstáculos que chamei de naturais à revelação da verdade. Todo conhecimento integrado ao extenso volume do saber *que me cabe neste minifúndio* haverá de somar para o efeito da melhoria de meu ser.

— Mesmo se você descobrir aspectos de terrível configuração moral?

— Ainda assim, porque me sinto fortalecido e amparado.

— Prepare-se para o enfrentamento de você mesmo.

Teo sentiu forte tremor mas manteve-se firme em sua decisão:

— Estou preparado.

— Vamos ter de sair deste edifício. Em outro prédio, encontram-se as câmaras de restauração da identidade. Não se assuste com o aparato técnico, com os fios, com as paredes e portas maciças, com as luzes e instrumentação dos monitores externos, com os

odores e a fumaça do pequeno recinto em que será encerrado. Tudo se mantém sob rigoroso controle de equipe especializadíssima, especialmente treinada para a tarefa. O que não lhe posso prometer é que seja você a mesma pessoa que irá sair da experiência.

— Existem casos de fracassos e de desilusões?

— Nenhum que não tenha sido convenientemente tratado, em tempo mais ou menos longo, segundo as dificuldades dos que se haviam convencido de que estavam seguros das reações, para a imersão em minúscula fase do crescimento espiritual fundamentado em diferentes contextos existenciais. Se conseguir manter os elementos acrescidos no recente período de aprendizagem, irá efetuar a crítica construtiva de si mesmo.

— Como acha que reagirei?

— Meu ponto de vista não merece consideração. Em todo caso, devo dizer que, quaisquer venham a ser os percalços sentimentais, você reúne condições intelectuais para a compreensão de tudo que lhe for despertado por indução vibratória. Se não estiver absolutamente propenso ao entendimento, a sua memória, naturalmente (como você mencionou), irá refugar os estímulos.

Enquanto conversavam, adentraram pelo outro prédio, perpassando por diversas salas ocupadas por estranhas aparelhagens, até que ingressaram em minúsculo compartimento, onde havia um leito e diversos botões ao alcance de quem se deitasse. Do lado de fora, pessoas vestidas de branco (seriam médicos ou apenas técnicos?) assinalaram a Ari que poderiam atender ao figurinista.

— Agora deve relaxar. Não se esqueça de que nada irá acontecer nesta câmara. Pense como alguém prestes a ser hipnotizado, sabendo de antemão que irá viver uma vida de mentira, embora as impressões e as sensações possam parecer exaustivamente reais, como são as lembranças recentes. Espere que a lâmpada verde se acenda e acione o botão vermelho. É só isso. O resto vai ficar por nossa conta. Boa sorte!

— Muito obrigado, amigo!

— Fique com Deus!

Uma hora depois, Teo era levado sem sentidos de volta ao hospital. Todos os registros indicavam que a recuperação era de esperar-se sem problemas. Ari constatara que a penúltima encarnação estava disponível na memória. Vingara a experiência.

DESPERTAR

Realmente, quando Teo recobrou os sentidos, estava visivelmente mudado. A espontaneidade das perguntas e a naturalidade das respostas haviam cedido para carranca de suspeito contraste em relação aos demais seres internados na casa de saúde.

Ari percebeu o novo semblante do discípulo e se calou, a ver até onde a influência das recentes descobertas poderiam afetar o interesse pelo conhecimento científico da realidade.

— Caríssimo mentor, estou arrasado com o que me foi dado observar nos tempos anteriores. Penso que lhes tenha dado especial cuidado, para o aviventar da consciência.

— Se isso lhe puder servir de consolo, saiba que não fizemos nada demais. Apenas o transportamos para cá e lhe demos a atenção normal que se dedica a todos os que se sentem debilitados emocionalmente. Cuidados maiores tivemos quando chegou do mundo exterior.

— Eu me senti, contudo, muito pior, como se estivesse carregando o mundo às costas.

— Mera impressão causada pelas sensações de desconforto moral.

— Tem você conhecimento dos fatos relativos à minha vida anterior e aos eventos que concorreram para a última passagem terrestre?

— Não me estimulei a saber especificamente o que fez para derrear tão fortemente. Imagino, pelo que tenho visto frequentemente, que os ganhos morais de lá para cá fizeram com que fosse capaz de analisar com propriedade quais os interesses íntimos que desencadearam as ações que levou a cabo. Quanto aos episódios que lhe provocaram tão dolorosas reações, não me provocam nenhuma curiosidade. Estavam no esquecimento e podiam ser intuídos. Você achou que precisava comprovar que, de fato, era menos desenvolvido. Teve a sua oportunidade. É só. Agora é enfrentar os débitos, caracterizando-os o melhor possível para o trabalho de resgate.

— Quero saber se todas as pessoas têm o privilégio de conhecer os meios para a superação das dificuldades. Calculo que sim, porque Deus é pai de infinita misericórdia, mas o que me atija é se a formulação encontrada para mim é a mesma, por exemplo, do meu assassino, aquele irmão que acionou o gatilho.

— Cada pessoa irá trilhar o caminho que se coaduna com o nível de desenvolvimento espiritual do momento. Talvez não lhe interesse mais saber que, em épocas mais pregressas, você esteve metido em outras trapalhadas, com certeza bem mais pungentes. Entretanto, se tiver paz, poderá, em tempo oportuno, ir descerrando todo o passado, de forma a perceber como é que vem resolvendo os problemas da personalidade.

— Você fala como se eu estivesse prestes a me integrar no sacrossanto ambiente socorrista da colônia.

— Sem dúvida. Aliás, só está aqui porque os superiores o julgaram apto para sofrer o noviciado evangélico. Após diversos cursos, cujos roteiros lhe serão apresentados em breve, será colocado em grupo de atendimento de pessoas carentes, de acordo com os dotes espirituais mais pronunciados na personalidade.

— Que devo fazer com o conhecimento de quem são os meus pais, a minha irmã, os avós e sobrinhos, os tios e primos e demais parentela?

— Não é verdade que a maioria o estima com sentimento arraigado desde outros contatos existenciais?

— A surpresa foi encontrar quem tenha aceitado partilhar de minha companhia na carne, sob a égide do sacrifício.

— Da sua parte, os antigos ódios prevalecem ou julga que tenha feito valer o mesmo perdão estendido aos que o despojaram da vestimenta material?

— Qual é a vibração que emito e que você, bom amigo, tem condições de avaliar?

— A pergunta que fiz não é retórica. O que observo é que está muito concentrado nos problemas, a ponto de impedir-me o livre trânsito em sua mente. Tanto isso poderá estar ocorrendo por sentimentos de caráter negativo quanto positivo.

— Pensei que lhe fosse meu espírito um livro aberto.

— Engana-se quando supõe que seja eu tão perspicaz.

— O que o impede de ser?

— Estou, vamos assim dizer, na primeira linha de atendimento. Deixo-me, facilmente, envolver nas nuances emotivas dos assistidos. Imagine um ser de elevados poderes, espírito de luz, alguém cuja responsabilidade se estende por diversos povos, um administrador sideral. Terá ele de se preocupar se algum dos bilhões de seres está passando por fase de depressão e tristeza? Não. E por quê? Porque conhece todas as causas e todas as consequências, todos os remédios e todos os delíquios.

— Estou entendendo perfeitamente. Sinto que o instrutor está desejoso de me fazer sentir melhor, partilhando dos efervescentes mistérios da psique arruinada.

— Não tire conclusões precipitadas. Estabeleça, como critério de ação, a vontade de adquirir, o mais cedo possível, o domínio de si mesmo, em função da ajuda aos semelhantes. Faça como não fez o rico que não vendeu as propriedades e não seguiu o Cristo. Despoje-se de todos os dramas e fortaleça o ânimo para as crises que advirão ao se defrontar com as acusações e invectivas dos seres cujo vínculo com você foi revelado. Esteja convicto de que todos devem passar por igual aprendizado, de sorte que a responsabilidade evolutiva depende apenas de cada um. O que podemos fazer é incentivar a resolução dos problemas e a aquisição das virtudes.

— Vamos supor que me revolte e deserte para além das muralhas da colônia. Você está afirmando que não irá merecer nenhuma represália dos dirigentes, embora possa

sentir-se magoado por não haver encontrado os recursos mais adequados para me convencer a melhorar. É isso?

— Se me sentir magoado, poderei retardar o aprendizado dos elementos socorristas que me faltam. Deliberaria estudar as razões da dissensão e perseguiria o objetivo de vê-lo de novo sob os cuidados desta casa. E nada faria sozinho, mas com o pessoal que comigo atua, porque nada neste setor depende do exercício individual do socorrismo.

— Devo concluir, por força das lições que sub-repticiamente me fornece, que sou por demais individualista...

— Não foi esse o maior mal evidenciado pela regressão da memória?

— E quando, após milênios trabalhando com grupo coeso e amoroso, estiver apto a ingressar na esfera seguinte, terei de abandonar os companheiros? Não terei criado laços sentimentais inúteis? Não me sentirei frustrado por trabalhar apenas para o meu próprio progresso?

— Reflita sobre isso.

Teo imergiu profundamente nos raciocínios. Não demorou a observar:

— Deixarei para trás amigos virtuosos e me encontrarei com outros ainda mais excelentes. Poderei auxiliar os menos perfeitos, da mesma forma que estou recebendo ajuda neste ambiente amável. A reunião final se dará na perfeição do Senhor.

— Preencha esta ficha de inscrição. Após ler todos os itens do catálogo de cursos, escolha o que julgar o mais conveniente. A partir de amanhã, vida nova.

— Não será este requerimento mera formalidade para me provar que a escolha não foi a mais feliz?

— Com certeza, mas dará ao encarregado de recebê-lo condições para abrir o diálogo das expectativas. Seja o mais rigoroso possível na opção, como está sendo arguto na percepção da finalidade do requerimento.

Teotônio se sentiu, de novo, reintegrado a si mesmo. Deixava para trás as preocupações meramente formais. Dava-se inteiramente ao futuro naquela casa de atendimento evangélico. Transformava o passado de imperfeições em painel de fundo no palco em que deveria atuar. Abraçou longamente o amigo e instrutor, desta feita sem lágrimas, e agradeceu ao Pai, sem traduzir em palavras, o beneplácito do descortino espiritual.

Indaiatuba, de 01.12. 95 a 02.02.96.